

FERNANDO DEGRANDIS

PARTICIPAÇÃO SOCIAL E CRESCIMENTO NA FÉ DE JOVENS – UMA REFLEXÃO A
PARTIR DO TRABALHO COM ADOLESCENTES E JOVENS NO SERVIÇO DE
PASTORAL ESCOLAR NO COLÉGIO NOSSA SENHORA AUXILIADORA DE RIO
PARDO – RS

Dissertação de Mestrado Profissionalizante

Para obtenção do Grau de Mestre em
Teologia
Escola Superior de Teologia
Instituto Ecumênico de Pós-Graduação
Mestrado Profissionalizante em Teologia –
Educação Comunitária com Infância e
Juventude

Orientador: Dr. Nelson Kilpp

São Leopoldo

2009

À comunidade escolar do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora de 2005 a 2008, quem tanto me ensinou sobre educação e Pastoral Escolar. Destes, com um carinho muito especial à Ir. Terezinha Volpato e a prof.^a Mariza Baierle Ferreira: colegas, pastoralistas, amigas, testemunhas do Reino! E também ao grupo de jovens PJAX, pela simplicidade e ousadia irradiante e encantadora!

“Acho que eu colocaria Deus numa mistura, não um Deus branco, nem um Deus negro, não um Deus rico, mas também não pobre, mas uma mistura de um Deus e poder olhar para ele e dizer: ele sim é a mistura de todos os que ele protege.” (Aluna 5)

“Uma coisa que eu posso mudar o mundo é com o meu sorriso. Tipo, se eu tenho um mundo completamente triste, e eu conseguir fazer uma pessoa feliz, eu já vou estar satisfeito. Porque essa pessoa vai alegrar outra pessoa que vai alegrar outras pessoas. Que assim seguirá completando o mundo.” (Aluno 8)

RESUMO

PALAVRAS-CHAVE: Religiosidade, participação, juventude, Pastoral Escolar.

O presente trabalho tem como objeto de estudo a relação entre religiosidade e participação social no trabalho com adolescentes e jovens na Pastoral Escolar. Para tal, foi realizado um estudo de caso no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, de Rio Pardo – RS. Como a análise feita tem como pano de fundo a Pastoral Escolar de uma escola confessional católica, o conceito e as orientações sobre juventude e educação nos documentos eclesiais – incluindo o Projeto Educativo das Irmãs do Imaculado Coração de Maria, mantenedoras do Colégio Auxiliadora de Rio Pardo – compõem a primeira parte do trabalho. Influenciada por uma compreensão pastoral com princípios na Teologia da Libertação e no cuidado com o povo marginalizado, grande parte dos documentos eclesiais da América Latina – incluindo o das Irmãs do Imaculado Coração de Maria – tem uma compreensão social de juventude e de educação, e uma espiritualidade concreta. Com o passar do tempo, esta compreensão libertadora começa a dar espaço para uma posição mais moderada, que fragmenta o ser humano, separando religiosidade e dimensão política. Contudo, a opção preferencial pelos jovens e pelos pobres na América Latina continuou sendo reafirmada pelas diferentes instâncias da Igreja Católica, o que inclui as escolas. O último capítulo e as considerações finais retratam uma pesquisa sobre estas opções da Igreja Católica em uma comunidade específica: o Colégio Auxiliadora de Rio Pardo. Foram entrevistados oito jovens estudantes e seus pais no intuito de investigar como o Serviço de Pastoral Escolar auxilia na relação entre religiosidade e participação social. Percebeu-se que a relação entre essas dimensões humanas, de fato, existem na vida dos educandos e que suas faces e relações são diversificadas. Constatou-se, entre outros elementos, a

existência de uma fé vibrante, dinâmica, amiga e encantadora, que acompanha o cotidiano dos estudantes, e que a escola também é uma comunidade onde eles e elas conseguem amadurecer sua fé.

ABSTRACT

KEY-WORDS: Religiosity, participation, youth, school pastoral

This paper aims studying the relation between religiosity and social participation on the work with adolescents and young people in school pastoral. For such a aim, it was made a case study at the college Nossa Senhora Auxiliadora, from Rio Pardo City, Rio Grande do Sul State. As the analysis done has, as its background, the school pastoral of a confessional Catholic school, the concept and the directions on youth and education present in the ecclesial documents – including the Projeto Educativo das Irmãs do Imaculado Coração de Maria, which support the college Auxiliadora de Rio Pardo – constitute the first part of this dissertation. Influenced by a pastoral comprehension, with principles on the Theology of Liberation and on the care with the marginalized people, many Latin American ecclesial documents – including the one from the Irmãs do Imaculado Coração de Maria – has a social and educational youth comprehension, and a concrete spirituality. Over time, this liberating comprehension starts giving attention to a more moderate position, which fragments into parts the human being, separating religiosity and political dimension. However, the preferential option for the youth and the poor in Latin America continued being affirmed by various bodies of the Church, which includes schools. The last chapter of this paper and its final considerations portray research on this options by the Catholic Church in a specific community: the college Auxiliadora de Rio Pardo. Eight youth students and their parents were interviewed. The aim here was investigating how the school pastoral service helps in the relation between religiosity and social participation. It was realized that the relation between these human dimensions, *de facto*, exist in the students' life and that their faces and relations are diversified. It was seen that, among others elements, the existence of a vibrating,

dynamic, friendly and enchanting faith, that is part of the daily life of the students, and that school is also a community where they do develop their faith.

LISTA DE ABREVIATURAS

CF	Campanha da Fraternidade
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
CNBB Sul 3	Regional do Rio Grande do Sul da CNBB
CELAM	Conselho Episcopal Latino-Americano
CRB	Conferência dos Religiosos do Brasil
DNJ	Dia Nacional da Juventude
ICM	Congregação das Irmãs do Imaculado Coração de Maria
PJ	Pastoral da Juventude
PJ's	Pastorais da Juventude
PJB	Pastorais da Juventude do Brasil
PJE	Pastoral da Juventude Estudantil
SPE	Serviço de Pastoral Escolar

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO 1: A JUVENTUDE NOS DOCUMENTOS DA IGREJA.....	14
1.1. Juventude na Bíblia: um breve resgate.....	14
1.2. Juventude nos documentos eclesiais.....	17
1.3. O olhar das Pastorais da Juventude sobre a juventude.....	21
1.4. Juventude no Projeto Educativo ICM.....	27
CAPÍTULO 2: IGREJA E EVANGELIZAÇÃO ATRAVÉS DA EDUCAÇÃO.....	31
2.1. Contextualizando a discussão.....	31
2.2. Educação nos documentos eclesiais.....	33
2.3. Educação para as Irmãs do ICM.....	38
2.4. Educação e juventude.....	42
CAPÍTULO 3: A RELAÇÃO ENTRE FÉ E PARTICIPAÇÃO SOCIAL: ANÁLISE DE UMA EXPERIÊNCIA CONCRETA.....	47
3.1. O trabalho da Pastoral Escolar junto aos adolescentes e jovens no Colégio Auxiliadora de Rio Pardo.....	47
3.2. A pesquisa com os estudantes.....	50
3.3. A pesquisa realizada com os pais dos estudantes.....	53
3.4. Percepções gerais da pesquisa.....	55
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	62
REFERÊNCIAS.....	67
ANEXO A – ROTEIRO ORIENTADOR DAS ENTREVISTAS COM OS JOVENS.....	71
ANEXO B – TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS COM OS JOVENS.....	73
ANEXO C – RESPOSTAS DO QUESTIONÁRIO ENVIADO ÀS FAMÍLIAS.....	115

INTRODUÇÃO

O Serviço de Pastoral Escolar é ainda um elemento novo nas escolas confessionais; principalmente nas escolas das Irmãs do Imaculado Coração de Maria (ICM) onde deveria ser o serviço de “articulação” dentre os demais, o trabalho é progressivo, mas incipiente. A falta de estudos acerca de questões concretas da escola a partir deste serviço também constitui um desafio desta dissertação. A necessidade de pensar um projeto de educação com os educandos a partir da pastoral (como elemento básico da proposta da escola confessional) merece atenção. Na experiência deste setor no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora de Rio Pardo, ele se articula como ambiente de celebração, mas também de reflexão e proposição de ações e momentos para crianças, adolescentes, jovens e adultos envolvidos na comunidade escolar.

É perceptível o crescente envolvimento da comunidade escolar nas atividades da Pastoral Escolar no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, principalmente com os alunos e alunas. Destaque tem sido a maneira como os estudantes das séries finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio têm assimilado as questões de religiosidade e de pastoral.

Por se tratar de uma escola particular situada no centro da cidade (a única particular da cidade, inclusive atendendo alunos de cidades vizinhas que não possuem colégio particular), o senso comum considera os jovens deste espaço como pessoas afastadas da religião, principalmente as tradicionais. Contudo, há uma crescente reaproximação dos jovens alunos do Colégio Auxiliadora à questão religiosa. A religiosidade, aos poucos, tem se tornado uma questão fundamental no cotidiano escolar, mas não de uma maneira tradicional ou sem sentido, e sim de uma forma que celebra a vida de cada pessoa e da comunidade escolar como um todo, inclusive

valorizando os símbolos e sentimentos das pessoas desta comunidade¹ e recriando ritos celebrativos na vida.

Num contexto mais amplo, a juventude brasileira tem colocado a religiosidade em sua vida. Quando, em 2004, foram divulgados os primeiros dados da pesquisa nacional “Perfil da juventude brasileira”, realizada pelo Instituto Cidadania, uma das surpresas foi o grande destaque dado pelos jovens à religiosidade. Além da já esperada diminuição do número de católicos e do aumento dos pentecostais, surpreenderam aspectos como a grande maioria (99%) da juventude acredita em Deus e acha essencial o valor da religiosidade e do temor a Deus para a sociedade atual.

Os adolescentes e jovens que estudam no Colégio Auxiliadora fazem parte de um contexto brasileiro, onde se tem uma ligação muito forte com Deus e com a religiosidade, mas onde também é crescente o número daqueles e daquelas que se denominam “sem religião”.

No início do ano de 2004, quando foram divulgados os primeiros resultados da pesquisa “Perfil da juventude brasileira”, que ouviu 3.501 jovens de 15 a 24 anos, contemplando as diversidades geográficas e diferenças de renda, alguns dados sobre religião chamaram logo a atenção.

Nessa pesquisa declarou-se ateu apenas 1% dos entrevistados [...]. A religião ocupou um lugar surpreendente entre os assuntos que os jovens gostariam de discutir não só com os pais, mas também com os amigos e com a sociedade [...]. Além disso, na parcela de 15% de entrevistados que – por meio de respostas espontâneas e múltiplas – declararam participar de grupo de jovens, no topo do ranking estavam “os grupos da Igreja” [...]. Também nas respostas estimuladas sobre participação em associações e entidades, mais uma vez o “grupo religioso” se destacou. Chamou a atenção, ainda, entre as coisas que eles mais gostam de fazer no fim de semana, o destaque para a alternativa “ir à missa – igreja e culto” [...]. Por fim, como compreender que entre os valores mais importantes para uma sociedade ideal um número significativo de jovens (em resposta única) destacasse o “temor a Deus”?

[...]

Os jovens brasileiros, nascidos do final da década de 70 para cá, encontram o mundo mudado. Eles fazem parte de uma geração pós-industrial, pós-Guerra Fria e pós-descoberta da ecologia. Vivem as tensões e os mistérios do emprego, da violência urbana e do avanço tecnológico. Em um contexto de intensificação da difusão de informações, a cultura midiática também oferece espiritualidades. Para os jovens de hoje, multiplicam-se igrejas e grupos de várias tradições religiosas. Para eles também existem possibilidades de combinar elementos de diferentes espiritualidades em uma síntese “pessoal e intransferível”. Em síntese: nos dias atuais, surgem constantemente novas

¹ Entendo por comunidade um grupo de pessoas que têm algo em comum para celebrar e a fazem cotidianamente, como o Colégio Auxiliadora, e não necessariamente um grupo de pessoas ligadas a um prédio-sede de determinada denominação religiosa, definido por uma área geográfica.

possibilidades sincréticas que, ao mesmo tempo, (re)produzem identidades institucionais e até novos fundamentalismos.²

Regina Novaes chega a sugerir, em sua interpretação à pesquisa do Instituto Cidadania, que a crescente preocupação da juventude com a religiosidade pode estar associada a um dos principais medos da juventude pós-moderna brasileira: o medo de *sobrar*³ numa sociedade individualista e classificatória. Pode ainda estar associada ao medo de morrer (que, segundo Novaes, faz parte da tríade dos grandes medos da juventude brasileira atual, ao lado de *sobrar* e de estar desconectado).

O que está claro, tanto em âmbito nacional – representado pela pesquisa do Instituto Cidadania – como em âmbito local – nas percepções no Colégio Auxiliadora –, é a necessidade que os jovens têm de espiritualidade e religiosidade. Evidente também que o modo de cultivar esta necessidade se dá de muitas formas. O que se quer com este trabalho é investigar como se dá, na pessoa do jovem, o crescimento da fé e o quanto isso interfere na relação social e política da vida da pessoa jovem.

Assim, a análise parte de uma perspectiva micro, do trabalho em uma comunidade de pessoas de interesse, o Colégio Auxiliadora a partir da Pastoral Escolar. Neste serviço tem chamado a atenção o acompanhamento e o desenvolvimento da fé dos adolescentes e jovens e o crescente envolvimento dos mesmos na vida comunitária do colégio ou da cidade. Na medida em que aumentam sua participação no Serviço de Pastoral Escolar e que tornam sua vida de fé mais consciente, surgem novas propostas e ações.

A fé não é um elemento isolado e mágico, mas relacionado à nossa vida inteira e de modo integral, como nos lembra Fowler:

A fé forma uma maneira de ver a nossa vida diária em relação a imagens holísticas daquilo que podemos chamar de ambiente último. A ação humana sempre implica respostas e iniciativas. Moldamos a nossa ação (nossas respostas e iniciativas) em conformidade com o que vemos estar acontecendo. Procuramos adequar as nossas ações, ou opô-las, a padrões mais amplos de ação e sentido. A fé, ao nos vincular a centros de valor e poder e ao nos unir de modo triádico a comunidades de lealdade e confiança partilhadas, dá forma e conteúdo à nossa imaginação de um ambiente último.⁴

²ABRAMO, Helena W. e BRANCO, Pedro Paulo M.(org.) **Retratos da juventude brasileira**: análises de uma pesquisa social. São Paulo: Fundação Perseu Abramo e Instituto Cidadania, 2005. P. 263 – 265.

³ Cf. ABRAMO e BRANCO. 2005. P. 282.

⁴ FOWLER, James W. **Estágios da fé**: a psicologia do desenvolvimento humano e a busca de sentido. São Leopoldo: Sinodal, EST, 1992. P. 32.

Parte-se do pressuposto de que o crescente envolvimento social dos educandos tem relação com o acompanhamento do Serviço de Pastoral ao seu desenvolvimento integral – especialmente da fé. Essa perspectiva já foi apontada pelas Pastorais da Juventude (PJ's), mas ainda não foi investigada cientificamente. Acreditamos que esse processo não é puramente social ou técnico, no sentido de 'treinamento' ou 'capacitação'. Desta forma, analisar como alguns jovens se percebem (ver o jovem por ele mesmo) e como os pais destes mesmos jovens percebem este crescimento de seu filho se torna fundamental para refletir a ligação entre participação social e fé na vida diária.

Antes de analisar os dados da pesquisa com as pessoas envolvidas, consideramos necessário levantar alguns conceitos sobre juventude e sobre Pastoral Escolar nos documentos oficiais da Igreja Católica e, especialmente, nos documentos das Irmãs do Imaculado Coração de Maria, identificando os referenciais institucionais para a ação local.

Os dados das entrevistas e dos questionários realizados com adolescentes e jovens bem como seus pais, fecharão este trabalho, mostrando, concretamente, o crescimento da pessoa do educando com o apoio da Pastoral Escolar, tanto com alunos que participam diretamente dos grupos de convivência, quanto alguns que são atingidos por este setor em âmbito geral.

Este trabalho pode ser subsídio para ações de evangelização e promoção da vida humana em outras escolas do Brasil. Em todo caso é a sistematização de anos de trabalho pessoal, dedicação e realização enquanto educador, que “brinda” a maravilha e a novidade do trabalho com a juventude⁵.

⁵ Enquanto educador de Pastoral Escolar permaneci quatro anos letivos no Colégio Auxiliadora (de 2005 a 2008), mas que foi continuidade de um trabalho de cerca de 10 anos proporcionado por outros educadores que passaram pelo Colégio.

CAPÍTULO 1: A JUVENTUDE NOS DOCUMENTOS DA IGREJA

1.1. Juventude na Bíblia: um breve resgate

A ação pastoral que se realiza contemporaneamente é continuidade da história do povo de Deus para os cristãos. Parte desta história, vivências e compreensões estão escritas na Bíblia, livro que se tornou sagrado para o cristianismo. “A Bíblia é a história da vocação de um povo. É o álbum das pessoas chamadas, homens e mulheres, rapazes e moças, jovens e velhos, casados e solteiros. É o espelho de nossa caminhada, a história da nossa vocação.”⁶

Neste referencial – desde a criação, passando pelas profecias da espera do Salvador até as primeiras comunidades que se formaram segundo o ensinamentos do Cristo – as Igrejas Cristãs buscam fundamentar sua ação evangelizadora, para justamente dar continuidade a esta história, adaptando-a a seu contexto.

Quando pensamos na proposta cristã – baseada na Bíblia – para a juventude, podemos fazer algumas considerações. A primeira delas é que o Reino de Deus é para todos e todas, especialmente os mais excluídos, como nos lembra o sermão da Montanha (Mt 5, 1 – 12). E neste sentido Hilário Dick⁷ nos lembra, em seu livro “Gritos Silenciados, mas evidentes”, que a juventude é um grupo social muitas vezes esquecido na história da humanidade, tanto na arte, música educação, políticas públicas como na própria Igreja. Sempre esteve presente ajudando a construir história, mas poucas vezes foi lembrada ou lhe foi oportunizado o direito a seu protagonismo.

⁶ MESTERS, Carlos. **Juventude: vocação e compromisso à luz da palavra de Deus**. In: Curso de verão ano XXI: Juventude, caminhos para outro mundo possível. São Paulo: Paulus, 2007. P. 88.

⁷ DICK, Hilário. **Gritos silenciados, mas evidentes: jovens construindo juventude na história**. São Paulo: Loyola, 2003.

Contudo, mesmo que sejam poucas, existem significativas experiências registradas na Bíblia com a presença de jovens.

Javé chama o jovem Jeremias (Jr 1, 4-10). Acredita no poder desta pessoa, incluindo sua vitalidade jovem. Mas Jeremias tem medo, e recusa: “Mas Senhor, ainda nem sei falar, porque sou jovem”. Mas Javé reforça seu convite: “Não temas, pois eu colocarei minhas palavras em sua boca; irás onde eu te enviar, estarei com você.” Foi assim também com Samuel (1 Sm 3).

No Novo Testamento é a jovem Maria que possibilita o nascimento do Deus-humano. É o jovem solteiro Jesus de Nazaré que se faz o centro da proposta Cristã. Foi reconhecido como possuidor de grande sabedoria, ainda enquanto adolescente, no templo (Lc 2, 41-51). Foi precedido por seu primo, João Batista, que, ainda jovem, foi reconhecido como grande profeta, aquele que “preparou os caminhos do Senhor” (Mt 3, 1-4). Para tornar mais pública sua missão, chamou doze discípulos, dentre eles alguns jovens. E foi também na sua chamada ‘vida pública’ que Jesus encontrou a figura misteriosa que ficou conhecida como ‘o jovem rico’(Lc 18, 18-23). Jesus apresentou sua proposta ao jovem, de seguir os mandamentos, de seguir o próprio Jesus e de vender o que tinha e doar aos pobres. Mesmo na intenção de ganhar o Reino dos Céus, o jovem, diante da perspectiva do que teria que abrir mão, voltou, triste, sem acolher a proposta.

A Igreja Católica Apostólica Romana, assim como as demais tradições religiosas cristãs, tem a proposta de desempenhar o papel de religar⁸, ou manter uma ligação, entre o divino e o humano. E especificamente no caso do cristianismo, é apresentar e cultivar a proposta do Reino de Deus, ressignificado e palpável em Jesus Cristo.

Na história do povo de Deus registrado na Bíblia, o próprio Deus (ou Javé, ou o Filho, ou o Espírito Santo) manteve um contato direto com as pessoas, convidando-as a serem instrumento na construção do Reino de Deus.

Deus achou importante convidar jovens para fazerem parte de seu projeto grandioso. Acolhe as limitações de cada um e percebe a possibilidade de um jovem ser sujeito no anúncio da Boa-Nova.

Como instrumento de Deus para a humanidade, como a Igreja Católica tem feito o anúncio deste projeto aos jovens?

⁸ Religião vem do termo latim *Religare*, que significa “ligar com”.

O Brasil é o país com o maior número de católicos romanos do mundo. Ser católico é a opção religiosa de 65% dos jovens brasileiros⁹. Mesmo que neste grupo existam aqueles que se declaram católicos por tradição da família ou da comunidade, este percentual permanece expressivo. A história do catolicismo em nosso país é antiga, acompanhando o processo de imigração dos países europeus, e sempre esteve muito ligada à educação.

Pela diversidade cultural do Brasil, de dons e carismas no catolicismo, aliados a este grande número de adeptos, tornou-se quase impossível ter uma única linha de ação evangelizadora. Essa diversidade tornou-se mais perceptível nos últimos anos, especialmente na ação com as juventudes, onde encontramos a linha da práxis libertadora, a linha da Igreja instituição, a linha da pregação e a linha de Carismática¹⁰.

A linha da práxis libertadora é identificada com uma linha pastoral e age numa perspectiva de um Jesus Cristo histórico que busca libertar seu povo através da compreensão sócio-político-religioso-econômica e que, portanto, nos inspira a fazer o mesmo, com uma análise da contemporaneidade. Os movimentos carismáticos têm assumido uma posição de vanguarda, propondo ações contra a pós-modernidade a fim de voltar a tempos idos, dedicando-se apenas aos sacramentos e orações e propondo que a pessoa pode ser salva e liberta orando e entregando sua vida a Deus. A Igreja instituição atua respeitando cegamente a hierarquia eclesial e as orientações vindas de Roma, excluindo o documento Vaticano II, considerando-o um lapso histórico. A Igreja pregação centraliza suas ações na Palavra de Deus, no conhecimento das doutrinas sobre a fé e a vida cristã.

A linha pastoral, de práxis libertadora, vem inspirada na Ação Católica Especializada (JAC, JEC, JIC, JOC, JUC), trazida na década de 1940 ao Brasil, que tem por base a evangelização a partir do método ver-julgar-agir. Um processo dialético que permite analisar a realidade, retomar a missão profética e evangelizadora e agir a partir da realidade, inspirados pela missão.

A nossa opção em recordar aqui o que os documentos da Igreja falam sobre juventude, especialmente sobre a ação pastoral com a juventude, é motivada pelo fato

⁹ ABRAMO e BRANCO, 2005, p. 263.

¹⁰ Cf. LIBANIO, João Batista. **Cenários de Igreja**. 3 ed. São Paulo: Loyola, 2001.

da temática abordada ser o crescimento da pessoa do jovem na perspectiva da Pastoral Escolar. Uma vez que a ação é pastoral, mesmo que seja escolar e não especificamente de juventude, segue essencialmente os mesmos princípios norteadores. E isto por ainda não existir uma sistematização e produção literária acerca da Pastoral Escolar, o que é abundante e inspirador nas Pastorais da Juventude.

1.2. Juventude nos documentos eclesiais

Os documentos da Igreja Católica que falam sobre juventude podem ser divididos em dois grupos: os documentos das Pastorais da Juventude e os documentos da hierarquia eclesial. Teoricamente ambos têm a mesma validade, uma vez que mesmo os documentos das Pastorais da Juventude (PJ's) são aprovados pela hierarquia. A diferença básica consiste na forma como ambos são construídos e nos autores ou protagonistas destes processos.

Os documentos oficiais hierárquicos, mesmo que possam ter assessorias de leigos, são coordenados, discutidos e aprovados somente pela hierarquia eclesial (padres, bispos, cardeais ou Papa), dando pouco valor um processo democrático de construção e aprovação do texto. É o caso dos documentos de conclusão das conferências e assembleias, como o “Documento de Aparecida”, em 2007, e as “Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil de 2008 a 2010”. É bem verdade que algumas instâncias avançaram neste sentido, ou mesmo têm um histórico diferenciado, como a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), que, na relação entre os bispos brasileiros, age de forma democrática; este também é o caso da CNBB Sul 3 (organização oficial-hierárquica da Igreja Católica no Rio Grande do Sul), onde alguns leigos participam da assembleia anual e, conseqüentemente, das decisões. Mas, mesmo assim, tendo em vista o avanço da democracia em todas as relações sociais e políticas, o catolicismo ainda tem muito a crescer.

Já quando falamos dos documentos das PJ's, os protagonistas principais tanto da redação quanto da decisão do teor do documento são os jovens envolvidos nas coordenações (em suas diversas instâncias), os adultos (leigos, religiosos, padres ou bispos) envolvidos diretamente na ação pastoral com as juventudes. Porém, a proposta sempre é a de que a decisão central seja dos jovens, e que os adultos apenas

acompanhem e auxiliem no processo. Desta forma, por exemplo, foi que surgiram documentos como “Marco Referencial da Pastoral da Juventude Estudantil do Brasil: Nossa vida, nossos sonhos”, em 2004, ou o “Marco Referencial da Pastoral da Juventude do Rio Grande do Sul”, em 2002.

Iremos trabalhar com documentos de instâncias diferentes como regional, nacional, latino-americano e mundial para comparar as compreensões de ação pastoral com juventude. Este resgate iniciará com o documento do último Concílio geral da Igreja Católica, o Vaticano II, encerrado em 1965 e perseguirá até as últimas diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil de 2008 a 2010, lançado em 2008.

O Concílio Vaticano II, encerrado em 1965, foi o último concílio católico. Foi nele que a Igreja decidiu abrir-se para a contemporaneidade, adaptando muitas de suas práticas, leis e ritos. Houve muitas mudanças e a ala mais progressista fez deste o evento inicial para ser uma Igreja mais profética, que se coloca ao lado do povo. No seu documento conclusivo, dedica uma página para falar especialmente da evangelização da juventude. É lá que encontramos a célebre frase “sejam os jovens apóstolos de outros jovens, seus companheiros¹¹”, convocando a juventude ao serviço apostólico. Junto a esta convocação, o documento afirma ser muito relevante a participação juvenil na sociedade e cultura contemporânea, destinando assim aos jovens responsabilidades resultantes destes novos espaços. E diz que esta crescente importância da juventude na sociedade faz merecer um serviço apostólico específico para este público.

Este Concílio reconhece também a importância da juventude na sociedade e a conclama a participar desta sociedade e desta Igreja com responsabilidade e a assumir o serviço apostólico específico de anunciar Cristo a outros jovens.

No contexto deste Concílio vários bispos assumem o compromisso de levar à frente um projeto de Igreja mais inculturada e presente na vida do povo. Dentre eles, há vários bispos da América Latina que planejam uma segunda conferência episcopal na América Latina, a Conferência de Medellín.

Motivados pela abertura eclesial, iniciada no Vaticano II, e indignados com a realidade das ditaduras militares em vários países, onde inclusive muitas lideranças

¹¹ **DOCUMENTOS del Vaticano II:** constituciones, decretos, declaraciones. 16 ed. Madrid: Biblioteca de autores cristianos, 1972. P. 442. Tradução pessoal.

católicas foram assassinadas ou “sumiram”, os bispos reúnem-se em 1967, na 2ª conferência dos Bispos da América Latina, na cidade de Medellín.

Medellín tem como cerne de seu debate a declaração da opção preferencial pelos pobres; ou seja, é uma Igreja em um continente empobrecido que agora declara que opta por estar preferencialmente com estes empobrecidos. Em termos de ação pastoral com a juventude, esta conferência aponta a importância de conhecer a realidade e de elaborar uma pedagogia para a juventude a partir desta mesma realidade.¹²

Em profunda sintonia com Medellín, em 1979, acontece a 3ª conferência, em Puebla. Nesta, junto à opção preferencial pelos pobres, assumiu-se também a juventude como prioridade. A conferência estimula uma Pastoral Juvenil orgânica, inculturada, que ajuda o jovem a crescer na fé e a participar da Igreja e da sociedade; afirma também que a Igreja confia nos jovens¹³.

Em 1992, na cidade de Santo Domingo, a caminhada profética da Igreja latino-americana cessou. É bem verdade que se reassumiu a opção preferencial pelos pobres e jovens, mas a leitura social e a inculturação eclesial diminuiu seu ritmo. Nesta conferência, os bispos afirmaram que, além de uma opção afetiva pelos jovens, é necessária também uma opção efetiva. “O documento conclui dizendo que a PJ deverá apresentar, de modo atraente e acessível, os ideais evangélicos através da criação e animação de grupos vigorosos e evangélicos.”¹⁴

Em outro contexto cultural, mas especialmente econômico, político e eclesial, ocorreu a 5ª Conferência Episcopal Latino Americana, em 2007, em Aparecida, Brasil. Este evento, ao mesmo tempo em que o Papa Bento XVI se reúne com milhares de jovens em um estádio, quebra com o dinâmico método ver-julgar-agir. Este método, oriundo da ação pastoral com a juventude e que inspirou toda a Igreja latino-americana, especialmente a brasileira, fragmentou-se, uma vez que houve três equipes diferentes, cada uma responsável por uma parte do método, não mais garantindo o processo dialético em sua totalidade e perdendo, assim, a inculturação e o profetismo nas pistas

¹²Cf. DICK, Hilário. **40 anos de Medellín: Evangelização juvenil na América Latina: resgate dos pronunciamentos episcopais**. In: Redemoinho – Revista Brasileira de Centros e Institutos de juventude. Nº 004 – Abril de 2008. P.30. (Texto A)

¹³ Cf. DICK, Hilário. 2008 A. P. 32.

¹⁴ Cf. DICK, Hilário. 2008 A. P. 33.

de ação. O documento reafirma as duas opções preferenciais das conferências anteriores – os jovens e os pobres –, mas diminui o teor pastoral e aumenta o convite para que os jovens participem mais em eventos internos da Igreja, mas não nas decisões; o documento menciona uma única vez a fé que leva à transformação social, mas várias vezes da necessidade do encontro pessoal do jovem com Cristo.¹⁵

A grande novidade da Conferência de Aparecida está no convite a todos e todas para serem discípulos e missionários do Cristo, principalmente através da “conversão pastoral”: conversão de estruturas, metodologias, comunicação, etc. mesmo sabendo que quando se convoca “todos”, a juventude está incluída, na seção sobre juventude o documento não retoma esta intenção. A falta é mais perceptível no momento em que recordamos que a juventude sempre é vista como símbolo e protagonista da novidade e do dinamismo. Mas o documento não indica que este “profetismo e dinamismo” jovem ganharão espaço dentro da estrutura eclesial para ajudar na conversão pastoral de toda a Igreja. Ora, todos sabemos que se quisermos novas estruturas temos que pensar de novas formas. E isso acontece especialmente quando estão incorporadas “novas cabeças”. Mas o documento de Aparecida não indica que a juventude faça parte da renovação das estruturas ou do método de ação pastoral de toda a Igreja, somente da sua ação específica junto às próprias juventudes. Ou seja, o documento abre a possibilidade, mas ainda não confia o suficiente nos jovens para lhes confiar parte desta missão.

Nesta perspectiva, dificilmente em futuras conferências latino-americanas se farão outras opções preferenciais que não sejam pelos jovens e pobres. Por dois motivos: em primeiro lugar, porque já se disse muitas outras vezes e se justificou estas opções; em segundo, porque não há como justificar em um continente onde a maioria são pobres e jovens, que não sejam eles a opção, se de fato se quer ser uma Igreja próxima do povo. Ao mesmo tempo em que a tendência é manter nos documentos das conferências tais centralidades pastorais, percebe-se a tendência de diminuir a discussão sobre estruturas político-econômicas que massacram diariamente os grupos de excluídos. Ou seja, corre-se o grande risco de se caminhar para uma evangelização

¹⁵ Cf. CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. **Documento de Aparecida**: texto conclusivo da V Conferência Gral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. Tradução de Luiz Alexandre Solano Rossi. São Paulo: Paulus, 2007. P. 200 e 201.

latino-americana (falando de um modo geral, no que tange às práticas difundidas pela hierarquia) que faz um corte social, onde não inter-relacione conjunturas, nem causas e efeitos.

Estas conferências Latino-Americanas têm influência direta nos documentos e linhas de ação das conferências nacionais. No Brasil, as últimas diretrizes gerais da ação evangelizadora, de 2008 a 2010, falam pouco sobre juventude. Diz ser urgente renovar a opção efetiva e afetiva pelos jovens¹⁶, e que estes precisam de mais espaço nas comunidades eclesiais. E indica aspectos e princípios do documento 85, específico sobre evangelização da juventude, para a atuação com este público. Texto este que iremos retomar a seguir.

1.3. O olhar das Pastorais da Juventude sobre a juventude

Em outro ritmo e caminho, as Pastorais da Juventude cresceram, especialmente na década de 1980 e no início de 1990, em produção de subsídios e sistematização de seus princípios e metodologia. Grande marco deste processo é o livro “Civilização do Amor, tarefa e esperança: orientações para a Pastoral da Juventude Latino-Americana”, lançada pelo setor juventude do Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM), em 1995¹⁷.

Neste documento teremos um primeiro olhar mais completo, em termos eclesiais, sobre o conceito e complexidade da juventude. Outros documentos seguirão a mesma lógica da compreensão da juventude a partir de várias visões, como os Marcos Referenciais lançados no Brasil e nos seus regionais – Marco Referencial das Pastorais da Juventude do Brasil; Marco Referencial da Pastoral da Juventude Estudantil do Brasil; Marco Referencial da Pastoral da Juventude do Rio Grande do Sul.¹⁸

¹⁶ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil. 2008 – 2010.** Documentos da CNBB, n 87. São Paulo: Paulinas, 2008. P. 98.

¹⁷ Uma antiga versão teria sido lançada ainda na década de 1980, mas que revisado e adaptado gerou este documento.

¹⁸ A diferença conceitual entre “Pastoral” ou “Pastorais” da Juventude, além de sua especificidade – Pastoral da Juventude Estudantil – fazem parte de uma discussão antiga, mas que vem gerando novas formas de organização a nível de Brasil e de Rio Grande do Sul. Porém fazem parte de discussões muito complexas e que, de forma direta, não auxiliam nosso trabalho. Assim, nos omitiremos de esclarecer maiores detalhes. A fim de apenas nos localizarmos no texto, todas as Pastorais da Juventude seguem os mesmos princípios, apenas trabalham com públicos específicos e com suas coordenações específicas, e que, também, se organizam naquilo que tem em comum.

Por causa da complexidade deste grupo social, para poder compreender a juventude, é necessário olhá-la a partir de várias visões¹⁹. “Conhecer os jovens é condição prévia para evangelizá-los. Não se pode amar nem evangelizar a quem não se conhece.”²⁰

A visão biocronológica define a juventude a partir da idade, de um ser em crescimento. Há várias classificações etárias, como de 14 a 25 anos, ou de 14 a 29 anos, ou ainda 15 a 30 anos, etc. A visão psicológica por outro lado identifica a juventude como um período conflitivo que, aos poucos, vai definindo a personalidade da pessoa. Na visão sociológica, a juventude é vista como um grupo social e entendida em suas relações sociais. A nova visão cultural-simbólica, por fim, compreende a juventude na perspectiva de suas expressões culturais, formas de expressar-se, etc.

Vale destacar que fazem parte da cultura pós-moderna as tribos juvenis: grupos que se identificam por alguma característica cultural ou política. Por isso hoje alguns estudiosos preferem usar o termo “juventudes” ao invés de juventude, a fim de representar toda esta diversidade. Assim, as várias e novas formas de expressão religiosa são pertinentes, bem como as novas maneiras de ligar-se a tradicionais religiões.

O Processo de Educação na Fé é outra importante sistematização contida neste livro. Parte da ideia de que o jovem, como todo ser humano, é um ser dinâmico, composto por várias dimensões, e que estas têm íntima ligação entre si, crescendo, estagnando ou retrocedendo, de acordo com o processo pessoal da pessoa do jovem.

A opção pedagógica fundamental da Pastoral da Juventude é o reconhecimento do caráter processual e dinâmico da formação e da educação na fé. (...) Isso significa que se deve ter em conta os “tempos” de crescimento, de identificação afetiva, de assimilação e de compromisso próprios dos jovens.²¹

¹⁹ As quatro visões apresentadas a seguir são apresentadas no livro “CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO – SEÇÃO JUVENTUDE. **Civilização do amor, tarefa e esperança**: orientações para a Pastoral da Juventude Latino-Americana. Tradução de Hilário Dick. São Paulo: Paulinas, 1997.”

²⁰ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Evangelização da Juventude**: desafios e perspectivas pastorais. Documentos da CNBB, n 85. São Paulo: Paulinas, 2007. P. 15.

²¹ CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO – SEÇÃO JUVENTUDE. **Civilização do amor, tarefa e esperança**: orientações para a Pastoral da Juventude Latino-Americana. Tradução de Hilário Dick. São Paulo: Paulinas, 1997. P. 207.

Esta crença num processo de crescimento do jovem prevê também que os grupos de jovens – grupos por idade que se encontram sistematicamente a partir de sua realidade cristã específica – e as próprias pessoas vão crescendo, passando por diversas fases. Se o processo não é interrompido mas acompanhado de forma adequada, o jovem e o grupo chegam à militância ou maturidade da fé, da participação social e política e de encontrar outros espaços para acompanhar e ajudar na sociedade e na Igreja. O que acontece muitas vezes é que este processo é interrompido ou por um olhar fragmentado da pessoa, ou, então, por pressões internas da Igreja ou por questões conjunturais mais amplas, como economia ou educação de pouca qualidade, ou mesmo por processos afetivos mais próximos, como namoros, ou a perda de alguém próximo da família.

Estas sistematizações – do Processo de Educação na Fé e das diferentes visões sobre a juventude, entre outras – ganharam relevância no contexto eclesial católico. Tanto que a própria CNBB tentou mantê-las nos seus documentos quando falaram sobre juventude, por um respeito à seriedade como as PJ's vêm produzindo seus materiais e suas ações a nível nacional.

Se observarmos todas as instâncias de organização da estrutura eclesial católica no Brasil, partindo da estrutura mais próxima do Colégio Auxiliadora – a Diocese de Santa Cruz do Sul –, nós teremos a juventude como uma das prioridades pastorais de todas elas, perpassando uma excessiva preocupação em quase todas as paróquias da Diocese de Santa Cruz, no novo plano diocesano de Evangelização, no Plano Regional da CNBB Sul ³²², no Plano da Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB) e nas próprias discussões dentro da CNBB nacional, tanto no que tange a produção de materiais, na formação de lideranças e na proposição de ações. Ou seja, nunca se falou tanto em evangelização da juventude no catolicismo brasileiro.

Para se chegar a isso vale recordar brevemente alguns outros fatos marcantes. Um deles foi o ano internacional da juventude, decretado pela ONU, em 1985. Junto a essa decisão, a Igreja brasileira aproveitou e investiu em materiais e ações pastorais. Foi nesse ano que a CNBB lançou o Dia Nacional da Juventude (DNJ), celebrado no

²² Esta organização da CNBB Sul equivale ao espaço geográfico e político do Rio Grande do Sul. O que se diferencia em alguns outros Regionais brasileiros.

último domingo do mês de outubro. Desde então, as celebrações dos DNJ's foram adquirindo, juntamente com o caráter massivo-celebrativo, uma discussão mais social, pautando temas como educação, trabalho, preservação ambiental, etc., na ótica da juventude. O DNJ foi também assumido como uma atividade permanente da CNBB, ou seja, todas as instâncias e pastorais têm o compromisso com este projeto, que desde então acontece anualmente.

A criação dos DNJ's e a força que teve este ano internacional da juventude no Brasil, especialmente para os católicos, foram um reflexo da recente organização nacional de entidades pastorais que trabalhavam especificamente com jovens. As Pastorais da Juventude do Brasil – Pastoral da Juventude (PJ), Pastoral da Juventude Estudantil (PJE), Pastoral da Juventude Rural (PJR) e Pastoral da Juventude do Meio Popular (PJMP) – foram as primeiras organizações pastorais de juventude populares a surgirem pós-Ação Católica, extinta com o AI-5 pela ditadura militar.

Foi na mesma década de 1980 que começaram a surgir e a se multiplicar centros e institutos que trabalham com a juventude para assessorar as pastorais que trabalham com jovens. O centro pioneiro é gaúcho, o Instituto de Pastoral de Juventude do Rio Grande do Sul, que, ainda hoje é símbolo do trabalho com este público e por ter pautado, tanto para a sociedade civil quanto para a Igreja, muitas discussões acerca da formação e inclusão da juventude no meio eclesial. Atualmente já são onze centros – quase todos criados na década de 1980 – que formam a Rede Brasileira de Centros e Institutos que trabalham com juventude, contribuindo com discussões e coordenando projetos juntos, como a primeira Especialização em Juventude Brasileira, realizada em Goiânia.

Logo após, em 1992, escolhe-se realizar uma Campanha da Fraternidade²³ sobre juventude: juventude – caminho aberto. Com isto, todas as comunidades eclesiais são convidadas a revisar sua relação com a juventude. 1992 tornou-se, para os católicos, um novo ano da juventude. É bem verdade que se têm notícias de muitos projetos locais que aconteceram através desta reflexão da Campanha da Fraternidade sobre juventude, mas não tivemos maiores e significativas mudanças estruturais em

²³ Este é um projeto da CNBB que prevê ajudar a comunidade cristã a viver bem seu tempo de quaresma, revisando, através do método Ver-Julgar- Agir, um tema pertinente na sociedade brasileira. Projeto que acontece anualmente desde 1964.

nível nacional. Porém, somente o fato de revisar sua ação evangelizadora com a juventude é um grande avanço. Processo este que a Igreja do Brasil só foi retomar em 2005, quando escolheu por tema da assembleia anual da CNBB do ano seguinte a evangelização da juventude.

Respeitando o conhecimento sistematizado e a organização das Pastorais da Juventude do Brasil, os bispos criaram uma equipe mista para coordenar esta assembleia, convidando leigos, religiosos e padres inseridos no trabalho com a juventude para auxiliar, especialmente, na construção do texto que seria levado à assembleia. E este texto assumiu, assim, a mesma dinâmica de compreensão de juventude encontrada nos documentos das Pastorais da Juventude: a compreensão complexa e integral do ser do jovem. Na assembleia de 2006, o texto foi aprovado apenas como documento de estudos, para voltar às bases, ser estudado pelos grupos juvenis de diversos carismas, ser aprofundado e retomado na assembleia do ano seguinte. Assim se fez e, em 2007, lançou-se a “Evangelização da Juventude: desafios e perspectivas pastorais”, doc. Nº 85 da CNBB.

Este documento marca história, pois é a primeira vez que a CNBB se reúne para discutir exclusivamente a evangelização da juventude. Mesmo tendo contido na história outros documentos importantes coordenados pela CNBB acerca da evangelização da juventude, este documento 85 ganha evidência por dois fatos: primeiro, por ter sido feito de forma colegiada entre adultos assessores das PJ's e bispos, tendo sido inclusive aprovado somente após ter sido discutido pelas comunidades e grupos eclesiais em todas as instâncias do Brasil; e, segundo, por ser o primeiro documento oficial da CNBB (notem que este é o documento 85, ou seja, houve 84 anteriores) fruto de uma assembleia dos bispos brasileiros exclusivamente sobre esta temática.

É bem verdade que se pode questionar – como muitas pessoas o fizeram – este interesse excessivo das instâncias eclesiais pela evangelização da juventude. Foi alegado que a diminuição do número de fiéis e de vocações religiosas e sacerdotais tendo sido o motivo deste “interesse” pela juventude. Mesmo que qualquer instância eclesial o negue, esta foi evidentemente pressionada por estes fatores. Porém a evangelização de todas as pessoas é tarefa da Igreja, principalmente os jovens e os pobres na América Latina.

Na minha compreensão, existem três elementos que tornaram, em seu conteúdo (e não mais no processo histórico, como citado acima), este documento tão impactante na ação pastoral da Igreja Católica: a retomada da opção preferencial pelos jovens no Brasil; a aceitação de todas as formas de trabalho com evangelização da juventude na Igreja, mas pautadas por uma linha mais pastoral; e a sugestão da criação do setor juventude.

Mesmo que a opção preferencial pelos jovens tenha sido reafirmada nas últimas conferências episcopais latino-americanas, uma conferência nacional dizer isto também significa comprometer-se em realizar ações e investimentos próprios. “Queremos renovar a opção afetiva e efetiva de toda a Igreja pela juventude na busca conjunta de propostas concretas que favoreçam uma verdadeira evangelização desta parcela da nossa sociedade.²⁴” Mesmo que esta opção não seja novidade e já fosse esperada, ela exige que a Igreja assuma seu compromisso efetivo com este público. Exige que a estrutura eclesial se comprometa a revisar organizações e a investir financeiramente para oportunizar que o trabalho possa, de fato, acontecer. “A juventude requer estrutura adequada para seu desenvolvimento integral, para suas buscas, para a construção de seu projeto de vida (...).²⁵”

E este mutirão de evangelização começa com a aceitação de todas as formas de evangelização da juventude. Até este momento, as PJ's apareciam como uma proposta mais oficial que as demais. Contudo, movimentos, congregações, novas comunidades e pastorais são convocadas e incentivadas a ir ao encontro da juventude brasileira. Mesmo assim, o trabalho de todas elas devem estar pautadas pela compreensão integral do ser humano, pelo protagonismo jovem interno na organização e pelo processo de educação na fé. “A educação na fé não acontece numa reunião ou num encontro de fim de semana, por melhores que sejam, mas é um processo que leva tempo e é gradual.²⁶” Lembra aos trabalhos não pastorais habituados a trabalhar com encontros de massa através da fruição psicológica que é necessário rever seus métodos e princípios.

²⁴ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. 2007, p. 10 – 11.

²⁵ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. 2007. P. 24.

²⁶ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. 2007 P. 90.

Há necessidade de desenvolver uma pedagogia de formação integral que consiste e envolva os jovens num itinerário que os leve ao amadurecimento na fé, tendo em conta as diferentes realidades e ambientes juvenis, 'indo ao encontro dos jovens onde eles estão'.²⁷

Há a aceitação da diversidade de metodologias, ao mesmo tempo convoca-se a atualização e a unidade na compreensão do ser humano integral e da compreensão da fé, que não é instantânea, mas amadurece processualmente.

Não obstante, mesmo que a linha antropológica de compreensão da juventude seja mais pastoral, o próprio fato de aceitar e convocar as formas de organizações católicas que lidem com juventude para o trabalho exigiu revisar a própria estrutura destes serviços. Por isso o próprio texto sugere a criação do "setor juventude" nas diversas instâncias, especialmente nas dioceses, onde todas as organizações que trabalham com juventude da Igreja Católica possam se articular para estudar, somar forças em eventos de massa, não entrecruzar encontros, etc. Isso é teoricamente muito interessante, mas vem causando algumas dificuldades. Como possibilitar, por exemplo, que organizações com opções metodológicas e teológicas diferentes preparem um encontro em conjunto? Neste processo a Pastoral Escolar deveria estar também inserida, o que em algumas dioceses já ocorre, mas caminha lentamente na maioria delas.

1.4. Juventude no Projeto Educativo ICM

Os documentos do Setor Educação das Irmãs do Imaculado Coração de Maria (ICM) são preparados e definidos por sexênio. O atual documento tem validade de 2004 a 2009. Ele é válido para esta análise por dois motivos. Por ainda estar no prazo de sua realização; e também por ter passado do seu período de adaptação e estudo, estando, teoricamente, no auge de sua execução devido ao tempo para aprofundamento e adaptações.

Porém, como já lembrávamos em outro momento, a ausência também nos diz muito. Este é exatamente o primeiro destaque que queremos fazer deste documento que, em suas 72 páginas, fala diretamente da adolescência e juventude três vezes: duas de forma negativa e uma propondo uma ação.

²⁷ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. 2007. P. 82.

De modo geral, acho interessante destacar quatro partes do documento: o marco situacional; o diagnóstico; que pessoas queremos ser e ajudar a construir; e as linhas de ação.

Bárbara Maix, a fundadora da Congregação das Irmãs do Imaculado Coração de Maria, fala sempre de educação e acolhida aos mais necessitados, sejam eles crianças, jovens, adultos ou idosos. E é nesta inspiração que a congregação do ICM atua com obras pastorais de inserção, casas de acolhida, hospitais, creches e escolas; sendo as escolas suas obras de maior volume de investimento material e pessoal.

A primeira parte do documento do setor educação irá recordar frases e atitudes da sua fundadora. E em nenhuma das frases recordadas Bárbara Maix fala diretamente de juventude. Mas constantemente ela falará do cuidado, acolhida, opção pelos mais empobrecidos.

Já na recordação do Marco Situacional – uma espécie de análise de conjuntura – as irmãs do ICM seguem certa lógica presente nos documentos da CNBB, trazendo à tona e em destaque os desafios e problemáticas da contemporaneidade. O texto parece o tempo todo trazer as fragilidades atuais que necessitam ser enfrentadas pela educação, especialmente aquela realizada pela própria congregação. Contudo, por melhor que seja sua intenção, o texto não deixa de ser negativista. De certa forma o próprio texto traz uma tentativa de justificar este olhar, afirmando que “não podemos mais analisar a realidade com as mesmas categorias. Precisamos adequar nosso olhar, encontrar as lentes precisas que nos ofereçam uma visão clara e desmistificada dos processos e dos paradigmas vigentes.”²⁸

Assim percebe-se que a própria congregação já reconhece uma limitação: a realidade que se traz é negativista, mas porque ainda não se consegue revisar paradigmas e se adaptar à cultura pós-moderna. Esta visão não deixa de incluir a juventude: estão sem referenciais, desorientados.

Em se tratando de educação familiar, passou-se de uma grande rigidez para um permissivismo, favorecendo o incentivo ao sexo livre e precoce, a promiscuidade, a falta de limites e de autoridade. Os jovens, sem referencial familiar sólido, ficam vulneráveis. Muitas famílias ocupam-se em manter o status e uma vida social excessivamente ativa. Os filhos ficam à mercê da

²⁸ COORDENÇÃO GERAL DA CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS DO IMACULADO CORAÇÃO DE MARIA. **Projeto educativo – ICM 2004-2009**. Porto Alegre: s/d. P. 38.

violência, das drogas e da criminalidade, atingindo a estabilidade, a segurança e a paz da família²⁹.

As percepções da realidade das escolas, chamada de diagnóstico, estão situadas na parte final do documento, antecedendo o anúncio dos programas e projetos. Diretamente sobre os educandos serão destinados dois parágrafos de redação: um deles apontando para o cuidado necessário que se deve ter ao grande volume e influência que os meios de comunicação exercem hoje sobre a vida das pessoas, em especial sobre os jovens; e o outro afirmando que alguns educandos assimilam conteúdos e aprendizados, enquanto outros não.

Interessante observar que a leitura da realidade social mais ampla não dialoga, no decorrer do documento, com as percepções tidas das escolas das Irmãs do Coração de Maria.

Contudo quando o texto se dispõe a ser propositivo, falar de sonhos e de aonde se quer chegar com a formação destas crianças e jovens, identifica-se fortemente a influência de pedagogos e teólogos mais libertários e populares.

Nos títulos que trazem estes referenciais a congregação não se isenta do compromisso afirmando que a sociedade, a pessoa e a Igreja que se quer construir também as irmãs propõem-se a ser e viver. E aqui aparecem elementos como³⁰:

- vida comunitária de fé em vista de uma sociedade mais solidária;
- leitura de realidade e das causas dos problemas sociais;
- que cada pessoa tem responsabilidade na construção da história;
- que a educação é um processo de libertação, de apropriação e construção do conhecimento em prol da contínua transformação social;
- todos e todas, independente de idade, sexo, cor, religião etc... sejam respeitados;

Quando a discussão é específica sobre educação e seus princípios, encontraremos elementos comuns, como autonomia, currículo como meio de

²⁹ COORDENÇÃO GERAL DA CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS DO IMACULADO CORAÇÃO DE MARIA. s/d. P. 38

³⁰ Cf. COORDENÇÃO GERAL DA CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS DO IMACULADO CORAÇÃO DE MARIA. s/d. P. 40 a 43.

evangelização, cultivo de fé e do conhecimento em consonância com a sensibilidade solidária e humana, etc.³¹

Desta forma, quando a congregação fala no documento sobre fazer educação ou sobre contribuir para as pessoas, a sociedade e a Igreja através da educação, parte sempre do princípio da alteridade; ou seja, uma educação que não tem fim na pessoa do educando, mas que adquire outra dimensão em contato com outras pessoas e com a sociedade de um modo geral. Assim a apropriação do saber e o amadurecimento da fé são sempre em prol do bem comum, mas feita por pessoas críticas, autônomas, felizes.

Após visitarmos os sonhos que norteiam as Irmãs do ICM, chegamos à proposição dos programas e ações. Estes têm duas características centrais: a primeira delas é que constituem orientações gerais, não oportunizando questões concretas comuns para toda a congregação; a outra é a ausência de ações pensadas diretamente com os educandos.

Ora, se a realidade em que os jovens vivem – que recordamos com o Marco situacional e o diagnóstico – está tão distante dos ideais que a congregação carrega de educação e pessoa – que recordamos por último –, o que se espera é que existam projetos, ações que levem as comunidades educativas da Congregação a realizarem, no que for possível, aquele sonho de educação e sociedade que buscam.

Contudo há propostas de ações interessantes, mas somente uma delas que atinja uma parcela dos educandos, a promoção de um congresso para jovens das escolas da Congregação – que aconteceu em 2007.

Os outros projetos, mesmo que em consonância de princípios elencados anteriormente, não se destinam aos educandos de forma direta. Mais uma ausência que é significativa para uma organização tão tradicional na direção de escolas.

³¹ Cf. COORDENAÇÃO GERAL DA CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS DO IMACULADO CORAÇÃO DE MARIA. s/d. P. 46 a 47.

CAPÍTULO 2: IGREJA E EVANGELIZAÇÃO ATRAVÉS DA EDUCAÇÃO

2.1. Contextualizando a discussão

Pela sua prática e história acumulada, a Igreja Católica tem uma grande legitimidade para discutir no mundo inteiro a educação, mas especialmente no Brasil, onde centralizou por séculos as instituições educativas – formais ou não – e onde ainda hoje é mantenedora das principais redes de educação particular de nosso país, tanto na educação básica quanto na superior.

Basta remeter à Congregação da Companhia de Jesus – ou Jesuítas – para citar um dos exemplos mais clássicos de interferência do catolicismo na educação mundial. Além do mais, nosso país teve por muito tempo uma grande influência dos seminários de formação sacerdotal como o único espaço de educação para a população. Somam-se a estas experiências as congregações dos salesianos, salesianas, lassalistas, maristas, etc., para citar as mais conhecidas nacional e internacionalmente. Se formos nos referir apenas ao Estado do Rio Grande do Sul teremos muitas outras a acrescentar nesta lista. A própria organização das Irmãs do Imaculado Coração de Maria são conhecidas por sua expressão no território gaúcho, já que de suas 17 obras educativas, 14 estão no Estado do extremo sul brasileiro.

Em nosso país, educadoras e educadores cristãos acham-se presentes, desde o início da história da nossa educação, exercendo larga influência na evolução e na dinâmica da educação brasileira. Não se pode falar em educação, entre nós, sem se mencionar o trabalho das ordens religiosas, em especial, dos jesuítas nos colégios e nas "escolas de ler e escrever", instaurando processos novos para a educação indígena. Personalidades como Nóbrega, Anchieta e Malagrida fazem parte de uma ilustre cadeia de educadores em nosso país. Entre os padres Seculares, no século XIX, destaca-se a figura do Pe. Ibiapina, cearense, considerado apóstolo do Nordeste, graças, em especial, ao seu extraordinário trabalho educativo.

Em fase mais recente, nos inícios da República, chegaram ao Brasil inúmeras Congregações modernas, cujo carisma é o da educação da juventude. Em um

tempo curto, foram capazes de implantar uma imensa rede de instituições de educação voltada para o ensino das classes médias e para o atendimento da infância carente. No campo da educação feminina, foi significativo e pioneiro o trabalho realizado pelas educadoras religiosas, contando sempre com a participação de leigas e leigos.³²

Contudo, o carisma com o qual os fundadores e as fundadoras destas congregações as criaram nem sempre se manteve fielmente ao longo de sua caminhada histórica. Fundadores como Bárbara Maix criaram suas obras para dedicar-se aos pobres e excluídos da sociedade. O que foi conquistando um outro público, entre os mais ricos, tendo em vista a qualidade dos serviços prestados. Atualmente “escola particular católica” é sinônimo de qualidade sim, mas também de altas mensalidades.

É bem verdade que em sua grande maioria as congregações se mantiveram filantrópicas, destinando parte do que era arrecadado para o trabalho social, ou mesmo em bolsas para alunos empobrecidos poderem estudar em suas grandes escolas. Porém, mais recentemente, tem sido pauta no interior das congregações o real sentido de suas obras. A crise institucional e de sentido tem pairado também sobre estas tradicionais organizações. Dessa forma tornou-se necessário que fosse revisto o sentido de se ter grandes e ricas obras dentro do propósito inicial de sua fundação.

O resultado tem sido as comissões especiais para atender projetos filantrópicos, abertura de obras assistenciais de inclusão, financiamento de projetos de terceiros que fazem trabalhos educativos de inclusão, ou mesmo a criação de escolas totalmente gratuitas, chamadas de escolas de serviço educativo a pobres.

Muito próximo a este debate do retorno às origens de sua fundação e uma discussão mais social e evangélica da educação nas escolas católicas tem estado o Serviço de Pastoral Escolar que, na maioria das escolas, também é responsável por provocar a discussão do carisma da congregação ou mesmo da solidariedade, fraternidade e inclusão, englobando o acesso de todos a uma escola de qualidade.

A partir do impulso da CF-98, a comunidade cristã ajude as escolas da Igreja a serem efetivamente escolas evangelizadoras: a) com um projeto educativo próprio fundamentado nos critérios do Evangelho; b) com um ambiente educativo perpassado pela liberdade, pelo diálogo crítico entre cultura e fé,

³² CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL **Educação, Igreja e Sociedade**. Documento da CNBB, n. 47. <http://www.arquidiocese-sp.org.br/download/documentos/doc_cnbb-educacao_%20igreja_sociedade.doc>. Acesso em 23/2/09. P. 7 a 8. (texto A)

pela convivência fraterna e de cooperação entre os diferentes e, sobretudo, pela caridade; c) com especial preferência pelos pobres e pela educação para a justiça social, à luz da Doutrina da Igreja, desenvolvendo audaciosos projetos específicos de justiça social; d) com um forte trabalho quanto à educação para a paz e a integridade da criação; d) sendo, também, um meio propício para que os educadores católicos se firmem na fé e na missão de evangelizadores. Cabe particularmente às escolas católicas o apostolado da formação e acompanhamento dos educadores católicos, como ministros do Evangelho no mundo da educação formal, pelo testemunho e pela ação; e) é de fundamental importância, também, que as escolas católicas se integrem e sejam integradas na Pastoral Diocesana e Paroquial, com profunda cooperação mútua, e f) as escolas católicas coloquem, ainda mais do que já o fazem, seus recursos a serviço da promoção do povo pobre e se engajem na erradicação do analfabetismo em nosso País.³³

Mesmo havendo este retorno do olhar para uma educação inclusiva na educação católica, pouco há de produção acadêmica ou sistematizada de experiências com estas realidades. Mais difícil ainda é encontrar, tanto nos documentos da Igreja, quanto na discussão de educação de um modo geral, a compreensão de educação ou deste universo da escola pelo próprio jovem estudante. Parece que a discussão permanece alheia àqueles que são o centro da proposta educativa, ou mesmo que os educandos não entendem nada do assunto.

Algumas destas questões já anunciamos na breve introdução do capítulo e outras ainda queremos aprofundar. Os próximos parágrafos se dedicarão a percorrer a compreensão de educação em alguns documentos oficiais do catolicismo; logo após, o olhar se voltará especificamente para a congregação das Irmãs do Imaculado Coração de Maria; e encerraremos este capítulo trazendo a discussão da relação entre juventude e educação.

2.2. Educação nos documentos eclesiais

A escola católica deve ser evangelizadora, mas não como a catequese. Pois, a escola católica também é Igreja, por isso assume, conjuntamente, estes princípios. Independente da congregação religiosa e organização de rede da escola, quando falamos de um educandário católico há em si uma identidade.

Contudo, ser escola católica é ter como foco as ações pedagógicas ou evangelizadoras? O diferencial reside na sua confessionalidade. Lendo os documentos

³³ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Texto Base da Campanha da Fraternidade de 1998: Fraternidade e educação.** Disponível em: < <http://www.cf.org.br/cf1998/resumo.php>>. Acesso em 23-2-2009.. P 41. (Texto B)

oficias da Igreja podemos encontrar duas linhas comuns que diferenciam a educação na Católica das demais: já é trazida na citação do documento de Aparecida, que é o processo evangelizador no sentido de encontro da pessoa do educando com Jesus Cristo e sua proposta do Reino de Deus; a segunda se dá na concretização de uma das características deste Reino, que é na opção preferencial pelos pobres e excluídos, sejam estes os pobres econômicos ou os estudantes de escolas com pobres (propostas e estruturas), ou excluídos de alguma forma.

Ter como diferencial estes dois princípios implica assumir, concomitantemente, alguns outros pressupostos. Pois, falar de uma ação pedagógica inspirada no Mestre Jesus, significa assumir como método pessoal o método d'Ele.

O documento do Concílio Vaticano II dedicará uma parte de seu texto para falar de educação. A diferenciação está de que tipo de escola estamos falando, se pública e não confessional; ou escola católica.

Na educação coordenada pela Igreja, a orientação é para que não se esqueça de “criar um ambiente de comunidade escolar animado pelo espírito evangélico de liberdade e caridade.”³⁴ Lembra a tarefa de trabalhar na perspectiva da aquisição e produção de conhecimentos, mas tudo numa perspectiva solidária e da difusão do Reino de Deus.

Sobre as escolas não católicas, o documento manifesta uma preocupação com a formação moral e religiosa dos educandos. Pede que os educadores e estudantes católicos sejam testemunhas e que nestas escolas, mesmo respeitando a diversidade religiosa, ofereça-se uma boa formação moral. Com o Vaticano II “a educação passa a ser um setor e uma dimensão da ação da Igreja. Para o educador cristão, a ação pastoral tem uma dimensão educativa e a educação tem uma dimensão pastoral.”³⁵

Já o documento conclusivo da última conferência episcopal da América Latina e Caribe realizado em Aparecida – SP dedica seis páginas para falar de educação católica. Fala da importância das instituições educativas confessionais resgatarem o objetivo central de seu fazer pedagógico que é o encontro dos estudantes com Jesus

³⁴ Documentos del Vaticano II. 1972, p. 605.

³⁵ SANDRINI, Marcos, **Pastoral da educação: possibilidades e limites**. Porto Alegre: impresso, s/d. P. 3.

Cristo³⁶. Mas este encontro com Deus não é feito de qualquer maneira, ou mesmo cegamente, pois

A Igreja é chamada a promover em suas escolas uma educação centrada na pessoa humana que é capaz de viver na comunidade oferecendo a esta o bem que a Igreja possui. Diante do fato de que muitos se encontram excluídos, a Igreja deverá estimular uma educação de qualidade para todos, formal e não-formal, especialmente para os mais pobres. Educação que ofereça às crianças, aos jovens e aos adultos o encontro com os valores culturais do próprio país, descobrindo ou integrando neles a dimensão religiosa e transcendente. Para isso, necessitamos de uma pastoral da educação que seja dinâmica e acompanhe os processos educativos, que seja voz que legitime e salvguarde a liberdade de educação diante do Estado e o direito a uma educação de qualidade para os mais despossuídos.³⁷

E nessa perspectiva chama as escolas católicas a terem um novo ardor missionário, com uma pastoral da educação participativa, e que promova o encontro dos educandos com Cristo.

Seguindo a mesma linha, as Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja No Brasil de 2008 a 2010 pedem que as escolas católicas não abandonem a preocupação cognitiva, mas que marquem sua presença ainda mais forte “a partir de um projeto de ser humano em que habite Jesus Cristo, com o poder transformador de sua vida nova.”³⁸

Evidencia-se a preocupação com o específico da evangelização nestes documentos. A Igreja se preocupa com os processos pastorais e identidade cristã dos educandários. Até mesmo porque é evidente que uma escola se preocupe cotidianamente com os processos de ensino-aprendizagem. Mas mais que isso, o processo de assimilação e produção de conhecimentos devem ter o pano de fundo cristão nas escolas católicas, o que às vezes pode ser esquecido. E isso é que os documentos tentam garantir.

Praticamente todos os documentos oficiais da Igreja Católica dedicam uma pequena parte para uma orientação, sugestão, motivação, etc. para as escolas, especialmente as católicas. Contudo, poucos documentos oficiais foram dedicados exclusivamente a esse tema. Na Igreja brasileira, temos registro de três destes na história mais recente: o documento de estudos nº 41, intitulado “Para uma Pastoral da

³⁶ Cf. CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. 2007, p. 150.

³⁷ CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. 2007. P. 151 – 152.

³⁸ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. 2008, p. 149.

educação”; a Campanha da Fraternidade de 1998, com o tema “Fraternidade e educação” e o lema “A serviço da vida e da esperança³⁹”; e o documento aprovado na 30ª Assembleia da CNBB, sob o título “Educação, Igreja e Sociedade, Doc. Nº 58⁴⁰”.

Como estes documentos seguem o método ver-julgar-agir, e são documentos específicos sobre o mundo da educação, encontraremos maiores detalhes e reflexões. Como, por exemplo, debates sobre os problemas estruturais da educação brasileira, ou mesmo da evangelização neste universo.

Porém iremos perceber algumas linhas comuns entre estes documentos. A primeira delas – e que de certa forma já aparece nos documentos que analisamos – é uma preocupação integral com o educando. Ou seja, a pessoa em formação não é apenas cognição e razão.

Educação e personalização. A educação é a busca constante que pessoas e grupos fazem para construir sua própria identidade e sua história. É o empenho em vista do processo de humanização e personalização, para uma atuação transformadora na sociedade, segundo o ideal de justiça e solidariedade. A educação acontece de forma permanente, desde o ventre materno, desenvolvendo a capacidade física, psíquica, espiritual, social, intelectual e moral das pessoas. Nesse processo, o ser humano vai se realizando em quatro relações básicas: com o mundo, com os demais seres humanos, consigo mesmo e com Deus. **Educação, individualidade e alteridade.** Não é possível sermos completamente felizes numa sociedade onde os outros não o são. Respeitar as necessidades coletivas não é aniquilar as individualidades, as histórias pessoais. O coletivo se constrói com identidades diferentes, onde cada um tem o direito de ser o que é e desse jeito complementa o conjunto. Educação padronizada nem desenvolve o potencial individual nem contribui para o enriquecimento da construção coletiva.⁴¹

Outra característica fundamental que aparece nestes documentos é a compreensão de evangelização e de educação. Elas estão sempre em vista do outro, de uma sociedade mais justa e igualitária. A apropriação e produção de conhecimentos não têm sentido se o fim é o desenvolvimento intelectual individual. Conhecer Jesus Cristo é insignificante se o ponto de vista e de vivência não é a comunidade cristã, com um olhar aguçado para os mais necessitados.

³⁹ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL Texto Base da Campanha da Fraternidade de 1998: Fraternidade e educação. Disponível em: <http://www.cf.org.br/cf1998/resumo.php>. Acesso em 23-2-2009.

⁴⁰ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. Acesso em 23/2/09.

⁴¹ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. Acesso em 23/2/09 (B). p 25.

Assim, o diferencial de uma escola católica – e portanto para a Igreja é a educação ideal, mesmo no respeito à diversidade – é a presença do espírito cristão. Mas este jeito de ser escola católica não significa ter um painel com a imagem de Jesus ou de Maria na portaria; ou celebrar uma missa no aniversário da escola. O diferencial está no sentido que as coisas adquirem. O conhecimento que está a serviço de toda a sociedade, para que ela seja transformada; as relações, que estão em vista de uma comunidade fraterna; a solidariedade que está no cuidado com os que mais necessitam.

Educação para quê?

As pessoas pensam que a educação pode ajudar a resolver algumas necessidades e a realizar a grande utopia humana:

- a) a necessidade de ser mais gente, cultivar as próprias capacidades, ser sujeito consciente, crítico e ativo, ser feliz, superar suas dificuldades pessoais, exercer uma profissão;
- b) a necessidade de participar da comunidade, aceitar e colaborar com outros, criar e respeitar a cultura, construir amizades, solidariedade;
- c) a necessidade de exercer a cidadania, conhecer e viver os próprios direitos, respeitar os direitos dos outros e cumprir os deveres, ser responsável e co-responsável, construir uma sociedade mais igualitária e justa;
- d) o sonho humano da fraternidade, da justiça, da igualdade e da paz entre todos os povos, raças e culturas;
- e) relacionar-se com Deus e praticar sua religião, cultivar a espiritualidade própria, dialogar com as outras religiões e com os que não têm religião, com espírito de tolerância e sem proselitismo.⁴²

Assim, a Igreja assume também que as escolas católicas também têm um caráter político. Como lembramos no início deste capítulo, sabemos que pensar em escolas católicas significa ter educação de qualidade, primeiramente, e também de educação com alunos de maior poder aquisitivo. Contudo este fatos não excluem, segundo os documentos, a educação para uma sensibilidade social, educação inspirada no próprio Jesus.

Vale recordar que a opção preferencial pelos pobres é uma realidade reassumida em Aparecida pelos bispos latino-americanos. A escola católica também é um espaço da Igreja e segue as mesmas orientações que outras comunidades; logo, assume também esta opção preferencial e evangélica.

Ao fazerem essa proposta, os Bispos reconhecem que a evangélica opção preferencial pelos pobres constitui um ponto de referência pedagógico e pastoral indispensável para a ação educativa da Igreja. Deve nascer daí uma

⁴² CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. Acesso em 23/2/09 (B). p 10.

pedagogia evangélico-libertadora que traga vida para toda a sociedade, a começar pela própria Igreja e suas instituições⁴³.

Porém o que ainda não está claro em nenhum dos documentos específicos de educação é a outra opção da Igreja latino-americana, a pelos jovens. O que é preocupante duplamente: primeiro, por não possuir uma definição da Igreja, ou seja, a ausência de como a educação católica envolve e assume esta opção pela juventude; e pelo próprio fato da ausência desta reflexão sobre juventude, já que a escola é um espaço de grande presença de adolescentes e jovens.

Nas leituras específicas sobre o conceito de juventude, na elaboração do capítulo anterior e na inspiração de um modo geral deste trabalho, muitas vezes encontramos uma discussão sobre educação. Ou seja, a discussão de juventude está permeada pelo conceito de educação. Contudo, não acontece o mesmo com o conceito de educação, onde ela não está permeada pela discussão de juventude. Ela parece isolada, onde os sujeitos parecem ser apenas os educadores adultos.

As possibilidades dos documentos que analisamos, especialmente dos últimos – os específicos sobre educação – estão por conta da coerência da proposta de ser escola católica. Se ela também é Igreja, então deve assumir o espírito de comunidade, educação integral, de solidariedade, especialmente na opção pelos mais pobres. Mesmo que neste, a opção seja educar para a sensibilidade e não em atendê-los massivamente.

2.3. Educação para as Irmãs do ICM

Ao falar de educação em seu documento “Projeto educativo ICM” as irmãs já acrescentam outros termos colocando adjetivos à palavra educação e, deixando claro, assim, a linha teórica que optam. O termo que aparece como central no documento é “Educação evangélico-libertadora”. Ou seja, quer deixar claro que a educação não pode ser confundida nas escolas do ICM com apenas reprodução de conhecimentos historicamente construídos ou com treinamento de bons costumes. É um processo evangélico, e, portanto, pastoral; e libertador, que promova a autonomia, protagonismo, criticidade.

⁴³ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. Acesso em 23/2/09 (A). P. 21.

Em 1998 a CNBB já utilizava este termo. E por educação evangélico-libertadora compreendia:

Características da educação evangélico-libertadora

Em Puebla, os Bispos destacam as seguintes características da educação que eles próprios chamam de "educação-evangelizadora". Essa educação deve:

— Humanizar e personalizar o homem, para nele criar o lugar onde possa revelar-se e ser escutada a Boa Nova: o desígnio salvífico do Pai em Cristo e na sua Igreja.

— Integrar-se no processo social latino-americano, impregnado por uma cultura radicalmente cristã, na qual, entretanto, coexistem valores e contra-valores, luzes e sombras e que, por isso, necessita ser constantemente reevangelizada.

— Exercer a função crítica própria da verdadeira educação, procurando regenerar permanentemente, do ponto de vista da educação os princípios culturais e as normas de integração social que possibilitem a criação de uma nova sociedade, verdadeiramente participante e fraterna, em outras palavras, educação para a justiça.

— Tornar o educando em sujeito, não só do seu próprio desenvolvimento, mas também posto a serviço do desenvolvimento da comunidade: educação para o serviço⁴⁴.

A fundadora da congregação das irmãs do ICM, Bárbara Maix, já afirmava em uma de suas cartas que “Se quiséssemos educar conforme o espírito mundano, não teríamos empecilho algum, nem adversários. Como, porém, queremos viver e educar conforme os primeiros cristãos, aí está a causa da dificuldade.”⁴⁵ Frases como esta da fundadora compõem a primeira parte do documento “Projeto educativo ICM” do sexênio 2004 a 2009. O que segue são textos utópicos permeados por uma discussão e inspiração libertadora, baseadas tanto em textos de Bárbara Maix, como da Bíblia e de teóricos, como Paulo Freire. A bibliografia do documento possui desde teólogos da libertação, como Leonardo e Clodovis Boff, como pedagogos da libertação, como Paulo Freire e Danilo Gandin.

Vale observar que o documento das irmãs do Coração de Maria segue a lógica que a CNBB tem assumido em suas últimas duas edições das diretrizes gerais da ação evangelizadora, que são os compromissos no nível de pessoa, comunidade e sociedade. Nesta perspectiva o Projeto Educativo traz “A pessoa que queremos ser e ajudar a construir”; “A sociedade que queremos ser e ajudar a construir” e “A Igreja que queremos ser e ajudar a construir”. Logo após, aparecem as concepções de educação e escola, indicativos para o trabalho com educandos e uma seção especial dedicada à

⁴⁴ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. Acesso em 23/2/09 (A). P. 21.

⁴⁵ COORDENÇÃO GERAL DA CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS DO IMACULADO CORAÇÃO DE MARIA. s/d.. P. 21.

Pastoral Escolar e ao Ensino Religioso; para então encerrar com algumas observações ainda sobre a realidade das escolas e os projetos.

Por que fazer memória a estrutura do texto? Para trazeremos aqui o que percebe ao ler o documento central de educação das irmãs do ICM: que é uma redação lógica, bem construída e que tem uma linha clara de educação: não é qualquer educação que se quer! Mas uma educação evangélico-libertadora!

E, desta forma, percebe-se que ao falar de suas utopias e compromissos de pessoa, sociedade, Igreja e educação, a criticidade, autonomia, solidariedade, humanidade e o compromisso ético perpassam os conteúdos e as formalidades e se tornam centrais. “Incentivar e desenvolver mais os valores, a apropriação das competências e habilidades necessárias para uma participação social ativa, crítica e ética do que apenas os conhecimentos propostos pelos livros didáticos.”⁴⁶

Assim, aquisição e produção do conhecimento não constituem fins em si mesmo, mas visam a uma sociedade mais justa, solidária, pacífica e melhor para todos os seus habitantes.

— Para ser coerente com os princípios da fé, uma escola que se define como católica deve empenhar-se por oferecer uma educação evangélico-libertadora que inclua, junto com a capacitação técnica e científica de qualidade, a formação para a solidariedade humana, o incentivo para o cumprimento dos próprios deveres e a promoção dos direitos de todos, desabrochando em verdadeira fraternidade e abertura à transcendência e aos valores do Reino de Deus. [...]

— A escola católica só tem razão de ser na medida em que se empenha por assumir sua identidade evangélica, que implica uma identidade "comunitária" e, como tal, dever ser definitivamente assumida na correta concepção de "escola pública". Estas, com efeito, não são apenas aquelas criadas pelo Estado, mas também aquelas que, surgindo de setores vivos da sociedade, formam para a cidadania; aplicam todos os seus recursos na educação, caminham decididamente na linha da transparência administrativa; promovem e vivem o espírito participativo; inserem-se efetivamente na comunidade e na vida do povo a que servem e são lealmente abertas à generosa vertente democrática da sociedade.

— Apesar de todos os condicionamentos e limitações, as escolas católicas devem continuar a elaborar e concretizar os seus projetos educacionais de forma participativa e à luz da fé e da vivência cristã, de modo a oferecer uma educação de qualidade, a produzir novos conhecimentos e serviços que colaborem para o desenvolvimento econômico, cultural e social, sobretudo das grandes majorias. Deve-se notar que a educação participativa supõe uma aprendizagem através da prática da participação.

⁴⁶COORDENÇÃO GERAL DA CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS DO IMACULADO CORAÇÃO DE MARIA. s/d.. P. 46.

[...]

— Por isso, as escolas católicas não aceitam nem podem aceitar a mercantilização da educação. [...]

— As escolas católicas têm a responsabilidade de oferecer o ensino básico da fé católica e de oferecer oportunidades de aprofundamento e vivência da mesma, encaminhando o educando a se integrar na comunidade eclesial onde poderá crescer na sua fé.⁴⁷

Outro destaque na discussão de educação nas irmãs do ICM é a questão pastoral. Ela ganha ênfase em duas situações: primeiro porque perpassa todos os demais elementos do texto, já que constantemente cita a fundamental importância de educar a fé, de estar integrado à Igreja orgânica e no próprio termo Educação Evangélico-libertadora a educação adquire o caráter pastoral. E segundo porque é o único setor da escola que ganha uma seção especial no documento. Ao lado dele apenas a disciplina de Ensino Religioso tem uma seção especial e justamente para definir o que é específico de cada um.

Este destaque para o setor de pastoral parece ter duas justificativas. Uma delas é a novidade da Pastoral Escolar. E como novidade precisa ser esclarecida, ser acentuada suas particularidades e orientações. Principalmente na sua diferenciação do Ensino Religioso. Porém, ao mesmo tempo em que está surgindo, a Pastoral Escolar tem um valor e presença indisputável: o programa 03 prevê “um Serviço de Pastoral Escolar que ultrapasse os limites da escola.⁴⁸” Ora, é uma novidade, mas que precisa existir para estar tanto na escola quanto fora dela, como prevê este programa. Ou seja, sua presença é inquestionável.

A segunda justificativa está na garantia de sentido ao fazer pedagógico. As escolas do ICM não ensinam apenas por ensinar, mas por que a educação tem um sentido e mística maior, que é inspirado por Bárbara Maix, porém nos dado pelo Criador. E é a Pastoral Escolar quem ajuda a garantir este sentido e mística.

A pastoral escolar:

a) é construção conjunta de um projeto de evangelização, para que o ato pedagógico se torne educativo, na perspectiva da libertação da pessoa.

b) constitui-se como dinamizadora principal do processo de reflexão, articulando a ação entre os demais serviços.⁴⁹

⁴⁷ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. Acesso em 23/2/09 (A). P. 27.

⁴⁸ COORDENÇÃO GERAL DA CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS DO IMACULADO CORAÇÃO DE MARIA. s/d. P. 65.

⁴⁹ COORDENÇÃO GERAL DA CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS DO IMACULADO CORAÇÃO DE MARIA. s/d.. P. 55.

Nesta perspectiva deveria ser impensável uma escola das irmãs do ICM sem uma Pastoral Escolar atuante e que ajude a pensar o centro da proposta educativa: educação evangélico-libertadora.

Mesmo o processo educativo que parte da pastoral ele já adquire um viés político no documento afirmando que a Pastoral Escolar “estabelece compromisso entre as dimensões da fé e da política, em vista de uma sociedade sustentável.”⁵⁰

E é justamente na tentativa de viver esta proposta que se conquistou muitos avanços na vivência comunitária e pedagógica. A partir dela que se desafiou a perceber o quanto, de fato, o jovem estudante do Colégio Auxiliadora de Rio Pardo, como parte da Rede das escolas ICM, associa fé e religiosidade.

2.4. Educação e juventude

O filme “Escritores da liberdade”⁵¹ retrata uma experiência concreta de educação em uma escola de integração racial. Naquele ambiente, as diferenças étnicas gritantes geravam violência. Até que na sala de aula da turma 203, aula de inglês, com a senhorita G., a turma resolve fazer diferente. Ler, escrever, sistematizar, interpretar, adquirir e produzir conhecimento estava intimamente ligado com a realidade sócio-cultural-política daqueles estudantes, e promovia o seu protagonismo. A turma fez a experiência de autonomia e, por si, pautaram discussões junto à direção da escola, com a comunidade, nas próprias famílias e com os políticos locais. Algo de extraordinário? Sim, no contexto de educação que vivemos; mas não deveria ser.

Regina Magalhães de Souza, em seu livro “Escola e Juventude”⁵² pauta algumas destas discussões. Fala, por exemplo, do quanto o jovem aprende mais no trabalho ou “na vida” do que na escola; do quanto ele reivindica direitos, mas não aprendeu – nem na família, muito menos na própria escola – a saber o que são deveres. De que o aprender a aprender deveria ser o cerne do processo educativo – uma espécie de autonomia para a vida intelectual – mas que fracassa frente às metodologias de “decoreba”.

⁵⁰ COORDENÇÃO GERAL DA CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS DO IMACULADO CORAÇÃO DE MARIA. s/d.. P. 55.

⁵¹ *Freedom Writers*, EUA, 2007.

⁵² SOUZA, Regina M. *Escola e juventude: o aprender a aprender*. São Paulo: EDUC, Paulus e FAPESP, 2003.

O processo de socialização de crianças, adolescentes e jovens se dá, hoje, nesse contexto novo. A influência da modernidade urbana estende-se para além das grandes cidades e penetra os mais distantes recantos do Brasil. Por isso, a educação não pode limitar-se a considerar apenas modelos ideais de humanidade. Ela tem que conhecer por dentro a dinâmica evolutiva concreta da cultura e da vida social, para poder situar em seu contexto real a criança, desde o ventre materno até a adolescência e a juventude. Ela precisa estudar mais profundamente a situação psico-social e a condição sócio-econômica e cultural dos grupos juvenis. Essas constituem o ponto de partida obrigatório para a ação e o diálogo pedagógico. Esse mundo que está surgindo já é — muito mais do que pensamos — o mundo de nossos adolescentes e crianças. Mundo que atinge a todos os ambientes juvenis e infantis, mas com efeitos diferenciados, de acordo com as condições sociais de família e de classe de cada um dos distintos meios sociais.⁵³

A Pastoral da Juventude Estudantil (PJE) também traz algumas reflexões. A principal delas — que dificilmente encontraremos em outros teóricos — é do protagonismo estudantil. Em contraponto ao que Regina Magalhães de Souza traz sobre estudantes que não sabem seus deveres, a PJE acredita que os educandos exercitam sua cidadania e se interessam mais pela sua educação no momento em que participam dela, aprendendo, inclusive, seus deveres e de forma mais madura ainda os seus direitos. Esta discussão vem aliada à compreensão integral do ser humano onde está presente a interação social e participação política. Ora, se a escola compreende o ser humano nestas dimensões, é possível que ele deixe de trabalhá-las? Para a PJE aprofundar a participação social, por exemplo, vai além de receber palestras sobre isso, vai envolver o debate sobre liderança de turma, direitos e deveres, melhorias na escola, etc.

Educar para a cidadania inclui participar das decisões dos grupos sociais, respeitar e ser respeitado, ouvir e ser ouvido. Não se educa para a cidadania mantendo as pessoas passivas, dependentes de quem sabe mais, desinformadas de seus direitos e deveres. Uma educação comprometida com a cidadania fornece instrumentos para o resgate das dívidas sociais, que retardam a conquista de um mundo mais humano. Mas requer também que o próprio processo de educar seja uma experiência em que o educando é sujeito do seu desenvolvimento⁵⁴.

Além das reflexões teóricas que já trouxemos, achamos pertinente trazer dados concretos da relação da escola e juventude. Para tal recordamos alguns dados da pesquisa da Fundação Perseu Abramo sobre o perfil da juventude brasileira, que

⁵³ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. Acesso em 23/2/09 (A) . P. 12 a 13.

⁵⁴ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. Acesso em 23/2/09 (B). p 34.

também lembramos no início desta dissertação quando falamos de religiosidade. Vejamos alguns destaques⁵⁵:

- para 26% dos entrevistados, estudar/adquirir conhecimentos é uma das melhores coisas de ser jovem. Enquanto isso “estudar” não constou entre os itens mais citados das “piores coisas de ser jovem”;
- para 17%, a educação é um dos problemas que mais preocupam;
- para 38% (o item mais citado), a educação é o assunto que mais interessa;
- educação também é o assunto preferido para conversar com os pais ou responsáveis, para 61% dos entrevistados;
- porém o mesmo assunto fica em 5º lugar na preferência para conversar com os amigos, 31% dos jovens o citaram;
- mas educação retorna ao topo da lista quando a pergunta é sobre o assunto que considera mais importante para ser discutido pela sociedade, uma vez que metade dos entrevistados cita a educação;
- educação é vista como problema no Brasil de hoje apenas para 6% dos entrevistados;
- já na pergunta sobre o que faria para melhorar o mundo, apenas 9% citam investir na educação;
- 65 % dos universitários, 60% dos estudantes do Ensino Médio, e 51% dos alunos de Ensino Fundamental acreditam que podem mudar o mundo, ao passo que 18% dos estudantes do Ensino Fundamental; 14% do nível Médio e 10% do nível superior dizem que não podem mudar;
- para 7%, a escola é um dos lugares mais importantes para o amadurecimento;
- 89% disseram que a última escola que frequentou foi pública, ao passo que 11% afirmaram ter sido a particular;
- sobre a importância da escola para a vida: 76% disseram ser importante para a vida profissional; 74% para entender a realidade; 66% para as coisas que faz no dia-a-dia; 66% para fazer amigos; 58% para conseguir trabalho;
- e sobre o posicionamento da escola: 39% dizem que ela está muito ligada as questões da atualidade, ao lado de 40%, que dizem que está mais ou menos

⁵⁵ Cf. ABRAMO e BRANCO. 2005, p. 371 a 417.

ligada; 29% dizem que a escola se interessa muito pelos problemas dos jovens, enquanto 43% dizem que a escola está mais ou menos preocupada com seus problemas; 24% dizem que a escola os entende muito bem e 58% que os entende só mais ou menos; 13% dizem que a escola se preocupa muito com seu bairro e 27% que esta preocupação é mediana.

- sobre a importância da política: 79% dos alunos de ensino superior declaram-na muito importante; mas só 45% dos alunos do Ens. Fundamental o declaram; e enquanto 4% dos alunos de faculdade dizem que a política não é importante, essa porcentagem sobe para 16% entre os alunos do Ensino Fundamental;
- 51% dos jovens entrevistados (o 2º lugar geral) confiam totalmente nos professores;
- 27% declaram que a educação é um dos direitos mais importantes para o cidadão;
- 59% dos jovens entrevistados se declaram muito satisfeitos com a educação escolar que receberam, enquanto 29% dizem ter apenas uma satisfação mediana.

Não esteve na pauta nenhuma pergunta que relacionasse educação e religiosidade.

É notável o grande destaque que a escola e a educação de um modo geral ganham nesta pesquisa. Contudo vale lembrar que nunca o Brasil teve tantos jovens em sua população como atualmente; e, também, que é na contemporaneidade brasileira que possui os melhores índices de jovens alfabetizados e frequentando a escola em toda a história do país. Ou seja, a relação juventude-escola acontece com a maior frequência, sem precedentes em nosso país.

Ao lado da relação crescente quantitativamente, alguns fatos e dados questionam a relação qualitativa entre escola e juventude. Não diretamente a qualidade das tecnologias à disposição do saber – pois nem vamos entrar na discussão de o quanto estas tecnologias auxiliam na formação pessoal; e se de fato elas estão a serviço de todos na educação, ou de apenas alguns poucos.

Poderíamos, além do debate sobre as tecnologias e o saber, fazer muitos outros que interferem na relação dos jovens com o ambiente escolar e sua formação integral,

tais como as novas configurações familiares, a legislação (no caso do Brasil a vigência do Estatuto da Criança e do Adolescente), formação de educadores, formação profissional e educação integral, entre outras.

A questão é que, ao mesmo tempo em que têm surgido belíssimas experiências educativas, projetos e processos educacionais, nunca se ouviu tanto falar em casos de violência, exclusão e relações doentes no ambiente escolar. Passando pelo corte de recursos públicos para a escola, estresse e pressão por boas notas e aprovação no vestibular, disciplina e indisciplina e a violência no espaço escolar.

...Há um outro problema que afeta a toda estrutura de estudos atual do país. Que se quer com o ensino? Domina uma concepção enciclopedista do conhecimento. Mede-se a formação intelectual pela quantidade de informativa de saber e menos pela capacidade criativa de pensar.⁵⁶

Nos últimos meses aparecem cada vez mais notícias de professores espancados, violência entre alunos que são motivo de destaque na Internet e de chacinas armadas em escolas norte-americanas ou europeias.

Tamanha diversidade de experiências, mas com avanço significativo de violência e de doenças psicossomáticas, comportamentais e neurológicas visíveis a olhos nus, mostram que a relação escola-juventude precisa ser, no mínimo, rediscutida.

A CNBB, e a própria congregação das Irmãs do ICM, tem colocado a participação social e a educação para o protagonismo como um dos elementos básicos para a formação cidadã dos jovens. “Despertar gradualmente os jovens para a consciência da cidadania e o engajamento sociopolítico na transformação da sociedade, a partir da opção evangélica pelos pobres.”⁵⁷

Debates sobre educação para a paz têm surgido como alternativa. E a própria Pastoral Escolar traz em sua proposta planejamento que envolve ações para a convivência e o respeito.

⁵⁶ LIBÂNIO. João Batista. **Jovens em tempo de pós-modernidade**: considerações socioculturais e pastorais. São Paulo: Loyola, 2004. P. 182.

⁵⁷ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. 2007, p. 95.

CAPÍTULO 3: A RELAÇÃO ENTRE FÉ E PARTICIPAÇÃO SOCIAL: ANÁLISE DE UMA EXPERIÊNCIA CONCRETA

3.1. O trabalho da Pastoral Escolar junto aos adolescentes e jovens no Colégio Auxiliadora de Rio Pardo

Com uma particularidade desenvolvida a partir de sua história e prática, a Pastoral Escolar do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora de Rio Pardo vem fundamentando suas ações a partir de quatro eixos: repensar, despertar, celebrar e cuidar da vida. A vida de cada pessoa que compõe a comunidade escolar está no centro deste processo, assim como fez o próprio Jesus em sua ação evangelizadora. Nesta inspiração nos eixos da vida, permeia, no cotidiano, a educação para a Paz.

A ação pastoral, contudo, consiste em ações cotidianas, ações em datas especiais e momentos especiais. As ações cotidianas são o acompanhamento e auxílio a atividades como orações diárias nas salas de aula e na sala dos professores; na manutenção e ornamentação de murais; nas semanas de oração pela Paz; na preparação da liturgia mensal na Igreja matriz; no acompanhamento aos grupos de jovens⁵⁸; e no acompanhamento do planejamento semanal da escola, participando das reuniões da equipe diretiva.

As atividades em datas especiais consistem no planejamento e condução de um processo de preparação com a comunidade escolar para momentos comemorativos, tanto civis, como cristãos, católicos e comunitários, como o dia das mães, dia dos pais, Páscoa, Natal, dia de Nossa Senhora Auxiliadora, dia do amigo, etc.

⁵⁸ O ano de 2008 foi uma grande marca no trabalho com grupos de convivência na Pastoral Escolar. Foram três ao todo: um de adolescentes ligados ao Projeto “Tribos nas trilhas da cidadania”; um com adolescentes exclusivamente trabalhando corporeidade e pastoral através do teatro; e o grupo de jovens. Todos foram acompanhados pela Pastoral Escolar em encontros regulares.

Os momentos especiais consistem em projetos pensados a partir da realidade da comunidade escolar, tentando vencer os desafios ou mesmo solidificar valores. Exemplos disso são as celebrações das turmas, oficinas temáticas pastorais, campanhas solidárias, reflexões nas turmas, etc.

Como parte essencial da identidade da escola confessional, o Serviço de Pastoral Escolar desenvolve atividades católicas. Contudo, mais que isso, as ações pastorais têm tentado valorizar e ir ao encontro da religiosidade da pessoa do estudante, longe de qualquer forma catequética de conversão, ou mesmo de constrangimento público de quem não participa das atividades. Apesar das ações serem pensadas para todos os alunos, é possível para aquela pessoa que não estiver motivada a fazer simplesmente não participar da atividade sem nenhum ônus posterior. Tanto que existem alunos que não se sentem envolvidos nas atividades, mas mesmo estes participam de um crescente processo de saber respeitar o momento de religiosidade do colega, uma vez que, em não participando, conseguem oportunizar que seus colegas participem, sem que para isto seja necessária alguma forma de controle externo. Símbolos disso são os momentos coletivos de oração, onde mais de quatrocentos alunos já participaram de mãos dadas para rezarem juntos; ou quando abraçaram a pessoa que está a seu lado, alguns sendo pessoas do mesmo sexo (o que desmistifica preconceitos presentes em nossa sociedade).

Reforço aqui que tais ações fazem parte de um processo crescente. E que não é sempre que todas as atividades acontecem de forma tão tranquila e linear. Mas de fato é possível identificar valores crescentes como respeito, solidariedade e cultivo da religiosidade. Indo mais longe: penso que justamente este cultivo da religiosidade é que tem gerado mais solidariedade e respeito na comunidade escolar.

Um destaque especial é a inculturação destes momentos, onde se pensa cada espaço e processo com o auxílio dos alunos e professores e a partir dos centros de interesse dos mesmos. Assim, uma oficina com jovens estudantes parte da cultura juvenil rio-pardense para este momento.

Além de atrativa, a pastoral tenta priorizar os processos participativos, ouvindo sugestões e incentivando momentos de avaliação. Mais ainda: nos espaços onde é

possível contar com o dom e auxílio de algum educando ou educador tenta-se descentralizar as ações da equipe de coordenação da pastoral.

Este processo auxiliou muito a ação pastoral na comunidade escolar. Além de garantir mais criatividade e energia aos projetos, todos começaram a perceber que, de fato, pastoral não é “coisa” de Ensino Religioso. Essa dificuldade tradicionalmente se enfrentou no colégio, especialmente pelo fato da equipe de Pastoral Escolar ser composta por professores de Ensino Religioso.

A última lei que previu o Ensino Religioso (Lei nº 9394/96) como estudo e reflexão acerca do fenômeno religioso e não mais catequético abriu uma grande possibilidade para as escolas confessionais. Uma vez que a religiosidade é parte da formação integral do educando deveria ser objeto de uma única disciplina no cotidiano escolar? Acredito que não, assim como afetividade, integralização, autonomia são parte de toda a ação educativa, a religiosidade também deveria ser. Possibilidade captada pelas escolas confessionais através da Pastoral Escolar. Mas a prática em cada comunidade escolar demorou a adaptar-se, já que muitos educadores de Ensino Religioso também o eram da Pastoral Escolar, assim como no Colégio Auxiliadora. A extensão da coordenação dos momentos pastorais para outros educadores e mesmo para os educandos auxiliou a firmar esta identidade de uma escola em pastoral⁵⁹, e não mais “uma disciplina em pastoral”. A identidade cristã é responsabilidade de todos e todas e em todos os momentos, e não de uma pessoa em um período de aula semanal.

Mesmo assim, vale perguntar: qual o espaço concreto da religiosidade na vida do jovem pós-moderno? O cultivo da religiosidade, pessoal ou grupal, de fato ajuda a pessoa do jovem a despertar uma outra relação com a sociedade e com o mundo externo e interno? As orientações dos documentos oficiais da Igreja que indicam a ligação entre religiosidade e um trabalho de sensibilidade social conseguem ser concretizadas nas escolas católicas?

Tendo ciência das devidas dificuldades de adaptação e de uma não aceitação por parte de alguns alunos, deste processo envolvente de uma educação evangélico-

⁵⁹ *Escola em pastoral* é um conceito trabalhado e aprofundado constantemente pelos Irmãos do Instituto das Escolas Cristãs, conhecidos como Irmãos Lassalistas.

libertadora, jamais observei um outro espaço escolar que tivesse tanto respeito e envolvimento com ações pastorais como com os estudantes do Colégio Auxiliadora.

O filósofo Aristóteles tem uma conhecida frase onde afirma que a filosofia (e o conhecimento) nasce da admiração. Na esperança de que a ação pastoral com os adolescentes e jovens do Colégio Auxiliadora gere conhecimento é que esta admiração do extraordinário processo vivenciado nesta comunidade está sendo sistematizado. É evidente que este processo pastoral vem carregado de paixão e emoção – mas educação e pastoral se fazem de amizade, emoção e paixão. Mais que isso, existe também a percepção de que ele é grandioso e significativo.

Se de fato o é, observaremos nos dados a seguir.

3.2. A pesquisa com os estudantes

O primeiro projeto de pesquisa elaborado previa as entrevistas com os jovens integrantes do grupo de jovens. Naquele instante enfrentávamos um desafio: a questão de gênero, uma vez que não havia nenhuma jovem mulher integrante assídua no grupo. Na ocasião pensamos em entrevistar os jovens homens integrantes do grupo de jovens e jovens mulheres que atuassem em outros projetos do Serviço de Pastoral Escolar, como preparação de liturgias ou auxílio a teatros e oficinas.

No amadurecimento da identificação do objeto de pesquisa percebemos que, se a Pastoral Escolar coordenava a ação pastoral com todos os estudantes e que o todo deste trabalho apresentava significativos avanços – e não apenas o grupo de jovens –, por que não pesquisar a relação das dimensões de fé e religiosidade nesta diversidade de processos?

Desta forma, como pano de fundo deste trabalho está toda a ação evangelizadora no Colégio Auxiliadora e a discussão católica sobre juventude, participação social e religiosidade.

A partir disto, começamos a delinear o perfil dos jovens a serem entrevistados. Nosso primeiro critério foi o da idade e do processo educativo formal: pessoas acima dos treze anos, acima da 8ª série do Ensino Fundamental⁶⁰. O segundo foi a igualdade

⁶⁰ Um jovem, no momento da pesquisa, cursava a 7ª série, porém possuía 13 anos, uma vez que havia sido reprovado em um ano anterior.

de gênero, sendo oito jovens ao total – quatro de cada gênero. Seguiu o critério de participação: priorizamos os jovens que estavam há mais tempo no grupo de jovens; outros que participavam do grupo, mas que tinham uma frequência esporádica; outros que haviam entrado há poucos meses no grupo de jovens; e outros ainda que não participavam do grupo de jovens.

Dentre os quatro jovens homens pesquisados existe a maior variação de participação, uma vez que entre eles está o coordenador do grupo de jovens (e o integrante mais antigo), que inclusive possui formação em cursos de Lideranças de grupos de jovens promovido pela Pastoral da Juventude ou pela Pastoral da Juventude Estudantil; um participante do grupo há cerca de seis meses, mas que possui a maior assiduidade e empolgação; um jovem que está no grupo de jovens há cerca de quatro meses, com participação regular nos encontros, com empolgação mediana; e um jovem que, apesar de ter auxiliado em algumas celebrações eucarísticas do colégio, não possui um envolvimento mais direto na pastoral, nem escolar nem da comunidade riopardense.

Dentre as jovens mulheres temos duas estudantes que estão no grupo de jovens no mesmo período de tempo que o jovem coordenador do grupo, porém com presenças esporádicas na reunião e sem maiores comprometimentos com a vivência do grupo, apesar de seu comprometimento com alguns projetos; uma jovem que estava no grupo há cerca de 4 meses, e que não possuía uma assiduidade aos encontros do grupo, mas tinha uma participação efetiva e com grande destaque em outros projetos pastorais do colégio, como as celebrações e teatros pastorais; e uma jovem que não participava do grupo nem de outros projetos pastorais do colégio, mas que possuía uma vivência pessoal de religiosidade.

Quando, aos poucos, fomos percebendo a crescente sensibilidade dos educandos para as vivências de religiosidade e solidariedade, não conseguimos identificar uma diferenciação de gênero. Contudo esta diferença se torna gritante quando a análise é sobre o grupo de jovens. Como relatado anteriormente o Colégio Auxiliadora possuía, em 2008, três grupos de convivência. O grupo de jovens era o que atendia o público de 7ª e 8ª séries do Ensino Fundamental e as séries do Ensino Médio.

Nos outros dois grupos de convivência havia certa igualdade de gênero quanto à participação.

Nos últimos quatro meses anteriores às entrevistas foi feita uma campanha para novos integrantes para o grupo de jovens. O que surtiu efeito inclusive com as jovens mulheres. Mas com o passar do tempo elas e alguns jovens homens começaram a ter suas participações irregulares nos encontros semanais do grupo; enquanto vários meninos tinham sua participação efetiva confirmada regularmente. Tanto que, quando conseguíamos vagas em cursos ou encontros de formação junto às Pastorais da Juventude, os jovens homens participavam, o que inclusive gerou uma brincadeira carinhosa ao se referir ao grupo de jovens do Colégio Auxiliadora nestes encontros, chamando-os de “os meninos do Auxiliadora”.

Na tentativa e esforço constante de descentralização das ações e criação de oportunidade de protagonismo para os estudantes, normalmente se solicitava ao grupo de jovens pensar e divulgar as ações de cunho solidário dentro da comunidade escolar. Campanhas de agasalho, alimentos e sensibilização para com os que mais precisam faziam parte da pauta dos encontros do grupo, principalmente na intenção de fazer com que os demais estudantes do colégio se envolvessem. Estas campanhas iniciaram tímidas e sem muito comprometimento. Porém, com o passar do tempo, se tornaram conscientes e tiveram grande repercussão. Principalmente porque boa parte das doações era destinada às próprias famílias de alunos bolsistas⁶¹, que tinham muitas dificuldades financeiras.

Na tentativa de identificar a relação que os jovens faziam entre a vivência da religiosidade e esta sensibilização social, realizamos as entrevistas. Nosso primeiro contato específico sobre a pesquisa foi de sondagem do interesse para a participação. Ao ter o interesse do jovem, o próximo passo foi o de entregar a autorização para o consentimento dos responsáveis legais dos jovens, uma vez que eram todos menores de idade.

Entre os meses de outubro e novembro de 2008, o mestrando organizou uma planilha dos horários possíveis para as entrevistas. E, a partir do estabelecimento de

⁶¹ O Colégio Nossa Senhora Auxiliadora de Rio Pardo possui um considerável número de estudantes bolsistas, ou seja, não são pagantes ou são pagantes parciais da mensalidade. Possibilidade criada pelo destino da filantropia de outras escolas da Congregação do ICM ao Colégio Auxiliadora.

datas nestes dois meses, foram realizadas as entrevistas. A ordem dos entrevistados dependeu da disponibilidade pessoal de cada jovem, de acordo com a agenda do mestrando. Sendo que para os sete primeiros entrevistados foi solicitado que não comentassem o conteúdo das entrevistas com seus colegas, nem com seus pais.

As entrevistas foram realizadas de forma individual, gravadas em áudio, e o tempo foi variável, durando cada entrevista entre oito e vinte e seis minutos. Havia perguntas mínimas a serem respondidas, conforme aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade EST, mas, na maioria dos casos, houve perguntas de esclarecimento sobre as respostas dadas às perguntas base⁶².

Após as três primeiras entrevistas, houve uma análise das mesmas para poder perceber como estava o andamento da pesquisa. Assim se pôde identificar a necessidade de aprofundar questões como namoro, vivência da religiosidade da família e compreensão de Igreja Católica.

Mesmo tendo dificuldades práticas para incentivar jovens mulheres a participar ativa e efetivamente no grupo de jovens – o que poderia gerar um estudo de caso neste sentido, uma vez que é uma particularidade do Colégio Auxiliadora –, não obtivemos diferenças significativas no conteúdo das respostas dadas pelos jovens ou pelas jovens quanto à sua história de vida, compreensão de Deus, de Igreja Católica, Pastoral Escolar ou mesmo participação social.

3.3. A pesquisa realizada com os pais dos estudantes

Para podermos identificar o quanto o trabalho da Pastoral Escolar estava influenciando, de fato, a compreensão e vivência da religiosidade dos educandos adolescentes e jovens no colégio Auxiliadora, cremos ser importante saber um pouco mais sobre a vida religiosa e a influência da família dos alunos pesquisados. Desta forma, junto com as autorizações para a realização da pesquisa enviada às famílias foi encaminhado também um pequeno questionário, com quatro perguntas, que investigam o olhar de um dos pais sobre a religiosidade do filho ou filha⁶³.

⁶² Perguntas base e as transcrições das entrevistas estão disponíveis nos “Anexos A e B”.

⁶³ Questionário e respostas estão disponíveis no “Anexo C”.

Dos oito jovens entrevistados, cinco responsáveis deram retorno e responderam às questões. Todos os cinco eram mães.

Todas citam que a sua família é religiosa, com tradição na Igreja Católica. E que quando podem, participam. Este participar está basicamente relacionado a uma visão tradicional, especialmente a missas. Somente uma das mães vive uma inserção maior no meio eclesial, participando ativamente de atividades de alguns movimentos, não ficando restrita à missa.

Parece, neste sentido, haver pouca influência da família na vivência eclesial dos filhos. Todos batizaram seus filhos na Igreja Católica e todos convidam seus filhos a irem às missas – pelos menos de vez em quando. Mas, como apareceu nas entrevistas com os próprios estudantes, as mães também não conversam sobre este tema em casa. É bem verdade que o diálogo teve um destaque considerável na fala das mães, mas sempre ligados a questões como estudos, comportamento social, e regras morais; porém, não à religiosidade.

Quando a pergunta se refere ao crescimento do filho, todas identificam que seu filho cresce. E por mais que os próprios jovens relacionem este crescimento também com questões de religiosidade e cidadania, nenhuma das mães fala que seu filho avança na vivência religiosa, mas falam que seu filho cresce na sensibilidade social, num olhar ao outro.

Segundo a forma como as mães falam, parece natural seus filhos estarem em sintonia e preocupados com os outros. (“Ele sempre quer ajudar os outros de uma forma ou outra.⁶⁴”). A alteridade, seja de atitudes cotidianas, seja em projetos, seja de postura, se fez presente em todas as respostas das mães.

Porém mesmo sabendo que religiosidade e a preocupação social estavam muito presentes no discurso e reflexão do Colégio Auxiliadora, estes foram os itens menos citados como justificativa para escolher a escola para seus filhos. Questões como, “foi a escola em que eu estudei”, e “qualificação do processo de aprendizagem” foram as que mais apareceram; somente uma mãe citou a vivência da religiosidade como justificativa para escolher o colégio Auxiliadora para realizar a matrícula de seu filho.

⁶⁴ Mãe do aluno 3.

Outra observação fundamental é perceber que todas as mães dão a preocupação com o outro e a religiosidade de seu filho de alguma forma nas entrevistas. Talvez seja um tanto óbvio pelas perguntas feitas. Mas, de qualquer forma, é importante dar-se conta de que todas reconhecem estas dimensões de seu filho. “O amadurecimento dela se deve com certeza ao esforço que ela tem em relação aos estudos e a crença em Deus, pois sem isso não chegamos a lugar nenhum.”⁶⁵

Porém somente uma mãe relaciona religiosidade e participação social: “minha família vive a religiosidade tendo fé em Deus e orando a Ele, sempre que podemos vamos à Igreja e ajudamos em projetos sociais.”⁶⁶ Desta forma se torna evidente que as famílias quase nunca relacionam estas duas dimensões, o que dificulta esta relação para os próprios jovens.

O fato das mães terem respondido as questões é muito significativa também. Numa comunidade ainda machista como a de Rio Pardo e região, cabe ainda à mãe o acompanhamento da educação dos filhos. Por isso coube às mães responder as perguntas. Isso pode indicar que esta sensibilidade social e religiosa que aparecer nas questões pode estar permeada pela sensibilidade feminina da comunidade. Talvez fosse diferente se contássemos com as respostas dos pais.

3.4. Percepções gerais da pesquisa

Religiosidade e cidadania – compreendida aqui de forma muito ampla pela escola, abrangendo desde o debate político-partidário até direitos e deveres adolescentes, e solidariedade, sensibilidade social, etc. – fazem parte do currículo de todas as escolas. De um modo geral destinam-se estas temáticas às disciplinas humanas, especialmente ao Ensino Religioso. Outras instituições educativas a compreendem de forma interdisciplinar. Já no caso do Colégio Auxiliadora e na maioria das redes de escolas confessionais, estas abordagens ficam sob coordenação da Pastoral Escolar, no entanto é tarefa de todos.

A educação está a serviço desse "aprender", que se radica na liberdade, passa pela libertação da pessoa e culmina na abertura a uma ordem social humanizadora. Pode-se dizer, portanto, que é através dessa abertura que o homem transcende a si mesmo e descobre o Ser Supremo que dá sentido à sua

⁶⁵ Mãe da aluna 7.

⁶⁶ Mãe da aluna 5.

existência e, ao estabelecer com Ele uma relação vital, aprende a lhe ser fiel em todos os momentos da sua existência e de sua atividade. Daqui, a força configuradora de cultura própria da religião, e a importância decisiva que ela tem para a educação. Toda educação comporta, pois, uma educação da religiosidade. Não se pode negar à criança a possibilidade da experiência de uma realidade superior a ela mesma, decisiva para sua realização mais plena⁶⁷.

A fé, a partir de Rizzuto e Fowler, é um desenvolvimento inerente ao ser humano. Toda a pessoa tem algum tipo de fé e imagem de Deus.

Esta fé é influenciada por representações da imagem de Deus que construímos ao longo de nossa vida, principalmente ligadas às relações parentais (como afirma Rizzuto); e existem estágios diferentes da fé nas pessoas, desde a mais infantil e inocente até a madura e consciente (como afirma Fowler).

Nesse sentido, pelo menos, a religião não é uma ilusão. Ela é uma parte integrante de ser humano, verdadeiramente humano em nossa capacidade de criar realidades invisíveis, mas significativas, capazes de conter nosso potencial para a expansão imaginativa para além dos limites dos sentidos. (...) Não existem pessoas sem uma representação de Deus. Quer a representação se preste à crença consciente, quer não dependa de um processo de equilíbrio psíquico em que outras fontes podem prover o que a representação de Deus oferece para outras pessoas.⁶⁸

A proposta dos estudos de caso com oito adolescentes e jovens e seus responsáveis, que, de certa forma, têm relação com o Serviço de Pastoral Escolar no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, querem perceber como, de fato, este setor do colégio consegue acompanhar e ajudar os educandos a amadurecer a sua fé. Fazem parte desta análise as relações entre fé e participação e um olhar integral ao ser humano, desde suas relações familiares, até seus desejos e planos.

O estudo de caso é sugerido como metodologia para perceber os detalhes deste desenvolvimento de forma aprofundada. "(...) A linguagem é alguma coisa apropriada por determinada pessoa e é sob este prisma que ela é reveladora. O vocabulário usado, as entonações, as expressões, as pausas e os silêncios são indicadores da forma de ser e de agir do sujeito."⁶⁹

Ênfases e esquecimentos chamam a atenção nestes estudos de caso, especialmente por se tratar de um conjunto de entrevistas: a maioria dos entrevistados

⁶⁷ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. Acesso em 23/2/09 (A). P. 14.

⁶⁸ RIZZUTO, Ana-Maria. **O nascimento do Deus vivo**: um estudo psicanalítico. Tradução de Geraldo Kordörfer. São Leopoldo: Sinodal, EST, 2006. P. 73.

⁶⁹ CUNHA, Maria Isabel da. **O bom professor e sua prática**. 2 ed. Campinas: Papirus, 1992. P. 38

deu ênfase ou esqueceu dos mesmos itens. (Vale lembrar que nenhum dos entrevistados havia se comunicado sobre a entrevista com o outro, sendo assim, não houve combinação nas respostas.)

Como sugerem Fowler e Rizzuto, o processo de desenvolvimento da fé é processual e diretamente influenciado pelas representações parentais. E isso conseguimos identificar: a imagem de Deus está muito relacionada à imagem de algum parente muito próximo, na maioria das vezes o pai ou a mãe. Contudo, em nenhum destes jovens, apesar de alguns terem relações familiares tumultuadas, a imagem de Deus é negativa. Pelo contrário, em todos é uma imagem de alguém próximo, amigo, carinhoso. Mesmo quando não está tão próximo, é alguém bom.

Seis dos oito entrevistados identificam Deus como uma “luz”, e os mesmo seis educandos negam a imagem de um Deus-humano. A luz pode tanto sugerir uma imagem positiva, alegre, clara e bem resolvida de Deus; como também uma presença que permeia toda sua vida, radiante, atingindo tudo e todos sem discriminação, como a luz. Mas pode significar algo não concreto, com o que se pode não comprometer-se, pois é possível se “esconder” da luz, ou mesmo “apagá-la” quando for noite. Ou ainda estar permeado de ambos: a compreensão de Deus pode ser ao mesmo tempo alegre e clara, mas também ainda não comprometer.

A família tem grande destaque – mais do que eles se reportam no cotidiano. Quando questionados sobre quais são ou foram as pessoas fundamentais para sua vida, todos falaram de pessoas da família e quase todos falaram exclusivamente de pessoas de sua família. “As pessoas que mais me marcaram foram a minha família.”⁷⁰ O mesmo acontece quando as questões se referem aos momentos marcantes de sua vida, onde acontecimentos familiares são os primeiros citados. Neste último, a escola e os amigos – que em grande parte são colegas de sala de aula – também são citados. Quem não aparece nestas respostas são os namorados(as) ou “ficantes”. Mesmo com toda a efervescência de afetividade e sexualidade da adolescência, não aparecem citações relacionadas a isso nas falas, nem quando questionados sobre fatos marcantes de sua vida, nem mesmo quando conversamos sobre pessoas marcantes.

Mestrando: Quando eu perguntei de pessoas e fatos marcantes, tu não falaste em namoro, por que tu não lembraste? Pode ter vários motivos, eu

⁷⁰ Aluno 3.

não estou perguntando da tua relação, tá? Pode ter vários motivos, um deles pode ser que tu não te sintas a vontade para falar comigo, pode ser que tu não consideras tão importante quanto as que tu falaste, sei lá, inúmeros motivos. Por que não te veio à cabeça?

Aluna 7: Ah, é que tu perguntaste os mais importantes, né? O mais importante é a minha família. Pra falar a verdade, eu me esqueci, não que não seja importante, nem que não tenha intimidade para falar contigo, mas eu esqueci.⁷¹

Destaque merecem os jovens que estavam namorando “sério” ou “em casa” há vários meses ou anos, que sequer fizeram uma mínima citação sobre o namoro. Interessante observar que eles investem boa parte do tempo livre nestes relacionamentos, mas quando questionados ao final das entrevistas, o porquê de não lembrar do namoro, justificaram valorizando relações mais estáveis e duradouras, como a família, amigos e a própria escola. Mesmo investindo muito de seu tempo e energia social nos romances adolescentes, a valorização é das relações estáveis e duradouras. “Que o fato mais importante, não importa o fato, que em tudo a minha família tá dando apoio. Independente do que seja, e isso é muito importante para mim.”⁷²

Pudemos perceber que quando se fala de Igreja Católica – e todos se declaram católicos –, associa-se a religião com missas e formalidades.

É. Eu sempre dava bola para a religião católica e acreditava em tudo. Depois eu fui mudando, passando a não aceitar e ignorar até que eu ignorei tudo. Depois eu pensei e vi que eu acredito em certas coisas da religião. Mas ir à igreja, fazer promessa, rezar o terço, essas coisas eu não faço muito. Eu tenho meu jeito de comunicar com Deus. Eu não sigo a risca nenhuma religião.⁷³

Esta associação nas falas tem um tom de formalidade e obrigação, até mesmo por insistência da família. Quando são questionados de quais são os momentos que encontram e conversam com Deus, os entrevistados citam as orações pessoais ou mesmo as orações e vivências da Pastoral Escolar como resposta. Assim podemos perceber que os momentos proporcionados pela Pastoral são, de fato, momentos profundos de oração e encontro de religiosidade, diferentes da compreensão de “missas”.

Outra ausência bem significativa foi quando os entrevistados deram respostas acerca da questão “qual a relação com a Igreja Católica”, em que nenhum deles associou a Pastoral Escolar ao catolicismo. O que pode nos sugerir duas alternativas:

⁷¹ Aluna 7.

⁷² Aluno 3.

⁷³ Aluno 1.

ou, de fato, a Pastoral Escolar não lembra cotidianamente que é Igreja Católica enquanto instituição; ou as práticas (metodologia, planejamento, tipo de ação...) das comunidades tradicionais e da Pastoral Escolar são tão distantes que uma não recorde a outra.

Outro destaque desta relação de eclesialidade e vivência da religiosidade está na participação. “Eu não preciso ir à missa, me encontrar com o padre, para me encontrar com Deus. Eu sempre procuro me encontrar com Deus para agradecer, não para pedir.”⁷⁴ A Pastoral Escolar é espaço eclesial de vivência da religiosidade, mas também de relações democráticas, de valorização da opinião de todos e também de ajudar outras pessoas, de ações concretas. Já a Igreja Católica – vista pelos jovens como o espaço das missas – está distante, não fortalece relações de amizade nem de democracia e nem mesmo proporcionam a quem só vai à missa a possibilidade de criar e participar de um projeto solidário. Bem sabemos que as paróquias e comunidades tradicionais têm um grande fluxo de ações solidárias, basta lembrar as inúmeras pastorais sociais. Mas a associação que fazemos nesta resposta dos jovens está na dinâmica da Pastoral Escolar, que no momento de formação também é de oração, que também leva à participação, ao relacionamento de amizade que já projeta a ação solidária. Enquanto as comunidades tradicionais realizam as ações através de uma dinâmica mais fragmentada: quem planeja as missas é uma equipe; quem organiza os projetos e a administração são outros; e quem se ocupam as ações solidárias são outras. É bem verdade que tem havido um grande esforço de estreitar estes laços nas comunidades, como o surgimento dos conselhos de evangelização. Porém, o que queremos destacar é que isso é muito mais integral na vivência do SPE no Colégio Auxiliadora: você reza e estuda a partir daquilo que vem sendo refletido e sugerido, e que se torna ação concreta. “Eu rezo todo o dia antes de dormir, rezo no colégio, eu vou à missa quando não tem aula”⁷⁵.

É mais evidente dentro dos grupos de convivência, como o grupo de jovens, mas também tenta estender-se, em uma proporção menor, às turmas em geral; uma vez que há mecanismos diversos para a participação dos alunos, como conselhos de classe

⁷⁴ Aluna 5.

⁷⁵ Aluna 2.

participativos, reuniões de líderes de turma, avaliações dos setores e de todo o colégio, realizadas entre os alunos e coordenadas pelo grêmio estudantil, e, o mais importante, a proximidade da equipe de coordenação da Pastoral Escolar com educandos e educadores, existe uma grande facilidade de diálogo e proposições. A relação afetiva também é educativa e facilita a convivência, aproximação e o sentimento de grupo, além de manter viva a dinâmica da amizade e dar um “tom” de leveza e realização no envolvimento das atividades.

Processo democrático e envolvente que inspira os jovens a pensarem sobre seu papel no mundo, ou mesmo a afirmarem que seu papel no mundo está justamente nestas ações de comprometimento social.

Neste sentido, o que preocupa – e que permanece como desafio para a Pastoral Escolar – é todos terem titubeado quando perguntados sobre seu papel dentro da escola. Claro que elementos como “ser um bom aluno, estudando, não fazendo travessuras” estavam presentes, uma vez que o aluno vai à escola para estudar. Também a participação nos projetos e ações da Pastoral Escolar apareceu em quase todas as entrevistas. Mas as respostas vieram numa tonalidade como se não fosse permitido a eles e elas optar ou construir seu papel nesta comunidade que não seja estudar, na compreensão aquisição de conhecimentos historicamente construídos pela humanidade. “Mestrando: *E a tua contribuição para a escola?* Aluna 4: *Minha contribuição, ah, é difícil... eu não sei te dizer agora.*”⁷⁶ Aspectos como refletir sobre educação, propor uma educação participativa, ajudar os colegas a tomarem ciência da importância dos processos educativos ou mesmo assimilar conhecimentos em prol da parcela da população mais excluída não apareceram. E estes compõem um dos desafios mais pertinentes para a continuidade deste trabalho com os educandos do Colégio Auxiliadora: a de aprofundar o protagonismo estudantil.

De qualquer forma identificamos uma profunda integralidade na pessoa dos jovens, assim como as Pastorais da Juventude compreendem. A vida ganha sentido permeada e sustentada pela religiosidade, que indica e amadurece relações – de amizade, sociais, cidadãs – com as demais pessoas. Independentemente da intensidade como isso acontece, o fato é que religiosidade, pastoral, alteridade, afeto,

⁷⁶ Aluna 4.

amizade e preocupação social estão intimamente ligadas na pessoa dos jovens entrevistados.

Uma coisa que eu posso no mudar o mundo é o meu sorriso. Tipo, se eu tenho um mundo completamente triste, e eu conseguir fazer uma pessoa feliz, eu já vou estar satisfeito. Por que essa pessoa vai alegrar outra pessoa que vai alegrar outras pessoas. Que assim seguirá completando o mundo.⁷⁷

Mais que isso, de alguma forma ou outra – dependendo da intensidade e do processo de cada um e cada uma –, os jovens indicam que esta relação é possível pela ação da pastoral. Sendo no grupo de jovens, nas celebrações e orações ou nas campanhas solidárias, eles identificam um sentido do “quê fazer”. Um sentido que é místico e os liga ao Transcendente; mas também um sentido comunitário, que os liga aos seus colegas mais próximos, o que resulta numa alteidade mais intensa e em relações fraternas mais solidificadas. É o que os próprios pais percebem e incentivam, como vimos anteriormente.

É possível, sim, relacionar a vivência da religiosidade com a participação cidadã, mas esta relação ainda precisa de aprofundamento, principalmente no específico da escola. O processo do reconhecimento do “outro mais necessitado” está iniciado. Seja ele um necessitado de amizade, de ajuda para estudar, de palavras de apoio, de sorriso ou de comida e roupa. Porém, em outro âmbito de continuidade do processo, é preciso dar sentido pastoral e comunitário a elementos bem específicos da prática cotidiana, como o grêmio estudantil, liderança de turma, relação alunos e direção, etc.

⁷⁷ Aluno 8

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O primeiro destaque a ser feito é que, como mestrando, como pessoa e como educador de pastoral, me sinto plenamente realizado ao final deste trabalho. Realizado por ter conseguido estudar um pouco mais sobre algo que realmente amo; por ter conseguido aprofundar questões pertinentes à minha prática educativa; e por ter conhecido um pouco mais do imaginário religioso e cidadão de alguns jovens-amigos, que são extraordinariamente fascinantes.

Logo após esta observação, gostaria de fazer um destaque sobre uma questão metodológica. As entrevistas com os alunos e a relação com seus pais atrasaram-se, tendo em consideração o cronograma inicial da pesquisa. Quando conseguimos realizar as primeiras entrevistas, percebemos que seria importante retomar alguns elementos com os jovens e insistir que seus pais pudessem participar das mesmas. Quando isso aconteceu, os estudantes estavam em ritmo de provas finais, recuperação, preparação para férias etc., impossibilitando a pesquisa na prática, já que seria necessário tempo, tanto do mestrando, quanto dos educandos, para poderem ser retomadas estas questões. Desta forma um novo planejamento colocou a intenção de retomar a pesquisa nos primeiros meses de 2009. Porém, em dezembro de 2008 outra questão prática modificou os rumos da pesquisa: houve troca de direção no Colégio Auxiliadora e, com ela, a demissão de quatorze funcionários sob a alegação de corte de verbas, entre eles a equipe da Pastoral Escolar. Tendo em vista o trabalho e a proximidade que se tinha com a comunidade escolar, os primeiros meses de 2009 foram de solidariedade dos educandos e seus familiares para com o mestrando. Estas manifestações de carinho e amizade vinham repletas de sentimentos de um “não saber a causa de tudo” e de inconformidade de alguns. Sendo assim, resolvemos encerrar

este trabalho com os dados que já havíamos coletado, já que a extinção do Serviço de Pastoral Escolar nos moldes prevalentes de até então trará à pesquisa novos elementos, que não poderiam ser equiparados aos demais. Assim, se fossem coletados novos dados, na nossa compreensão, estes não poderiam ser considerados continuidade da pesquisa iniciada em 2008, mas uma outra análise teria que ser feita. Uma vez que o foco do trabalho era a relação entre as dimensões de religiosidade e participação social, achamos por bem continuar a análise dos dados que já tínhamos, para poder continuar a pesquisa neste mesmo foco.

Tentando traduzir este fato da extinção do Serviço de Pastoral Escolar do Colégio Auxiliadora de Rio Pardo nos moldes que existia até o final de 2008 em elementos concretos para a pesquisa, é muito pertinente questionar o quanto as opções e prioridades trazidas nos documentos oficiais das instituições conseguem ser efetivados. Falando especificamente da situação do Colégio Auxiliadora, o documento do Setor Educação das Irmãs do ICM prevê a existência e um apoio efetivo ao Serviço de Pastoral Escolar. Mas o que identificamos é que um trabalho como o que existia, já bem fundamentado na comunidade e um trabalho objetivamente satisfeito, que seguia as orientações do documento da congregação, foi interrompido por falta de adesão pessoal da nova equipe diretiva ao projeto da própria congregação.

Assim identificamos, lamentavelmente, que por mais profético e coerente que seja um documento, como o Projeto Educativo das Irmãs do ICM, ele ainda não consegue ser objetivo, ficando dependente da vontade e interesse das próprias irmãs que coordenam as obras educativas da congregação. É, no mínimo, lamentável observar que um educandário católico, coordenado por uma religiosa que passa boa parte da vida aprofundando o ser igreja e a sua missão pessoal e da congregação, quando se vêem afrontado com uma situação de corte de verbas, corta justamente aquilo que garante a identidade da escola católica ou seja, a pastoral. Além de lamentável é incoerente e atesta que esta escola, sob a coordenação desta direção, não consegue ser Igreja no sentido que o próprio documento do ICM traz: "A Igreja, povo de Deus, profética, libertadora, missionária e celebrativa, como continuadora da

missão de Jesus, anuncia a Boa Nova aos pobres, no espírito das Bem-Aventuranças.”⁷⁸

Uma discussão semelhante podemos identificar em outros documentos mais amplos, como os de nível nacional ou internacional dos bispos católicos. Os documentos em suas diversas instâncias até conseguem manter uma mesma linha de princípios e orientações, mas na prática dependem dos jogos de interesse das organizações locais, como dioceses e paróquias.

Outra observação pertinente se refere à discussão que os documentos e instituições fazem sobre juventude e educação. Quando o assunto é adolescentes e jovens, a educação está presente. Mas quando se reflete educação, parece que o público alvo desta discussão, os educandos, é ignorado. Mas mesmo quando a discussão é sobre juventude, pouco se valoriza a opinião e visão do próprio jovem, especialmente dentro da hierarquia da própria Igreja Católica, incluindo as irmãs do ICM.

Será que é possível discutir sobre juventude e educação sem considerar o próprio jovem enquanto sujeito intelectual e protagonista? É possível, uma vez que acompanhamos isso no decorrer dos dois primeiros capítulos. Mas, numa compreensão pessoal do mestrando, são no mínimo questionáveis tais discussões. É como se quiséssemos discutir a relação entre religiosidade e participação social no jovem tendo apenas como base as observações e discussões dos adultos; pois então teríamos a relação entre religiosidade e participação social do jovem na visão do adulto e não a relação em si. E isso se torna mais incoerente quando observamos que vários documentos que analisamos indicam o protagonismo e o direito à participação do jovem nas discussões como princípios básicos a serem incentivados.

Um indicativo trazido nos documentos oficiais se concretiza na prática: é possível educar para a solidariedade. Percebemos que quanto maior o envolvimento e o tempo em que estão envolvidos na discussão de educação da sensibilidade solidária – em casa ou nos grupos de convivência ou na ação efetiva da Pastoral Escolar –, mais os jovens têm a preocupação com o outro, a sociedade, a solidariedade. Porém, poucos

⁷⁸ COORDENÇÃO GERAL DA CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS DO IMACULADO CORAÇÃO DE MARIA. s/d., p. 43.

deles têm esta oportunidade na família, tendo o Colégio Auxiliadora sido o espaço de maior aprofundamento destas questões para os jovens entrevistados.

Quanto à religiosidade, podemos identificar, em todos os entrevistados, um cultivo da oração pessoal e comunitária. Destacam-se as orações no Colégio, já que, de alguma forma ou outra, todos citaram momentos de oração que realizaram na escola como parte de sua espiritualidade pessoal. O que ainda está relacionado em poucos jovens é a mística na ação solidária, ou seja, poucos afirmam que alimentam a mística e a oração pessoal fazendo o trabalho social.

Mestrando: Ou é a mesma forma que tu alimenta a tua espiritualidade?

Aluno 6: A mãe trabalha muito com as crianças da escola. Quando a gente vai para lá [em uma vila de Rio Pardo] fazer o carreteiro na comunidade, fazer bingo, entregar pãozinho. É uma forma de o cara se sentir melhor. Na gincana que tivemos que levar os alimentos para as famílias, a gente via a felicidade deles quando viam que nós íamos ajudar eles.

Mestrando: Tu achas que ajudar os outros faz parte da tua espiritualidade?

Aluno 6: Eu acho que sim.⁷⁹

Mais do que o aprofundamento da relação entre participação ou discussão social e a religiosidade, percebemos que os jovens entrevistados adquiriram, no Colégio Auxiliadora, uma maior sensibilidade com a vida do outro. Seja este “outro” o colega de aula ou de escola, da comunidade de Rio Pardo ou alguém que necessite de alguma ajuda. Esta preocupação, internalizada nas orações e reflexões, se externaliza através de atitudes cotidianas, como respeito e justiça em todas as ações; em ações mais próximas, como ajudar um colega que necessite explicação de temas de aula; ou em campanhas mais amplas, como campanha do agasalho para os alunos carentes da escola, campanha de alimentos para os que têm fome em Rio Pardo ou aos desabrigados das enchentes. Então, mais que uma ação pontual em alguma data especial no ano, percebemos que a religiosidade repleta de alteridade desemboca numa convivência cada vez mais fraterna e amigável na comunidade escolar, que sempre necessita ser aperfeiçoada, mas em processo de crescimento constante.

A Pastoral para mim é o lugar onde a gente encontra amigos, se sai um pouco da rotina. Claro que tem a questão religiosa e de espírito, mas é algo especial. Quando a gente vai na pastoral, muita gente pensa que nós só vamos para rezar, mas não, pastoral para mim é um lugar dinâmico, eu converso muito com meus amigos, a gente aprende a valorizar certos aspectos da vida, certos pontos que a gente nunca pensou, nunca passou pela nossa cabeça.⁸⁰

⁷⁹ Aluno 6.

⁸⁰ Aluno 3.

Porém, ainda identificamos como desafios posteriores a esta prática de Pastoral Escolar: aprofundar a questão do protagonismo estudantil; conceito de Igreja e de Comunidade Cristã; a mística da ação social e cidadã. Em resumo, a sensibilidade solidária que, em uma próxima fase, precisa adquirir fundamento.

Como lembramos anteriormente, é válido reforçar que este processo do SPE é fruto de mais de dez anos de educação para a paz, que envolveu muitos educadores e as antigas equipes de pastoral. Mas, em cada fase, um processo deve ser incentivado: como nos últimos anos foram a alteridade e a solidariedade, nos próximos necessitaria ser o protagonismo estudantil.

Para finalizar, gostaria de dizer, enquanto pesquisador, que, em nenhum curso ou leitura que tenha feito ou mesmo palestra que tenha assistido, jamais encontrei tamanho respeito e carinho pelo cultivo pessoal de oração e por Deus como com estes jovens entrevistados. Beleza que o senso comum ou uma educação “adultocêntrica” jamais serão capazes de admirar ou compreender. Só resta lamentar que não seja assim. Quem já experimentou esta experiência sabe a que beleza estamos nos remetendo aqui.

É bom saber que a educação cristã ideal, sonhada por muitos, é quase totalmente possível. Eu, enquanto educador, experimentei isso. Por mais que tentamos relatar isso de forma objetiva e científica, neste trabalho, a experiência cotidiana com estes jovens nos mostram muito mais. Bem mais! Uma outra utopia, que não foi escrita por adultos.

REFERÊNCIAS

A BÍBLIA edição pastoral. Tradução, introdução e notas de Ivo Storniolo e Euclides Martins Balancin. São Paulo: Paulus, 1991.

ABRAMO, Helena W. e BRANCO, Pedro Paulo M.(org.). **Retratos da juventude brasileira:** análises de uma pesquisa social. São Paulo: Fundação Perseu Abramo e Instituto Cidadania, 2005.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil. 2008 – 2010.** Documentos da CNBB, n 87. São Paulo: Paulinas, 2008.

_____. **Educação, Igreja e Sociedade** Documento da CNBB, n 47. <http://www.arquidiocese-sp.org.br/download/documentos/doc_cnbb-educacao_%20igreja_sociedade.doc>. Acesso em 23/2/09.

_____. **Evangelização da Juventude:** desafios e perspectivas pastorais. Documentos da CNBB, n 85. São Paulo: Paulinas, 2007.

_____. **Para uma pastoral da educação.** Estudos da CNBB, documento n 41. São Paulo: Paulinas, 1987.

_____. **Texto Base da Campanha da Fraternidade de 1998** Fraternidade e educação. Disponível em: <http://www.cf.org.br/cf1998/resumo.php>. Acesso em 23-2-2009.

COMBLIN, José. **Quarenta anos depois de Medellín**. In: Redemoinho – Revista Brasileira de Centros e Institutos de juventude. Nº 005 – agosto de 2008.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. **Documento de Aparecida**: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. Tradução de Luiz Alexandre Solano Rossi. São Paulo: Paulus, 2007.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO – SEÇÃO JUVENTUDE. **Civilização do amor, tarefa e esperança**: orientações para a Pastoral da Juventude Latino-Americana. Tradução de Hilário Dick. São Paulo: Paulinas, 1997.

COORDENAÇÃO GERAL DA CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS DO IMACULADO CORAÇÃO DE MARIA. **Projeto educativo – ICM 2004-2009**. Porto Alegre: s/d.

COORDENAÇÃO NACIONAL DA PASTORAL DA JUVENTUDE ESTUDANTIL. **Marco referencial da PJE**: nossa vida nosso sonho. S-l: s/d.

COORDENAÇÃO REGIONAL DE JOVENS **Marco referencial da Pastoral da Juventude do RS**. Porto Alegre: impresso, s/d.

CUNHA, Maria Isabel da. **O bom professor e sua prática**. 2 ed. Campinas: Papirus, 1992.

DAUNIS, Roberto. **Jovens, desenvolvimento e identidade**: troca de perspectiva na psicologia da educação. São Leopoldo: Sinodal, 2000.

DICK, Hilário. **Gritos silenciados, mas evidentes: jovens construindo juventude na história.** São Paulo: Loyola, 2003.

_____. **O divino no jovem** elementos teológicos para a evangelização da cultura juvenil. Obra revisada e ampliada. Porto Alegre: Instituto de Pastoral de Juventude: Rede Brasileira de Institutos de Juventude, 2004.

_____. **40 anos de Medellín: Evangelização juvenil na América Latina: resgate dos pronunciamentos episcopais.** In: Redemoinho – Revista Brasileira de Centros e Institutos de juventude. Nº 004 – Abril de 2008.

_____. **40 anos de Medellín: Evangelização juvenil na América Latina:** Situação e análise. In: Redemoinho – Revista Brasileira de Centros e Institutos de juventude. Nº 005 – agosto de 2008.

DOCUMENTOS del Vaticano II: constituciones, decretos, declaraciones. 16 ed. Madrid: Biblioteca de autores cristianos, 1972.

FOWLER, James W. **Estágios da fé:** a psicologia do desenvolvimento humano e a busca de sentido. São Leopoldo: Sinodal/ EST, 1992.

FRANCO FILHO, Odilon de Mello. **Experiência Religiosa e psicanálise: do Homem-Deus ao Homem-com-Deus.** In: Revista Brasileira de Psicanálise. Volume 29, n 4. 1995.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 33 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

KILPP, Nelson (Coord.). **Manual de normas para trabalhos científicos.** São Leopoldo: EST, 2006.

LIBANIO, João Batista. **Cenários de Igreja.** 3 ed. São Paulo: Loyola, 2001.

_____. **Jovens em tempo de pósmodernidade:** considerações socioculturais e pastorais. São Paulo: Loyola, 2004.

MESTERS, Carlos. **Juventude: vocação e compromisso à luz da palavra de Deus.** In: Curso de verão ano XXI: Juventude, caminhos para outro mundo possível. São Paulo: Paulus, 2007.

REIS, Magda Izabel dos. **Interfaces de uma educação transformadora na Escola Imaculado Coração de Maria: um olhar a partir da pastoral escolar.** Orientadora Sandra Vidal Nogueira. São Leopoldo: EST/IEPG, 2006. (Dissertação de Mestrado)

RIZZUTO, Ana-Maria. **O nascimento do Deus vivo:** um estudo psicanalítico. Tradução de Geraldo Korndörfer. São Leopoldo: Sinodal, EST, 2006.

SANDRINI, Marcos. **Os desafios da educação profissional na mudança de época.** In: Boletim da AEC. Ano XXVIII, Outubro-dezembro de 2008, nº 109.

_____. **Pastoral da educação: possibilidades e limites.** Porto Alegre: impresso, s/d.

SOUZA, Regina Magalhães de. **Escola e juventude:** o aprender a aprender. São Paulo: EDUC/Paulus, 2003.

ANEXO A
ROTEIRO ORIENTADOR DAS ENTREVISTAS COM OS JOVENS

1. Quem é Deus para você? Como é a imagem que você tem de Deus?
2. Qual sua história pessoal de vida (faça uma linha do tempo)? Que fatos, acontecimentos e ou pessoas marcaram (ou marcam) sua vida?
3. Quem é você? O que faz? Qual seu papel no mundo, sua contribuição para o mundo e para a escola?
4. Qual a relação com as igrejas (instituições)?
5. Que experiência você tinha de Deus antes da participação na Pastoral Escolar? E agora?
6. Qual a sua visão da Pastoral Escolar? Porque você participa?

ANEXO B
TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS COM OS JOVENS

Entrevista com aluno 1⁸¹

Mestrando: “Aluno 1”, a primeira pergunta é: Quem é Deus para ti?

Aluno 1: Quem é Deus?

Mestrando: É.

Aluno 1: Para mim é alguém superior a tudo. Está fora de nós para entender. Ninguém sabe o que é ao certo, né⁸²? Mas eu acredito.

Mestrando: E se tu tivesses, essa tu vai ter de falar um pouquinho mais, mas não tem problema. Se tu tivesses que pensar numa imagem de Deus e escrever, que imagem tu visualizaria?

Aluno 1: Uma pessoa assim?

Mestrando: A imagem que tu visualiza, qualquer imagem!

Aluno 1: Deixa-me pensar... Não consigo imaginar ninguém.

Mestrando: Nenhuma imagem?

Aluno 1: Não, não me lembro de nenhuma imagem que eu possa descrever.

Mestrando: E como é tua relação com Deus?

Aluno 1: Eu acredito que ele me ajuda.

Mestrando: Ele te ajuda?

Aluno 1: É.

Mestrando: Em que sentido, como assim?

Aluno 1: Eu acho que eu nasci bem, posso estudar, posso fazer tudo e eu sempre agradeço a Deus. Peço e agradeço bastante!

Mestrando: Se tu tivesses que falar de algumas coisas importantes para a tua vida, fatos marcantes, pessoas, desde o teu nascimento até hoje?

Aluno 1: Pessoas e fatos?

Mestrando: As pessoas e fatos que marcaram a tua vida!

⁸¹ Na intenção de preservar a identidade dos alunos entrevistados, toda vez em que durante a entrevista ou o mestrando ou o próprio aluno referiram-se ao nome próprio do entrevistado, no texto aparecerá sua referência por ordem de entrevista, como, por exemplo, “Aluno 1”. Assim sucessivamente em todas as entrevistas. Os originais contendo os nomes dos alunos entrevistados, tanto na transcrição como no arquivo em áudio, estão armazenados exclusivamente no arquivo pessoal do mestrando.

⁸² Na intenção de trazer realmente como foram as entrevistas, as transcrições tentaram ser a mais próxima possível, inclusive preservando o tom de informalidade das respostas e do diálogo de um modo geral.

Aluno 1: Pessoas que eu acho que são... Minha família, meus irmãos, meus pais, meus avós, a minha empregada que me criou até a terceira ou quarta série.

Mestrando: Continua sendo a mesma empregada?

Aluno 1: Não, trocou. Meus colegas que tenho desde o jardim A. As pessoas daqui do colégio também porque eu me criei aqui. Até a irmã de antes, que era a antiga diretora. E os meus parentes, pessoas com quem convivo desde quando eu era menor. E fatos...

Mestrando: É que fatos marcaram tua vida nesse tempo todo, ou ao longo dos teus 14 anos?

Aluno 1: Fatos importantes? Dá para pensar em recentes agora?

Mestrando: Pode. Só uma coisa que eu me esqueci de falar, não existe resposta correta. Então, tu não precisa falar aquilo que eu quero ouvir, mas o que tu tem a dizer.

Aluno 1: Fatos marcantes para ruim ou para bom?

Mestrando: Os fatos que marcaram a tua vida! Independente!

Aluno 1: Não consegue sair...

Mestrando: Quer voltar depois nesta pergunta?

Aluno 1: É, depois voltamos.

Mestrando: Então eu vou fazer uma mais fácil, quem é você? Se descreve um pouquinho, o que tu faz e quem é tu?

Aluno 1: Tem que falar nome?

Mestrando: Não precisa.

Aluno 1: Eu tenho 14 anos, estudo aqui no colégio sempre procuro dar o melhor de mim. E quem eu sou?

Mestrando: Essa é filosófica. Mas é um pouco da tua descrição.

Aluno 1: Tem que falar de personalidade?

Mestrando: Também, pode ser.

Aluno 1: Eu acho que tenho sempre dado o melhor e ... é uma porção de perguntas. Daí fica difícil!

Mestrando: E o que tu faz?

Aluno 1: O que eu faço da minha vida? Compromisso só tenho estudar e me diverto bastante.

Mestrando: Tu te divertes como: O que tu mais gosta de fazer?

Aluno 1: O que eu mais gosto de fazer? Acho que quando tem algum aniversário, natal, quando está toda a família reunida são os momentos mais importantes de cada ano, acho legal.

Mestrando: E no dia-a-dia, tu só espera datas para te divertir?

Aluno 1: Não, não, me divirto. Esses são os momentos mais marcantes, eu me divirto a qualquer hora do final de semana.

Mestrando: O que tu faz? Com a família?

Aluno 1: É com a família, as vezes uma janta lá em casa, quando saio com os amigos do centro. E qualquer hora da semana também, quando quer fazer alguma coisa, de tarde ou jogar futebol para espairer um pouco. Não tenho hora certa para me divertir.

Mestrando: Outra coisa que eu esqueci, na primeira entrevista, eu também vou lembrando aos poucos, se tu quiseres falar alguma coisa de alguma pergunta anterior, tu podes fazer não tem problema!

Aluno 1: Aquela do fato marcante é qualquer fato?

Mestrando: Qualquer fato, qualquer coisa!

Aluno 1: Qualquer coisa que me vem memória... Quando eu morava, eu só tive duas casas, uma a gente chamava de apartamentinho, um lugar pequeno fica... O endereço eu não sei.

Mestrando: Mas aqui em Rio Pardo?

Aluno 1: Aqui em Rio Pardo, no final da Andrades Neves, lá eu me lembro quando eu e meus primos brincávamos. Me lembro de meu outro primo que morava ali perto, o João sempre assustava o meu irmão com os bichinhos de borrachas ali na subida de casa. Ele dizia que era brincadeira. Depois a gente se mudou, era a casa do meu primo e queria uma casa nova, eu odiava aquela casa, depois reformaram tudo e daí foi indo. Há pouco tempo o que me marcou foi o inter quando ganhou a libertadores, o mundial, aquilo foi muito bom. As férias sempre têm fatos marcantes, o mundial do inter foi um deles, é quando eu aproveito mais a vida.

Mestrando: O que é aproveitar a vida?

Aluno 1: Não sei. Me divertir, fazer de tudo, conhecer as coisas, tem que pensar às vezes. Tem que ser tudo moderado também, a vida não é só diversão, tem que fazer as coisas.

Mestrando: Tu ta nervoso?

Aluno 1: Não só to pensando...

Mestrando: Não tem problema, depois a gente vai lembrando. Eu vou escutar a gravação em casa e se eu perceber que tem alguma coisa a gente conversa de novo, eu marco outra entrevista. Eu vou perguntando se tu fores lembrando vai falando. “Aluno 1”: a partir do que tu falas que tu és, o que tu faz a pessoa que tu és, o que tu acha que é o teu papel no mundo, a tua contribuição para o mundo.

Aluno 1: Eu acho que, primeiro eu quero conseguir viver com dignidade, eu acho que ajudar os outros bastante porque é o que fica. Não adianta tu trabalhar uma vida inteira só pra juntar dinheiro. Eu acho que eu to aqui para viver, aproveitar sem prejudicar ninguém, conhecer o máximo a história do mundo.

Mestrando: E agora uma pergunta mais especifica: Qual é a tua contribuição para nossa escola?

Aluno 1: Para a escola? Mas o que tu considera como contribuição?

Mestrando: Qual a tua contribuição além de ser um aluno dedicado?

Aluno 1: Eu contribuo não prejudicando ninguém, respeitando. Contribuir para o colégio? Não quebrar as coisas, tem gente que faz, não sei...

Mestrando: Eu vou pulando, depois nós vamos voltando tá?

Aluno 1: Tá.

Mestrando: Qual a tua relação com as igrejas instituições, ou com alguma igreja, tu tens religião?

Aluno 1: Até pouco tempo eu não tinha religião.

Mestrando: E agora tu tens?

Aluno 1: É agora eu tenho, eu nunca dá bola para a igreja. Desde pequeno eu fui criado como católico daí era a única visão que eu tinha. Daí eu fui conhecendo outras coisas.

Mestrando: A tua família é católica?

Aluno 1: É. Eu sempre dava bola para a religião católica e acreditava em tudo. Depois eu fui mudando, passando a não aceitar e ignorar até que eu ignorei tudo. Depois eu pensei e vi que eu acredito em certas coisas da religião. Mas ir à igreja, fazer promessa,

rezar o terço, essas coisas eu não faço muito. Eu tenho meu jeito de comunicar com Deus. Eu não sigo a risca nenhuma religião.

Mestrando: Entendi. Tu disseste que alguma coisa mudou agora tu tem religião antes não tinha. Como tu explicas isso?

Aluno 1: Antes eu só acreditava em Deus, eu sempre acreditei que existe algo, não sei se agnóstico é uma religião?

Mestrando: Não é uma religião, mas é uma classificação de quem acredita em Deus mas não pertence a uma religião.

Aluno 1: Eu sempre acreditei que agente não existe por acaso, que tanta gente acha daí eu fui pensando na igreja católica, em Jesus.

Mestrando: Então hoje tu te consideras católico?

Aluno 1: É claro que eu não faço tudo que um católico devia fazer.

Mestrando: Mas o que te influenciou nesta mudança?

Aluno 1: Acho que foi eu começar a pensar, porque antes eu não dava muita bola para isso, não refletia muito. Eu dhar mais para isso. Que nem a vez que tu contou uma história hóstia que virou carne busquei na internet e encontrei um monte de coisas. Eu fico pensando, e acredito mais em Jesus, porque em Deus eu sempre acreditei. Quando eu era menor eu me sentia melhor com a religião. Eu me lembro quando eu era pequeno e primeiro cachorro morreu, eu perguntei para a mãe se depois a gente ia se ver no céu e a mãe disse que tomara que sim. Foi a primeira vez que eu vi que ela não tinha certeza das coisas, e eu melhor quando tinha certeza, porque era algo superior e é melhor de viver assim.

Mestrando: E a tua família, eles tem a tradição católica, mas acreditam ou não?

Aluno 1: É que nem eu, não é cem por cento. Pelo o lado da mãe não é tanto, pelo lado do pai é mais. Avó por parte do pai acredita em tudo.

Mestrando: Mas isso não é um assunto que vocês conversem muito em casa?

Aluno 1: Não.

Mestrando: Se tu fores lembrando vai dizendo. O que tu achas sobre a Pastoral Escolar?

Aluno 1: O que eu acho?

Mestrando: Eu vou fazer de conta que eu não sou o coordenador! Pode falar!

Aluno 1: O que eu espero?

Mestrando: É o que de modo tu achas?

Aluno 1: Acho que é legal para descontrair, a gente combina coisas, vai ter o acampamento. É legal e nessas vigílias eu aprendo, acho que é bom.

Mestrando: Praticamente tu já respondeste o que tu participa das atividades do grupo?

Aluno 1: É para conhecer melhor as pessoas do grupo, pois eu só conheço algumas. Eu participo para descontrair nas reuniões de terça-feira, ajudar quando tiver os eventos como a gente faz, participar também.

Mestrando: Olha acabou o meu item de perguntas. Tu te lembras de mais alguma coisa?

Aluno 1: Eu to tentando me lembrar dos fatos que eu considero marcantes. Qualquer fato que eu nunca vou esquecer?

Mestrando: É.

Aluno 1: A vez que eu me afoguei na avó. Eu não sei quanto tempo, mas parecia que tinha ficado um dia... As lembranças mais antigas eu deixo para depois?

Mestrando: Não tem ordem.

Aluno 1: Eu me lembro quando começou o ano aqui no colégio, na quarta serie entrou um monte de gente. Na primeira série a excursão para o zoológico de Sapucaia. Lembro-me quando eu ia à casa do meu colega, acho que tu chegaste a ser professor dele, o Alexandre.

Mestrando: Não.

Aluno 1: Depois ele se mudou para aquela casa que ficava perto do zoológico. Quando eu era menor eu sempre na casa do meu primo, depois eu parei, tinha praça em frente da casa, e toda vez a gente ia lá com a gurizada. Depois paramos de ir. E tem um monte de fatos marcantes.

Mestrando: Eu te conheço mais do ano passado para cá, tu não eras tão falante, tão integrado com o resto da turma, parece que ta melhor que antes ou me enganei?

Aluno 1: É, esta mais ou menos.

Mestrando: Mais ou menos?

Aluno 1: É, depende eu não era tão integrado.

Mestrando: Outra pergunta sobre religiosidade, já que minha dissertação é sobre isso, quais são os espaços que tu tens de oração?

Aluno 1: Espaços?

Mestrando: É os momentos que tu tens de oração.

Aluno 1: Qualquer hora que eu tiver precisando de alguma coisa, qualquer lugar da casa.

Mestrando: Mais em casa?

Aluno 1: É mais em casa. Ou às vezes quando eu penso sobre algumas experiências que tive, tiro conclusões para depois. Mas em qualquer lugar, independente. Qual foi a pergunta que faltava? A da contribuição para o colégio, mas em que sentido?

Mestrando: O que tu achas que tu ajudas o colégio a ser melhor por exemplo.

Aluno 1: Eu ajudo ele existindo, pois se não existisse alunos também não existiria colégio. Faço parte da historia do colégio.

Mestrando: Dos 80 anos, tu estas em alguns?

Aluno 1: É, 10 anos!

Mestrando: 10 anos?

Aluno 1: É, eu comecei no jardim, agora tô na oitava série.

Mestrando: É 10 anos, né? Das primeiras perguntas tu disseste que não conseguia visualizar uma imagem de Deus, não tem problema.

Aluno 1: É, já tive algumas imagens quando eu era menor. Mas uma imagem especifica para Deus não consigo. Tipo um senhor, velho, eu pensava assim.

Mestrando: É?

Aluno 1: É, acho que eu via em filmes, mas hoje eu não consigo.

Mestrando: Se tu fores pensar agora, a Pastoral Escolar como um serviço dentro da escola para ajudar os alunos, que sugestões tu teria para a pastoral? Há eu acho que se a pastoral fizesse isso...

Aluno 1: Para ajudar os alunos do colégio?

Mestrando: É.

Aluno 1: Eu acho que não tem o que fazer. Mas em que sentido tu queres? Para estudar mais?

Mestrando: Não. No sentido de pastoral que a gente vem trabalhando no colégio, organizando momentos de celebração, encontros e orações. Estudar também, pois se vocês não estudarem a gente puxa as orelhas de vocês.

Aluno 1: Ajudar, tipo nesses encontros?

Mestrando: É, tudo o que a Pastoral Escolar poderia fazer pensando, por exemplo. Para o ano de 2009 vamos ter um novo planejamento.

Aluno 1: Eu acho que quem participa da pastoral tem que ajudar, querer ajudar quem precisa de alguma ajuda, organizar os encontros, acho que é isso. Tem muita gente aqui no colégio que não é bem financeiramente, estruturadas. Podem ajudar também a tomar um caminho. Tem gente que não quer nada com nada, daí quem participa da pastoral poderia aconselhar.

Mestrando: Quem participa, tu dizes os professores?

Aluno 1: É, e todos os membros.

Mestrando: Os alunos que participam.

Aluno 1: Não falta mais nada?

Mestrando: Não. Considerações finais, nada que tu tenhas te lembrado agora? Outra pergunta, por exemplo: Hoje sinceramente, participar da pastoral faz alguma diferença para ti?

Aluno 1: Como assim?

Mestrando: Se tu não viesse nos encontros da pastoral, não participasse das atividades da pastoral, hoje tu seria diferente?

Aluno 1: Eu acho que não seria muito, mas mais pela experiência. Tem gente aí que não confia muito nas coisas. Acho que pra mim não ia mudar muito, mas iria mudar.

Entrevista com aluna 2

Mestrando: “Aluna 2”, te apresente um pouquinho para a gente, quem é você?

Aluna 2: Meu nome é “Aluna 2”, tenho 14 anos, nasci dia 11-11-1993. O nome da minha mãe é “Maria” e do meu pai é “João”⁸³, são separados, eu tenho madrasta. Estudo no Auxiliadora, estou no primeiro ano e é isso.

⁸³ Nomes fictícios para preservar a identidade da entrevistada.

Mestrando: Algumas coisas da tua história de vida, se tu tivesse que lembrar alguns fatos, que fatos tu lembraria?

Aluna 2: A minha mãe e o meu pai se separaram quando eu tinha dois anos, eu não me lembro. Quando o meu avô morreu, eu tinha cinco anos, ele era que nem um pai para mim, depois minha mãe encontrou meu padrasto. Foi um dos momentos que mais marcou a minha vida. Também quando eu quebrei meu braço, eu tropecei numa caixa de papelão e cai. Quando quebrei meu braço, quando meu avô morreu, quando o meu tio morreu ano passado que eu tive que ir no psicólogo e tal. Acho que é isso.

Mestrando: E que pessoas, bom tu já falaste algumas o teu avô, o teu tio, teriam outras pessoas que marcaram a tua vida? Ou que marcam?

Aluna 2: A minha mãe, minha avó, pessoas mais de casa, e o meu padrasto também. Que desde que eu me conheço por gente ele é o meu pai, né?

Mestrando: Tu tens mais irmãos?

Aluna 2: Não.

Mestrando: Sobra toda “ganja” para ti, né? Uma outra pergunta agora, num outro sentido: quem é Deus para ti?

Aluna 2: Deus é quem cuida da gente, né? Ah, é quem manda em tudo o que a gente faz. Eu não acredito que foi Deus que criou o universo.

Mestrando: Não acredita?

Aluna 2: Não, nisso eu não acredito. Eu acredito...sei lá! Mas Deus existe ele é uma força que está lá em cima. Ele pode não existir numa forma física, não vou dizer que é um espírito, mas ele está presente. Ele existe, de alguma forma ele existe, ele pode não ser o humano que a gente desenha.

Mestrando: Pois é, tu falaste em imagem, tu não consegues visualizar uma imagem de Deus?

Aluna 2: Não. Não tem como, ninguém nunca viu para dizer como é. Das imagens que temos, como é que vamos saber se é verdade ou não.

Mestrando: Mas uma imagem que tu passa, assim?

Aluna 2: É, mas não.

Mestrando: E a tua relação com esse Deus que manda em tudo o que a gente faz, como é?

Aluna 2: Eu rezo todo o dia antes de dormir, rezo no colégio, eu vou a missa quando não tem aula. Quando eu durmo na minha avó, ela olha o terço na tv, e eu também olho.

Mestrando: Tua avó mora com vocês?

Aluna 2: Mora na casa em frente, no mesmo pátio. Eu passo mais lá do que em casa. É acho que é isso, eu rezo todo dia, faço promessa que eu ainda não paguei, eu tenho que acender um pacote de velas para o santo lá da Igreja, ainda não deu tempo.

Mestrando: Tá lembrando das promessas?

Aluna 2: Sim.

Mestrando: Tu dirias que é uma boa relação que tu tens com Deus?

Aluna 2: É.

Mestrando: Qual é o teu papel no mundo?

Aluna 2: Eu sou uma pessoa simples, que estuda numa escola como todo mundo. Eu vivendo ou não, acho que não à fazer diferença para o mundo la fazer para as pessoas que me cercam, mas no mundo tu não tens um grande peso, tu és uma gota de água no meio do mar. Não faz diferença.

Mestrando: Não faz diferença?

Aluna 2: É.

Mestrando: Nesse sentido, numa perspectiva micro, não vamos falar do “mar“ agora, mas de um “lago”. Qual é a tua contribuição para a escola? Para a nossa escola?

Aluna 2: Ah eu ajudo, eu não destruo nada, não faço bagunça, participo da pastoral, eu ajudo a Armanda nos jogos. Eu tô em tudo na escola, tudo o que tem eu tô dentro, só no grêmio que eu não tô, o resto tudo.

Mestrando: Por enquanto!

Aluna 2: É por enquanto ainda, quando a outra chapa perder. A escola é mais a minha casa do que a minha casa, eu passo o dia inteiro aqui dentro, o dia e a noite, eu vou para casa as 10h, quando acaba a última aula.

Mestrando: E o que tu mais gosta no colégio?

Aluna 2: Eu gosto do colégio, sei lá.

Mestrando: Tu gostas de estar aqui?

Aluna 2: É, na rua quando está quente, aqui está bem fresquinho. E toda a tarde tem alguma coisa na escola que eu tenho que estar aqui. Então é que nem a minha casa, eu gosto de estar aqui, sei lá, eu me sinto bem aqui dentro. Melhor que em casa.

Mestrando: Tu falou de Deus antes mas não falou de Igrejas. Qual é a tua relação com as Igrejas instituições? Tua família tem alguma religião, tu tem alguma religião?

Aluna 2: A minha família toda é católica, a minha avó vai a missa todo o domingo. Quando ela não vai domingo, ela vai sábado, daí eu vou com ela. Eu gosto mais de ir a missa de quinta e ela diz para mim que a missa é muito agitada. Mas eu vou, seja que dá, eu vou. Eu ajudo nas celebrações na escola.

Mestrando: Tu te consideras uma menina católica?

Aluna 2: Sim.

Mestrando: E sobre a pastoral do colégio, o que tu achas sobre a pastoral? A Pastoral Escolar?

Aluna 2: A gente faz um monte de projetos, a maioria não sai só papel, mas quando a gente consegue fazer o que estamos fazendo é uma coisa boa, sabe? Eu gosto de ajudar as pessoas, outra vez nós arrecadamos um monte de alimentos e fomos distribuir. Eu acho legal, eu gosto de ajudar e a pastoral faz isso.

Mestrando: E por que tu participas, tu já falaste em partes, da pastoral?

Aluna 2: Porque eu gosto de estar na escola e é um dia em que eu não tenho nada para fazer, se fosse em outro dia eu não ia poder vir. Eu gosto de estar aqui, de ajudar as pessoas, e a pastoral faz isso. Eu não gosto muito das dinâmicas, eu gosto de tirar as coisas do papel e realizar elas, de fazer as coisas tipo, realizar ela. Fazer uma coisa de campo.

Mestrando: Mudou alguma coisa, assim sinceramente, participar da pastoral te ajudou em alguma coisa?

Aluna 2: Antes tipo, eu ia para casa toda revoltada, toda irritada, por qualquer fato, por qualquer coisa eu tô irritada. E eu estando aqui a gente acalma, todo mundo faz bagunça, tu vê que é chato um monte de pessoas gritando, e a gente vê que não é assim, não dá para fazer bagunça e daí eu comecei a me acalmar. Eu sou uma pessoa muito agitada e eu não consigo parar quieta. Se eu não tô no computador em casa, eu tô jogando bola, ou eu tô colégio. Eu não consigo parar, entende? Eu preciso fazer

alguma coisa e a pastoral me acalmou um pouco, antes eu chegava em casa irritada e brigava todo o dia com a minha mãe.

Mestrando: Se eu te perguntasse, por exemplo: para o ano de 2009 o que a pastoral não pode deixar fora do planejamento? O que a pastoral tinha que fazer em 2009?

Aluna 2: Acho que tem que continuar fazendo o que a gente faz. Fazer a caminhada, de madrugada às 5h da manhã, que nós fizemos até o colégio. A vigília - a vigília não pode faltar -, o projeto que nós estamos fazendo para o natal, não dá pra acabar, é coisa boa, acho que vai dar certo.

Mestrando: O natal solidário, né?

Aluna 2: É, o que a gente faz sempre não dá para deixar de fazer, né? Ajudar nas missas do colégio, no evangelho encenado.

Mestrando: Alguma coisa que tu tinhas lembrado de antes, que tu queria falar?

Aluna 2: Não, não, é só isso que eu tinha para falar.

Mestrando: É, sem considerações?

Aluna 2: Isso.

Entrevista com aluno 3

Mestrando: Vamos começar, te apresente para nós, quem é você?

Aluno 3: Bom, meu nome é “Aluno 3”, tenho 16 anos, estudo no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora de Rio Pardo, estou no Ensino Médio e é isso.

Mestrando: Fala um pouco da tua história de vida, que fatos te marcaram ao longo da tua vida, que pessoas... algumas coisas que tu te lembra?

Aluno 3: Primeiro umas coisas bem sinistras, as pessoas que mais me marcaram foram a minha família. Quando eu era pequeno eu tinha muitos problemas e criei uma certa “fama” no colégio de ser “briguento”, de não ficar quieto para ninguém, então quando alguém discutia comigo ou me olhava torto eu já saía brigando. E eu ganhei a fama porque sempre me metia com as pessoas maiores e sempre saía numa boa, então eu tenho fama de ser forte, isso e aquilo, mas atualmente eu sou um cara calmo. As pessoas que marcaram foram meus pais, que sempre tiveram junto comigo; a minha irmã, porque eu fiquei muito mal quando eu rodei de ano porque ela foi embora. Eu

entrei em depressão na metade do ano; e meu sobrinho, pois ele quando nasceu foi algo, assim né, diferente, algo que mudou minha vida para melhor, aprendi a ser mais responsável.

Mestrando: Mais algum fato marcou a tua vida?

Aluno 3: Acho que não, esses são os fatos mais importantes, os outros são passageiros.

Mestrando: Se tu fores lembrando de alguma coisa tu vai dizendo. O que tu faz na vida? Que coisas tu faz na vida?

Aluno 3: De manhã eu estudo, a tarde eu durmo meia hora, depois eu tenho minhas atividades diárias. Faço parte do grupo da pastoral lá do colégio.

Mestrando: Lá do colégio!

Aluno 3: Pois é, eu pratico esporte como basquete e caratê. O resto do tempo eu estudo ou durmo ou namoro.

Mestrando: Uma outra pergunta: ainda no foco de apresentação pessoal, claro, mas é outra pergunta: Quem é Deus para você?

Aluno 3: É uma palavra assim... Bom, desde pequeno a gente aprende lá em casa que Deus é um ser espiritual, que está sempre ao nosso lado. Pra mim Deus é, como eu vou te explicar... É tudo o que há de bom, não é uma pessoa assim... é toda ação que uma pessoa faz de bom para outra pessoa. Claro, que tem a história de que Deus tem um poder maior, que ta protegendo todo mundo sabe? Mas na minha opinião Deus é as atitudes que o ser humano tem em prol de outros, são as amizades.

Mestrando: E as coisas ruins que acontecem? Deus não está aí?

Aluno 3: Dizem que Deus é o cara do bem... Mas na minha opinião o que a gente faz de ruim é nós mesmos. Deus é uma pessoa, ser, espírito que quer o bem de todos, mas as coisas ruins é nós que provocamos, então nesse ponto e mesmoo assim, coisas ruins, o que a gente pode falar de coisas ruins? Coisas ruins são atitudes que nós mesmos provocamos.

Mestrando: Se eu te pedisse para desenhar - claro que nós não vamos desenhar aqui - Deus, o que tu desenharias? Que imagem tu tens de Deus?

Aluno 3: Como nas aulas de artes eu sou especializado em desenhar imagens do que pessoas humanas. Eu acho que eu desenharia uma espécie de fonte de luz, de esperança.

Mestrando: Tu disse que tu eras um cara bem briguento, irritado, o que mudou?

Aluno 3: Ah, sei lá! Depois que eu entrei em depressão pelo fato de minha irmã ter ido embora.

Mestrando: Quantos anos tu tinhas?

Aluno 3: Dez. Depois eu comecei assim... Eu era muito revoltado, de certa forma sou até hoje, não vem ao caso. Acho que eu comecei a fazer novos amigos, comecei a pensar mais na amizade e eu nunca tive muitos amigos, depois que eu comecei a fazer uma quantidade grande de amigos e criar bastante... que a gente pode contar, sabe? Eu tenho bastante amigos que eu confio e que sei que confiam em mim. Eu acho que isso ajudou bastante eu ter mudado, as pessoas do modo de me julgar.

Mestrando: Dentro dessa “coisa” de Deus, a tua família tem alguma religião?

Aluno 3: Tem! A minha família é Católica.

Mestrando: E tu te consideras Católico?

Aluno 3: Eu me considero Católico sim, apesar de eu não ter o foco do que é religião, eu me considero Católico. Porque eu rezo todas as manhãs, eu não digo que eu rezo, eu digo que eu converso com Deus e agradeço. Acho que eu nunca peguei... Sempre quando eu rezo, eu rezo pensando nas palavras... Eu acho que muitas pessoas só rezam por ser decorada, não rezam com o coração, como se não tivessem rezando com algo supremo.

Mestrando: E quais são os teus espaços de oração?

Aluno 3: Na minha caminha antes de dormir, claro! O grupo de Jovens, na escola. Quando eu estou triste também, eu choro, fico bravo.

Mestrando: Ai tu “xinga” Deus?

Aluno 3: Não! Pelo contrário, eu peço perdão a Deus e peço ajuda para me acalmar.

Mestrando: Se tu fosses perguntado por qualquer outra pessoa, eu sou suspeito de perguntar, pois eu trabalho aqui, mas... Ah, eu esqueci de uma pergunta! Primeira outra pergunta: Qual é seu papel no mundo?

Aluno 3: Cara! Como eu vou te explicar... Bom, quando eu era menor o meu papel no mundo era espancar “os cara” que ficavam olhando para mim. Hoje em dia, a minha ação é algo mais solidário. Muitas pessoas dizem que eu tenho um futuro grande, algo superior por causa do meu jeitão espontâneo. Acho que meu papel no mundo é ser estudante, porque a gente não sabe o que vai acontecer no futuro, eu só posso dizer o que está acontecendo agora, e no momento estou estudando.

Mestrando: E qual tua contribuição para a escola, já que tu é um estudante?

Aluno 3: Minha contribuição, além de muita confusão eu ajudo, sempre que possível em missas, atividades escolares. Estudando, passando de ano, que eu acho que todos os professores querem, né?

Mestrando: Essa é tua contribuição?

Aluno 3: Acho que sim.

Mestrando: E o que tu achas da Pastoral Escolar?

Aluno 3: A Pastoral para mim é o lugar onde a gente encontra amigos, se sai um pouco da rotina. Claro que tem a questão religiosa e de espírito, mas é algo especial. Quando a gente vai na pastoral, muita gente pensa que nós só vamos para rezar, mas não, Pastoral para mim é um lugar dinâmico, eu converso muito com meus amigos, a gente aprende a valorizar certos aspectos da vida, certos pontos que a gente nunca pensou, nunca passou pela nossa cabeça.

Mestrando: Tipo?

Aluno 3: Muita gente diz que religião é só rezar, isso e aquilo. Normalmente quem entra na pastoral vê que não é só rezar, tem outros modos de fazer parte de uma religião. Tem outros modos de conversar com Deus a não ser rezando, rezando. E eu acho que muitos jovens têm medo de entrar na pastoral já pelo nome “Pastoral”, algo de pastor, divindade. Mas não tem nada a ver e tem a ver.

Mestrando: Tem a ver, mas não tem a ver?

Aluno 3: É, tem a ver, mas não tem a ver!

Mestrando: Por que tu participas da pastoral?

Aluno 3: Porque a pastoral me ajudou muito, me ajudou a mudar, me deixou calmo e fez de mim uma pessoa diferente. Eu me sinto de certa forma com medo, e de certa

forma orgulhoso, sabendo que eu, dizem que vou ser o sucessor do meu assessor, tô fazendo um trabalho legal e que... É isso.

Mestrando: Se tu pensasse assim, exemplo: Se a diretora pedisse para t fazer um planejamento da pastoral do próximo ano, por exemplo, o que a Pastoral tem que fazer, segundo o “Aluno 3”?

Aluno 3: Segundo o “Aluno 3” a pastoral do ano que vem, tinha que ter um pouco mais de organização e respeito. Porque apesar de ser um lugar bom, todo mundo participa e gosta. Mas é um lugar muito agitado e tem pessoas que participam, e muitas pessoas agitam o grupo e faltam com o respeito.

Mestrando: Tu diz do nosso grupo?

Aluno 3: Do nosso grupo.

Mestrando: E o que o grupo tinha que fazer mais. Ou era isso?

Aluno 3: Eu acho que é isso. Dinâmica a gente faz, viagem a gente faz, o que falta é cada um aprender a respeitar os outros da forma que são e parar com as brincadeiras de mal gosto. Acho que é o ideal. Em si a Pastoral já é bom, bem feito, já tem uma Coordenação boa, planejada, já é bastante dinâmica.

Mestrando: O “Aluno 3” de antes de participar da pastoral para o de agora, mudou alguma coisa?

Aluno 3: Mudou bastante!

Mestrando: No que mudou? No que a pastoral ajudou ou atrapalhou, também?

Aluno 3: A pastoral ajudou no meu lado espiritual diferente, me ajudou a ser mais calmo, mais educado. Ajudou-me a ver como as pessoas são e valorizar que ela tem de bom e ruim também.

Mestrando: Lembrou de outra coisa que tu querias dizer?

Aluno 3: Que o fato mais importante, não importa o fato, que em tudo a minha família tá dando apoio. Independente do que seja, e isso é muito importante para mim.

Entrevista com aluna 4

Mestrando: Vamos lá, tenta descrever um pouco: quem é você? Tá meio filosófica a pergunta.

Aluna 4: O meu jeito de ser, assim?

Mestrando: Te apresenta como se fosse te apresentar detalhadamente para alguém.

Aluna 4: Sou uma pessoa bem simpática - pelo menos é o que dizem e parece - as vezes eu sou quieta, de vez em quando, assim meio triste no meu canto. Mas normalmente eu tô alegre. Sou uma pessoa bastante amiga, se precisar de alguma ajuda pode chamar que eu vou tentar ajudar. Deixa eu ver...

Mestrando: Tô precisando de R\$100,00...

Aluna 4: Deixa eu ver o que mais... é, resumidamente não sei o que dizer de mim, mas acho que seria isso. Sou amiga, simpática, pode contar comigo para qualquer coisa, seja o que for.

Mestrando: Ok. Qual é a tua história de vida? Se tu tivesse que colocar numa linha do tempo, colocar no papel ou cortar para alguém, sei lá. Que fatos marcantes tu lembrarias da tua vida?

Aluna 4: Fatos importantes?

Mestrando: Desde que tu nasceste ou antes, sei lá, que te envolveu diretamente?

Aluna 4: Fatos marcantes, assim, básicos. Tipo, quando eu era pequena brincava de boneca com a vizinha, disso eu sinto falta.

Mestrando: Ah, isso eu ia dizer, são fatos e pessoas que marcaram a tua vida. A tua vizinha que brincava contigo...

Aluna 4: Brincava comigo quando eu era menor, acho que isso me marcou bastante. Deixa eu ver o que mais... a viagem do meu pai que ele fez e me marcou bastante. Não teve nada de mais assim, tudo foi bom não teve nada ruim. Há uma coisa que eu gostei, foi quando eu fui para o Beto Carreiro com a minha turma e uns amigos. A gente organizou e foi um momento bem legal e é isso.

Mestrando: Tá bom, e estritamente pessoas que são fundamentais a tua vida, o que tu dirias?

Aluna 4: Nome ? E mais de uma pessoa?

Mestrando: É pode.

Aluna 4: Minha mãe e meu pai, óbvio. Nomes de amigos eu não sei dizer por que eu não tenho muitos amigos assim, sabe. Eu tenho muitos amigos, quando eu conto com um às vezes eu me decepção, mas depois a gente se entende, vamos dizer assim.

Então eu não posso dizer assim, todos os meus amigos são importantes, mas nenhum em especial. Da minha família tem uma prima minha que é a Dália que tem 20 anos, se não me engano. Uma pessoa em quem confio bastante e é minha amiga.

Mestrando: O que você faz da vida? Que coisas você faz?

Aluna 4: No dia-a-dia assim? O que faço normalmente?

Mestrando: É.

Aluna 4: Ah, eu não faço nada de mais. Estudo de manhã no colégio, em casa quando precisa mesmo, passo o dia na frente do computador, para vaiar. Saio com meus amigos, assim. Faço uma festinha, não vou dizer festa, porque a gente se reúne só para passear no centro a noite. É, estudar, passar o dia na frente do computador, sair de vez em quando para fazer um trabalho, convidar as gurias para sair a noite, ir num show e outro as vezes. Ir na pastelaria com as gurias, e só.

Mestrando: E a partir disso eu queria te perguntar, qual é o teu papel no mundo? A “Aluna 4” no meio desse mundo todo. Qual é o teu papel específico neste mundo?

Aluna 4: Eu acho que ser amiga. Podem não acharem, mas minha opinião é essa. Eu acho é que depende do momento, mas eu seria uma boa amiga. Óbvio que todo mundo se decepciona com as pessoas, às vezes. Mas eu acho que se precisar de uma pessoa eu estou ai, porque eu adoro conhecer pessoas e ajudar.

Mestrando: E a tua contribuição, para o mundo nós já falamos, mas para a escola especificamente? Do mundo para a escola...

Aluna 4: Qual seria o meu papel na escola?

Mestrando: É a tua contribuição para a escola?

Aluna 4: Minha contribuição, ah, é difícil... eu não sei te dizer agora.

Mestrando: Por que não tem contribuição nenhuma ou são tantas?

Aluna 4: Não sei dizer e nem sei qual é ao certo...

Mestrando: A gente pode voltar depois, tá? Não tem problemas. Agora outra coisa bem diferente, quem é Deus para ti? Bem diferente do que a gente estava falando agora.

Aluna 4: Deus para mim? Não vou usar a palavra pai, uma pessoa assim que... ah, como é que eu posso explicar... Criador de tudo e fiel, né? Eu acredito que exista, sim. A pessoa que é responsável por tudo o que existe no mundo, praticamente, porque ele fez assim. Pois se sou mal é porque ele quis, e se sou boa é porque ele quis. Se

amanhã eu for fazer isso é porque ele quer, sabe? Eu acho que ele é a pessoa principal do mundo responsável por tudo.

Mestrando: Se eu pedisse, te entregasse uma folha, uma caneta, um lápis, desenhar a imagem que tu tens de Deus. Algo que represente Deus para ti, que imagem tu acha que sairia? O que tem na tua cabeça.

Aluna 4: Bom, deixa eu pensar assim... Se fosse desenhar agora eu iria desenhar Deus, Deus não... Deus não é uma pessoa. Eu não conseguiria desenhar uma pessoa que fosse a imagem de Deus. Um Deus que é uma luz, uma força. Criar forma, criar forma como de uma pessoa mesmo, né? Se é espírito, é uma luz.

Mestrando: E qual é a tua relação com Deus? A relação dele contigo, também pode ser.

Aluna 4: A minha relação com Deus, como é que eu vou dizer... É boa, deixa eu ver... Eu vou a missa e isso ajuda, é onde a gente pode ter uma relação com Deus. Vou a missa às vezes, nem sempre, eu ia toda semana.

Mestrando: Tu acha que na missa tu te relacionas bem com Deus?

Aluna 4: Eu acho que no domingo eu me relaciono bem com ele. Dá pra chorar às vezes. Na missa às vezes do nada eu choro e choro. Eu acho que eu me relaciono bem com ele. Agora, eu não vou dizer que eu rezo todo o dia, eu rezo no colégio, mas em casa como muitas pessoas fazem eu não rezo. Já tentei mas não consigo, parece que eu esqueço de rezar, mas eu vou a missa.

Mestrando: Tu acha que isso prejudica a tua relação com Deus?

Aluna 4: Não, acho que não afeta. Eu acredito e não vai ser rezar que vai mudar.

Mestrando: Agora vem outra pergunta, já que tu falaste um pouco, né? Só para retomar, qual é a tua relação com as Igrejas instituições ou com uma Igreja específica? Tu consideras que tens uma religião?

Aluna 4: Sim, eu tenho uma religião.

Mestrando: Católica?

Aluna 4: Isso.

Mestrando: E qual é a tua relação com a Igreja Católica?

Aluna 4: Relação de ajudar a Igreja?

Mestrando: Não, de participar em fim...

Aluna 4: É, como é que eu vou dizer, eu vou a missa na Igreja Católica, já é alguma coisa. No grupo de jovens da Igreja que tem. Quando eu comecei a ir à missa, não é que eu comecei no grupo de jovens da Igreja também. Mas eu ia nos encontros com eles, nos encontros quando tem da pastoral aqui no colégio e eles vão lá também, vamos dizer. Às vezes a mãe não deixa eu ir com eles, mas daí eu tento ir, entendeu? Ou diz que não vai todo mundo, ou depende quem vai ela não deixa eu ir, aí lá às vezes ela deixa eu ir. Então, a relação com a Igreja é participando do grupo de jovens deles, do colégio, e nas missas.

Mestrando: Quase no fim... qual é a tua visão da Pastoral Escolar? O que tu achas sobre a pastoral? Faz de conta que eu não trabalho na pastoral e tu vai falar dela para alguém.

Aluna 4: Eu acho que é uma coisa boa, pois ajuda as pessoas. Como é que eu posso dizer, é ajuda, faz o bem às outras pessoas.

Mestrando: Através do que?

Aluna 4: De arrecadação de alimentos para as pessoas carentes, roupas. Vamos dizer, por exemplo: na festa junina a gente arrecada alimentos e roupas para eles. Tentando divertir pessoas com danças e coisas assim, não só gente pobre, mas ajudando em geral as pessoas. É isso, ajudando com comidas, roupas, alimentos, divertindo as pessoas. Que eu lembre, o que vem a minha cabeça é isso.

Mestrando: E por que tu participas da pastoral?

Aluna 4: Por que eu participo da pastoral?

Mestrando: É.

Aluna 4: Porque eu gosto de ajudar as pessoas, gosto do que a pastoral faz, do que a gente faz, nesse caso, né? O que a gente faz, vamos dizer, as nossas atitudes. É uma galera bem unida, claro, tem a vezes que a gente discute, tem brincadeiras demais. Sempre tem uns que levam bem a sério, a gente sempre acaba se entendendo no final, acaba sempre ajudando as pessoas. Eu tô na pastoral porque eu gosto, porque a gente ajuda, e eu em especial gosto de ajudar.

Mestrando: Mudou alguma coisa na tua vida antes de participar da pastoral, para depois de participar mais do grupo e das atividades. Ou tu achas que não?

Aluna 4: Não vou dizer que mudou, mas a minha vida mudou. Mas acho que eu estou um pouco melhor, porque eu tô fazendo uma coisa que eu gosto, apesar de não vir em todos os encontros. Mas eu gosto, eu me sinto feliz em estar ajudando pessoas estando na pastoral e tendo amigos, né? E várias pessoas já disseram “que bom que tu estas na pastoral, que bom que tu ajudas as pessoas, é bem a tua cara”, vamos dizer assim... “tu parece gostar e participas mesmo, não só fala mas participa também”. Eu acho isso bom.

Mestrando: Uma pergunta que não está aqui, mas que eu tive que acrescentar nas entrevistas, por causa das três primeiras entrevistas que eu fiz e o pessoal não falou, e que tu também não falou agora, por isso eu vou perguntar. Quando eu perguntei das pessoas importantes, fatos, tu não falaste sobre relações afetivas de namoro, etc. A pergunta é, por que tu não falou? Talvez tenha algumas respostas: talvez não seja tão importante, pode ser que tu não te sintas tão à vontade para falar comigo, pode ser que isso não seja bom para ti. Não precisa me contar as coisas que tu faz. Óbvio!

Aluna 4: Não, eu entendi mais ou menos o que tu quer dizer, assim. Eu não falei de namoro na resposta porque eu nunca tive um namorado.

Mestrando: Nunca namorou sério?

Aluna 4: É nunca namorei assim. No namoro... tá, a pessoa é importante para ti, mas vai ser importante na minha vida como um amigo, como namoro normalmente não dura para sempre. É um tempo, deu e acabou, não deu certo a pessoa muda contigo só porque acabou. Acho que não é uma coisa importante na área do namoro, se é amizade, ainda tudo bem é amigo, se não é só conhecido também. Conheceste daí como amigo. Acho que do namoro tá incluído na amizade. Namoro mesmo, acho que é importante sim, não é aquela coisa. Óbvio, todo mundo quer namoro, a paixão, mas a gente sabe que não é bem assim e que o namoro não dura para sempre. Hoje tem um, depois outro e é uma coisa que vai acontecendo.

Mestrando: Quando tu lembravas dos amigos, tu lembravas desse tipo de relação?

Aluna 4: Sim em geral.

Mestrando: Então tá, muito obrigado!

Entrevista com aluna 5

Mestrando: Então, vamos lá começar a nossa entrevista. Primeiro, te apresenta: quem é você? Te apresenta para alguém que não conhece você?

Aluna 5: Sou “Aluna 5”, tenho 13 anos, estudo na 8ª série no colégio Auxiliadora e sou de Rio Pardo.

Mestrando: E o que você faz?

Aluna 5: Eu estudo, tento ajudar a minha mãe em casa, tento me dar bem no colégio e tento também fazer trabalhos sociais com instituições de ajuda a comunidade.

Mestrando: Se eu pedisse para tu te lembrar da tua história de vida, que fatos ou pessoas marcam a tua vida depois do teu nascimento, ou antes, enfim, até hoje? Marcaram ou marcam.

Aluna 5: O casamento do meu pai e a separação do meu pai e da minha mãe.

Mestrando: Só isso que marcou?

Aluna 5: Acho que foi isso que marcou porque foram as coisas que eu mais senti falta de na minha infância e agora na adolescência. É do pai que eu sinto mais falta porque tu precisa da presença masculina e como os meus irmãos são mais velhos, só eu e minha mãe, eu sinto falta da presença masculina dentro de casa.

Mestrando: Faz tempo que eles se separaram?

Aluna 5: Faz, logo depois que minha mãe engravidou de mim, faz treze anos e alguns meses.

Mestrando: E tu te encontras muito com ele?

Aluna 5: Encontro. Ele mora em Santa Cruz do Sul e sempre quando eu posso vou lá, só que sei lá...ele é alcoólatra, não sei que horas ele vai estar, então isso é uma questão a mais.

Mestrando: Então da tua história de vida tu destacarias isso?

Aluna 5: É, acho que foi o que mais marcou.

Mestrando: Qual é o teu papel no mundo? Qual é a tua contribuição para o mundo, como tu achas que contribuis com treze anos?

Aluna 5: Eu tento ajudar bastante, já que eu dou catequese de crisma, então eu tento ajudar os catequizandos e catequistas, passando um pouco da minha experiência como jovem, para eles que estão recém começando, eu acho que também ajudar na

comunidade, as pessoas que não tem tanto acesso que eu tenho, a um colégio bom, a um alimento, um brinquedo novo. Eu acho que é isso que eu tenho que fazer.

Mestrando: E a tua contribuição para a escola? Pode pensar não tem problema!

Aluna 5: Eu acho que a minha contribuição para a escola... eu tento ajudar o quanto eu posso. Acho que agora no grupo de jovens eu não tô podendo ir porque eu tô ajudando a minha mãe. Mas acho que eu posso, tipo, quando tem missa ou quando eu posso ajudar em um projeto na escola, algumas coisas que as irmãs, os professores pedem estou sempre à disposição e quando está ao meu alcance.

Mestrando: Agora vamos mudar um pouquinho o foco, claro que ainda falando de ti, em outras perspectivas: eu pedi para tu te apresentar, agora se eu pedisse para tu me apresentar Deus, o que tu dirias, quem é Deus para ti?

Aluna 5: Não deixa de ser um pai, um pai que tudo o que faz é voltado para nós. Às vezes a gente pensa assim: Deus não estava comigo nessa hora. Mas estava sim. Ele estava cuidando da gente, acho que o papel dele é cuidar da gente em todos os sentidos. Mesmo fazendo a gente errar, tropeçar, mas sempre para a gente aprender. O que faz a gente nunca esquecer dele, tipo a gente pode errar... Não existe uma coisa que não seria bom, que não é bom, mas a culpa não é dele, é para a gente aprender.

Mestrando: E como é a tua relação com Deus?

Aluna 5: Eu acho que frequentemente é boa. Não sei o que ele pensa de mim, né? Mas sempre quando eu posso ir à missa, rezar. Como eu não posso ir à missa com tanta frequência, mas eu rezo sempre em casa. Eu não preciso ir à missa, me encontrar com o padre, para me encontrar com Deus. Eu sempre procuro me encontrar com Deus para agradecer, não para pedir. Claro que pedir a gente pede, passar de ano, ir bem na prova, mas agradecer tudo o que eu tenho e que ele mesmo me deu.

Mestrando: E se eu fosse te entregar agora uma folha e um lápis - eu não vou fazer isso é só para imaginar - e fosse representar a imagem que tu tens de Deus, o que tu desenharias?

Aluna 5: Acho que eu colocaria Deus numa mistura, não um Deus branco, nem um Deus negro, não um Deus rico, mas também não pobre, mas uma mistura de um Deus e poder olhar para ele e dizer: ele, sim é a mistura de todos os que ele protege. Acho que eu pensaria assim que eu tentaria demonstrar quem é Deus para mim.

Mestrando: Tu já falaste um pouquinho, mas tu te consideras Católica?

Aluna 5: Eu me considero Católica.

Mestrando: E qual é a tua relação com a Igreja Católica, a instituição Igreja?

Aluna 5: Eu tento participar de vários projetos que a Igreja oferece, faço tudo o que está ao meu alcance. Agora eu estou auxiliando uma catequista a dar aula de catequese, me acho muito ativa dentro da própria Igreja Católica.

Mestrando: E sobre a Pastoral Escolar aqui no colégio, o que tu pensas sobre a pastoral? Faz de conta que eu não estou aqui, tá? Mas o que tu achas da pastoral?

Aluna 5: Eu acho que a pastoral faz um trabalho muito bom, porque ela envolve os jovens, faz eles pensarem, desenvolverem o que eles acham. O que é a pastoral, o que eles acham que a pastoral faz. Por que eu estudo aqui há seis anos e muitos dos meus colegas que estavam entrando no grupo de jovens chegavam para mim e diziam: “o que vocês fazem? O que faz tu ir lá?” E eu acho que isso é muito importante porque agora eles estão vendo o que a pastoral tá fazendo, e o que o colégio faz. E o colégio deve ajudar o máximo o próprio colégio e logo as outras pessoas. Ou seja, por mais que existam outras pessoas que não tenham mais tanto poder, vamos dizer como os alunos daqui, mas eles ajudam a se descobrir. E ver que eu não sou só uma pessoa bonitinha com roupa de marca, com um rostinho bonito, mas vale o que eu tenho por dentro.

Mestrando: E por que tu participas da pastoral?

Aluna 5: Por que eu participo da pastoral? Porque eu acho que é uma coisa boa para mim me sentir bem. Porque eu acho que eu me sinto bem ajudando os outros. Eu me sinto bem trocando idéias, porque eu gosto de falar muito. E me sinto bem expressando as minhas idéias e saber que as pessoas estão ali para me ouvir também. E que elas gostam de me ouvir e que eu posso dar idéias boas para ajudar outras pessoas também.

Mestrando: Tu achas que a pastoral te ajuda ou ajudou em alguma coisa?

Aluna 5: Eu acho que a pastoral me ajudou muito e ainda ajuda a perder um pouco da timidez. Por incrível que pareça eu tenho um pouco. Antes eu era mais quieta, não me expressava tanto. Então a pastoral me ajudou a falar mais, me expressar mais, a ver Deus como nessa mistura que eu tinha falado antes. E não apenas como naquela

imagem que a gente vê em filmes em livros, mas como esse Deus é pra mim, e não Deus em geral.

Mestrando: Lembrou alguma coisa de alguma pergunta que eu tinha feito antes? Que gostaria de falar.

Aluna 5: Não, eu acredito que não.

Mestrando: Então eu vou te fazer uma pergunta que não está escrita aqui, mas como apareceu muito nas outras entrevistas, eu tô acrescentando agora, tá? Eu perguntei sobre a tua história de vida, pessoas marcantes e tal. Tu reduziste bastante a resposta, falaste mais do teu pai e tudo mais. Mas em nenhum momento tu lembraste... Tu estás namorando?

Aluna 5: Estava. Tá não vamos dizer “namorando”, mas vamos dizer que sim!

Mestrando: É que eu me lembrei do teu orkut, mas em nenhum momento apareceu uma fala tua com relação ao afetivo. Por que tu achas que não falou? Ah, sei lá... Porque é tímida e não queria falar disso para o professor, ou não é tão importante na tua vida...

Aluna 5: É até pode ser, eu só falei o fato que mais me marcou e por incrível que pareça isso... Por que os amigos em si, eu nem gosto de ficar sempre com eles porque eu não considero... tenho conhecidos, mas amigos eu tenho restringido num grupo muito pequeno. E os que eu tenho me ajudam muito porque esses sim eu considero meus amigos. Porque eu acho que eles me ajudaram muito nesse vazio que eu posso dizer que eu tenho, e posso dizer que tenho porque eu considero um vazio. E agora, o namorado me ajudou muito, pois é uma presença masculina com quem posso expressar minhas idéias e ele expressar uma idéia contra. E a minha mãe...tudo o que eu faço e penso eu tenho que falar primeiro com a minha mãe. Vejo a idéia dela e depois penso duas, três, quatro vezes se é bom ou não fazer.

Mestrando: No que tua mãe trabalha?

Aluna 5: Cabeleireira.

Mestrando: E agora é só vocês duas, né? Tu és a “neném” da casa?

Aluna 5: Eu sou a neném da casa.

Mestrando: Considerações finais, não?

Aluna 5: Não, acho que dizer obrigado por ter me dado esse espaço para poder falar um pouco, e até porque é minha primeira oportunidade e uma experiência nova.

Entrevista com aluno 6

Mestrando: Para começar, apresente quem é você?

Aluno 6: Eu sou o “Aluno 6”, tenho 16 anos e moro com a minha família, em Rio Pardo

Mestrando: O que tu faz na vida?

Aluno 6: Eu dançava, fazia par com a Milene.

Mestrando: Se tu tivesses que fazer uma linha do tempo da tua vida com fatos marcantes, sejam bons ou ruins, que fatos tu lembraria?

Aluno 6: Eu me lembro de quando eu era pequeno e conseguia abrir o portão lá de casa, pra sair; quando o pai comprou a bicicleta rosa pra minha irmã e pra mim; quando eu ganhei a minha bicicleta; quando a gente fazia festa lá em casa, eu era pequeno, e molhavam o chão. Depois a mudança, quando a gente se mudou para outra casa, do outro lado da rua, mas outra casa. Toda a construção da casa, porque eu acompanhei desde quando o pai desenhou a casa no chão até hoje, ela pronta.

Mestrando: Trabalhou não, só acompanhou, né?

Aluno 6: Ajudar meu avô na madeireira dele; e os amigos que eu fiz quando mudei de colégio. Ali eu fiz bastante amizade, e agora mesmo, que eu parei de dançar...

Mestrando: Está parado na vida... tu já falaste alguns, que pessoas também marcaram ou marcam ainda a tua história de vida?

Aluno 6: Meus amigos lá da rua, a gente faz churrasco juntos, se reúne os colegas da sala. Toda semana a gente faz uma festa. O pai, mãe, vô, vó, irmã, ex-cunhado, que sempre me ajudavam a fazer as coisas, eles me levavam nos lugares com eles. O pessoal do CTG, a gente ficava sempre junto.

Mestrando: Você parou de dançar?

Aluno 6: Parei agora, fez um ano em setembro.

Mestrando: Dentro disso que tu falaste, qual é teu papel no mundo? Qual tua contribuição para o mundo?

Aluno 6: Para o mundo eu não sei. Eu gosto de mudar, todo mundo fala que eu não gosto sempre das mesmas coisas. Acho que eu procuro fazer um outro lado que ninguém tinha pensado ainda, fazer algo diferente, com isso eu contribuo.

Mestrando: E dentro do mundo tem a nossa escola, qual é tua contribuição para a nossa escola?

Aluno 6: Para a escola? Eu acho que... Ah, eu sempre participo das coisas da pastoral. Da escola é mais estudar, eu não sei.

Mestrando: Passar de ano.

Aluno 6: Se o conselho me passar.

Mestrando: Vai passar pelo conselho?

Aluno 6: Sim, acho que sim.

Mestrando: Mudando um pouquinho as perguntas, tu te apresentaste antes, se tu tivesses que apresentar Deus: quem é Deus para ti?

Aluno 6: Deus para mim? Eu estou em perigo eu grito para ele. Ou em perigo ou quando estou precisando de alguma coisa.

Mestrando: Tu gritas e ele te ouve?

Aluno 6: As vezes me ouve. Quando eu estou na Igreja peço para que um dia seja sempre melhor que o outro.

Mestrando: Como é tua relação com Deus?

Aluno 6: Eu toda noite - acho que peguei o costume da mãe - toda noite a gente reza e tem a santinha que passa lá em casa.

Mestrando: Quando tu disseste: "a gente reza", tu dizes sozinho ou com a família?

Aluno 6: Em casa quando vem a santinha a gente reza e de noite no meu quarto eu sempre tenho o costume de rezar, agradecer pelo dia e pedir para que o próximo seja melhor.

Mestrando: Se eu te entregasse uma folha - não vou te entregar - uma folha com um lápis para tu desenhares a imagem que tu tens de Deus, o que tu colocarias na folha?

Aluno 6: Um cara de barba sentadinho numa cadeira olhando para baixo e o cara lá embaixo olhando pra cima. E ai tu pede alguma coisa. Acho que é isso.

Mestrando: Tu já falaste que tu rezas e que vem a santinha. Tu achas que tem outra forma de alimentar a tua espiritualidade?

Aluno 6: Outra forma... o quê?

Mestrando: Ou é a mesma forma que tu alimenta a tua espiritualidade?

Aluno 6: A mãe trabalha muito com as crianças da escola da vila. Quando a gente vai para lá fazer o carreteiro na comunidade, fazer bingo, distribuir pãozinho. É uma forma de o cara se sentir melhor. Na gincana que tivemos que levar o alimento lá pra família, a gente via a felicidade deles quando viam que nós íamos ajudar eles.

Mestrando: Tu achas que ajudar os outros faz parte da tua espiritualidade?

Aluno 6: Eu acho que sim.

Mestrando: Tu tens uma religião?

Aluno 6: Eu vou à Igreja Católica.

Mestrando: Tu te consideras Católico?

Aluno 6: Eu me considero Católico, a gente vai nos domingos pela manhã à missa.

Mestrando: Tu vais todo o domingo à missa?

Aluno 6: As vezes não. As vezes eu fico dormindo até mais tarde.

Mestrando: Mas é consequência...

Aluno 6: É, agora não.... mas a mãe me deixa dormir até mais tarde.

Mestrando: Mas a tua família vai?

Aluno 6: Sim, vai. A mãe e o pai participam do cursinho e eles estão com muita ligação com a Igreja, sempre tem um pessoal ligado a Igreja lá em casa.

Mestrando: Um fato mais específico agora, qual é tua relação com a Igreja, a instituição Católica?

Aluno 6: Eu fiz a catequese, crisma, fui batizado na Igreja Católica e agora quando posso vou na missa de quinta na matriz porque...não sei...é uma missa diferente, animada. E daí fim de semana às vezes eu vou, as vezes não. E agora até to precisando ir lá de novo.

Mestrando: Sobre isso que tu falaste, tu “tá precisando” porque é final do ano, faz tempo que tu não vais, peso na consciência...?

Aluno 6: É as três eu acho, faz tempo que eu não vou e a mãe sempre diz assim: “não adianta tu pedires uma vez, nunca tem rezado, quando precisa pede”. Eu acho que todo o dia tem que falar assim, né? Acho que não precisa ser todo o dia, mas tu sente que tu fez a tua contribuição.

Mestrando: Mudando um pouquinho de novo o foco, depois nós vamos dar prioridade para outra coisa, o que tu achas da Pastoral Escolar? Pode ficar à vontade.

Aluno 6: Eu fiquei bravo por causa da vigília, eu sempre participei da vigília, e esse ano só porque eu não sou da pastoral, dos grupos, aí não abriu sabe? Eu fiquei chateado, mas o resto da maratona da pastoral, eu achei bem legal... o trabalho que a pastoral faz. A organização das missas da Pastoral é bem legal - procuro sempre que posso participar.

Mestrando: Tu achas que a pastoral pode fazer alguma coisa diferente?

Aluno 6: Fazer alguma coisa que pegasse, não só o colégio, mas quem quisesse participar. Por exemplo: na vigília fazer uma coisa que bastante pessoas participariam ir... um monte aí da turma queriam fazer a vigília este ano.

Mestrando: Uma pergunta que surgiu por causa das outras entrevistas e contigo também confere: quando tu falas de coisas e pessoas importantes na tua vida, tu não tá namorando agora?

Aluno 6: Não.

Mestrando: Tu não citou nenhum fato relacionado a namoro ou a ficante, beijos etc. Qual o motivo que tu não falaste, pode ter vários motivos: podes não ter te sentido à vontade para falar, pode ser que tu não teve uma experiência que fosse importante. Eu não quero saber alguma coisa íntima tua, tá?

Aluno 6: Tá. Eu, não é que não me sinto à vontade...é que assim, não é uma coisa que, na hora que eu penso nestas coisas, na vida, essas coisas não vinham na cabeça, é mais a minha família mesmo.

Mestrando: Alguma coisa a mais que tu tenhas vontade de dizer?

Aluno 6: Não.

Entrevista com aluna 7

Aluna 7: Vai gravar? Ai meu Deus!

Mestrando: Sim, vai gravar! Então vamos lá?

Aluna 7: Vamos.

Mestrando: Então, te apresente primeiro, quem tu és? O que tu faz? Se tu fosses te apresentar para alguém que ainda não te conhece, o que tu dirias?

Aluna 7: Ta, eu sou a “Aluna 7”, tenho 15 anos, moro em Pantano Grande. Não sou daqui, mas agora estudo em Rio Pardo e é isso.

Mestrando: Que coisas tu faz? Que coisas tu faz no dia-a-dia?

Aluna 7: Eu passo a maioria do tempo aqui em Rio Pardo, né? Eu vou ao colégio, e quando não tem nada aqui... eu não sei. É, eu me envolvo mais com o colégio.

Mestrando: Se tu fosses fazer um resgate histórico do teu tempo de vida, uma linha do tempo da tua vida, que fatos, acontecimentos e pessoas tu lembrarias? Que são importantes nesse período, ou que são até hoje?

Aluna 7: Ah, meus pais, né? Minha família assim. Eu gosto muito do lugar onde eu moro, não saio por nada de lá. Já tentei morar em outro lugar, em Porto Alegre, mas não deu. Uma pessoa que marcou muito a minha vida foi meu avô, que faleceu. Foi uma pessoa importante, e meus amigos. O tempo de colégio também foi importante para mim.

Mestrando: Agora, mudando um pouco o foco, antes eu pedi para tu te apresentares, agora, se eu pedisse para ti apresentar Deus, quem é Deus para ti? O que tu dirias?

Aluna 7: É o principal de tudo, né? É o mais importante. A gente tem o péssimo costume de só recorrer quando precisa, né? Mas eu tenho o costume de rezar todas as noites antes de dormir. Eu não rezo exatamente “Ave Maria e Pai Nosso”, eu agradeço pelo meu dia, né? Peço ajuda para encontrar sempre o caminho certo, então é o principal, né? É quem nos ilumina e olha sempre por nós, e é a pessoa com quem a gente pode contar sempre.

Mestrando: Como é a tua relação com ele?

Aluna 7: É, é isso, eu converso com ele, eu não sou de assim, eu rezo, mas eu não sou de ficar rezando “Ave Maria e Pai Nosso”, assim sabe? Porque eu acho muito superficial ficar rezando sempre a mesma coisa. Tem pessoas que nem sabem o que estão falando, né? Então, eu prefiro conversar com ele, toda noite eu agradeço pelo meu dia. Eu comecei a fazer isso faz uns dois anos, antes eu não fazia. Eu rezava, sabe? Porque a mãe sempre me ensinou a rezar um Pai Nosso e uma Ave Maria antes de dormir, só que eu achei depois, agora que eu fiquei maior, para mim eu achava mais válido conversar com ele do que propriamente rezar.

Mestrando: Então, tu dirias que a tua relação é próxima de Deus?

Aluna 7: É.

Mestrando: Uma relação de amizade ou?

Aluna 7: É, eu achava que rezar assim como todo mundo faz era muito artificial, e eu falando assim...

Mestrando: Parecia mais verdadeiro.

Aluna 7: Isso.

Mestrando: Se eu te entregasse uma folha e uma caneta, eu não vou fazer isso, e pedisse para tu desenhar Deus, que imagem tu desenharias? Que imagem tu colocarias no papel?

Aluna 7: Há, acho que não seria um rosto como todo mundo desenha. Seria uma luz, porque não sei se ele tem propriamente uma forma.

Mestrando: Uma luz?

Aluna 7: É, sei lá, uma luz. É, raios, porque acho que propriamente não tem forma.

Mestrando: Tu falaste que tua família é bastante religiosa, tem uma religião específica?

Aluna 7: Católica.

Mestrando: E tu também?

Aluna 7: É.

Mestrando: E como é a tua relação com a Igreja Católica?

Aluna 7: Eu fiz a catequese e fiz a crisma. Eu sempre gostava de participar das preparações das missas, a minha catequista sempre pedia para ajudar. Daí eu sempre fazia assim, agora que eu tenho me afastado um pouco, mas eu fiz a crisma quando eu estava na 8^o série. Depois disso, ano passado, eu ia mais seguido tipo, um sábado sim e dois não. Mas este ano tá complicado para ir, mas uma vez por mês é certo que eu vou à Igreja.

Mestrando: Bom, tu conheces um pouco o trabalho da Pastoral Escolar aqui do colégio, né? Faz de conta que eu não sou da Pastoral Escolar, o que tu achas da pastoral, das coisas que a pastoral faz, como tu percebes isso?

Aluna 7: É que eu não sei bem o que a pastoral faz aqui, promove a noite aquela...

Mestrando: Vigília.

Aluna 7: É, filmes né?

Mestrando: A pastoral em si coordena todo o trabalho de religiosidade que o colégio tem, todo o aspecto de religiosidade, com exceção do Ensino Religioso. Como tu percebes esse aspecto da religiosidade do colégio?

Aluna 7: Eu acho importante, porque muitas pessoas não têm o hábito de fazer o que a gente faz todo o dia de manhã às 9h. Não é todo mundo, são poucos os que fazem, então eu acho importante ter esse contato com Deus, mesmo que para alguns seja obrigado, mas tem. Não que seja muito válido, mas é um começo.

Mestrando: Que mais? As perguntas eu já acabei, mas tem outras coisas para perguntar. Tu achas que é interessante todas essas coisas que a pastoral faz, tipo, orações, celebrações e tudo mais. Tu achas que isso é atraente? Que são atrativas, não? Achas que teus colegas se envolvem, não?

Aluna 7: Muitos acham uma perda de tempo aquela das 9h. Os professores também não acham certo rezar uma oração que faziam há não sei quanto tempo atrás, acham que é antigo isso. Mas eu acho importante isso, porque muitos não fazem isso em casa e em lugar nenhum, só que eu acho importante a aproximação com Deus. Muitos não rezam ficam brincando. Até muitos professores dizem que é antigo fazer a oração de...

Mestrando: De São Francisco.

Aluna 7: É, mas a primeira todo mundo faz, pedem mais do que agradecem.

Mestrando: Tu terias sugestões, por exemplo: se a gente dissesse que em 2009 a "Aluna 7" vai coordenar o trabalho de pastoral do colégio, o que tu modificaria, acrescentaria, tiraria?

Aluna 7: Eu não tiraria as orações, só que de repente mudar...

Mestrando: Mudar o quê?

Aluna 7: Então é que a gente sempre critica, né? Mas na hora de fazer 'aperta'. Pois é, eu não sei, mas as orações eu não tiraria porque eu gosto, mas para os outros, eu acho que eles tirariam as orações e qualquer outro trabalho. Acho que deixariam a vigília, que gostam muito. Mas em si, não mudaria nada.

Mestrando: Tu achas que tem alguma relação, tu já tem uma experiência de religiosidade de casa e pessoal também bem forte. Tu achas que o colégio ajudou em algum sentido, tu te identificas com essa religiosidade do colégio?

Aluna 7: É, eu me identifico porque eu já era de antes, eu já tinha participado bastante. Até quando eu estava envolvida na catequese eu aprendi bastante, porque eu até preparava, fazia as leituras, então eu já tinha esse aspecto bem. Então eu entrei aqui e me identifiquei e me identifico, porque já era uma coisa próxima de mim, já tinha contato.

Mestrando: Tu achas que o colégio ajudou ou só manteve algo?

Aluna 7: Eu acho que manteve, ajudou porque...

Mestrando: Continua.

Aluna 7: Isso.

Mestrando: Uma outra questão, não é detalhamento, é só uma questão importante que eu percebi nas outras entrevistas que os alunos não falaram, tu tá namorando ainda?

Aluna 7: Sim.

Mestrando: Quando eu perguntei de pessoas e fatos marcantes, tu não falaste no namorado, por que tu não lembraste? Pode ter vários motivos, eu não estou perguntando da tua relação, tá? Pode ter vários motivos, um deles pode ser que tu não te sintas a vontade para falar comigo, pode ser que tu não consideras tão importante quanto as que tu falaste, sei lá, inúmeros motivos. Por que não te veio à cabeça?

Aluna 7: Há, é que tu perguntaste os mais importantes, né? O mais importante é a minha família. Pra falar a verdade eu me esqueci, não que não seja importante, nem que não tenha intimidade para falar contigo, mas eu esqueci.

Mestrando: Na verdade eu to perguntando por que das outras ninguém falou.

Aluna 7: Se esqueceram também!

Mestrando: Se esqueceram também. Tem, alunos que estão namorando a mais tempo que tu, tem alunos que estão começando, tão na “paixonite aguda” e ninguém falou. Então eu perguntei depois para todo mundo.

Aluna 7: É eu me esqueci completamente.

Mestrando: Não vou te entregar para o teu namorado, ta “Aluna 7”! Então, lembrou de alguma coisa que queria falar?

Aluna 7: Não, acho que é isso.

Mestrando: Então ta, muito obrigado.

Aluna 7: Até ele, o meu namorado, não é católico, ele é evangélico. Ele tem costume de carregar a Bíblia sempre na mochila, não que ele seja daqueles fanáticos, assim.

Mestrando: Sabe qual dos evangélicos?

Aluna 7: Ah, não sei. Mas foi ele que me impulsionou, não a deixar de rezar concreto, nós conversamos bastante sobre isso. Ele é bastante religioso, e ele me dizia que ele conversava com Deus, que ele achava mais válido. Foi quando eu comecei a namorar ele quando eu mudei meu ponto de vista, não que deixei de ser católica, né? É que os evangélicos não rezam assim propriamente.

Mestrando: Não tem as orações decoradas.

Aluna 7: É, ai eu me interessei por essa tática, achei que era mais válida para mim, até por causa dele.

Mestrando: Faz dois anos que tu estas namorando?

Aluna 7: Faz dois anos e meio que eu tô com ele.

Mestrando: Então tá é isso.

Entrevista com aluno 8

Mestrando: Boa tarde!

Aluno 8: Boa tarde!

Mestrando: Te apresente um pouquinho, quem é você?

Aluno 8: Eu sou o “Aluno 8”, nasci em Rio Pardo. Eu sou um pouco um caso a parte, não que não seja um cara normal. O diferente, ninguém é igual a ninguém.

Mestrando: E por que tu és a parte?

Aluno 8: Porque eu não sou igual a ninguém.

Mestrando: Mas o que te faz diferente dos outros?

Aluno 8: Essa diferença de estar sempre sorrindo, tu conseguir fazer de um momento triste um momento feliz. De conseguir tirar a de um choro um riso, uma gargalhada.

Mestrando: O que tu faz da vida?

Aluno 8: Ah, de vez em quando eu estudo!

Mestrando: De vez em quando tu estudas? E no intervalo de estudar o que tu fazes?

Aluno 8: Eu vou para o grupo de jovens, eu durmo, vou para a escola. E é isso.

Mestrando: Se eu pedisse pra tu fazeres uma linha do tempo, desde que tu nasceste, ou antes, até agora, que fatos ou pessoas marcaram ou marcam a tua história de vida? Algumas coisas que tu lembra assim.

Aluno 8: Eu não lembro de muita coisa porque eu sou bem “loção” das idéias. Eu quando era pequeno, até hoje eu conheço bem o guri, muito pequeno quando eu aprendi a caminhar com uns quatro anos, aprender a caminhar com quatro anos é “foda”, né? Mas é por ai. Eu me lembro de um gurizão que morava em frente da minha casa, era muito amigo meu. Depois ele se mudou para Cachoeira e nunca mais o vi.

Mestrando: E vocês brincavam juntos?

Aluno 8: Não era direto, mas brincávamos.

Mestrando: Tá bom, outra pessoa que marcou a tua vida?

Aluno 8: Outras pessoas que marcaram a minha vida... Fatos que marcaram a minha vida aqui no colégio. Eu aprontei o máximo quando eu era pequeno. Aquela turma que tinha quatro professoras, a gente enlouqueceu todas as professoras. Quando eu era pequeno, por isso até que eu rodei nessa turma. Agitava demais! Cheguei até a brigar com as professoras, joguei a vassoura na professora, muito marginal!

Mestrando: Era né?

Aluno 8: Era, fecha aspas. Depois disso, eu acho que foi ver o Artur crescer. O Artur me ajudou a “fuzel”. Me ajudou mais que o pai nas coisas.

Mestrando: Ele é teu irmão?

Aluno 8: É meu irmão no caso.

Mestrando: Que tipo de coisas ele te ajudou?

Aluno 8: Desde pequeno dando conselhos, as vezes eu dava conselhos para ele.

Mestrando: Conselho de que e quem?

Aluno 8: De tudo que é tipo: de guria, de como andar de skate, de bicicleta. Foi ele quem em ensinou a andar de bicicleta quando era pequeno, que até hoje eu não tenho

paciência de ensinar o meu irmão mais novo, mas ele me ensinou. E de brigar também, só que eu não sei se entendi bem.

Mestrando: E vocês continuam tendo essa relação de conversar bastante?

Aluno 8: Conversamos bastante, muito.

Mestrando: Mais alguma pessoa ou fato marcante?

Aluno 8: Fora essa parte da “piazada”... Quando eu era colega do Dido, foi tri aquela turma. Deixa eu ver outros fatos... É isso.

Mestrando: É isso que tu lembrás?

Aluno 8: É, eu não me lembro de muitos fatos de quando eu era piá.

Mestrando: O que tu consideras que é a tua contribuição para o mundo?

Aluno 8: Alguma coisa eu contribuo. Até vou dizer do trabalho de Ensino Religioso que eu fiz e passei na prova. Uma coisa que eu posso mudar o mundo é o meu sorriso. Tipo, se eu tenho um mundo completamente triste, e eu conseguir fazer uma pessoa feliz, eu já vou estar satisfeito. Porque essa pessoa vai alegrar outra pessoa que vai alegrar outras pessoas. Que assim seguirá completando o mundo.

Mestrando: Tu achas que a tua missão é alegrar as pessoas?

Aluno 8: Missão eu não sei, mas o certo da missão eu não sei... Se der, fizemos.

Mestrando: A tua contribuição para o mundo.

Aluno 8: É tipo isso.

Mestrando: Nesse sentido, eu fiz uma pergunta mais ampla, reduzindo o âmbito da pergunta, qual é a tua contribuição para e na escola?

Aluno 8: Contribuição na escola?

Mestrando: É.

Aluno 8: Não sou um aluno exemplar.

Mestrando: Não é, por que não?

Aluno 8: Porque eu sou burrinho.

Mestrando: Tu achas que tu é burro?

Aluno 8: Não tanto, né? Não sou dos mais burros, mas não sou dos mais inteligentes, não sou dos mais esforçados, nem dos mais preguiçosos, tô nesse meio aí. Às vezes caindo mais para um lado, às vezes mais para outro, é isso aí.

Mestrando: Tu achas que tu não tens uma contribuição específica para o colégio?

Aluno 8: Específica para o colégio eu acho que não tem. Só no grupo de jovens que a gente tem idéias para o colégio, que antes só o grêmio podia ter para mudar aqui.

Mestrando: Idéias como?

Aluno 8: Como a campanha do natal solidário, ou a idéia de arrecadação para pintar a parede ali, ajudar o pessoal aqui do colégio, na merenda. Tipo essas campanhas.

Mestrando: Se tu fores lembrando vai falando, tá?

Aluno 8: Ah, me lembrei de uma coisa dos fatos históricos da minha vida. Eu me lembro muito do Thales quando eu era pequeno, o Thales e uma outra vizinha nossa a Carol.

Mestrando: O Thales do grupo de jovens?

Aluno 8: O Thales do grupo de jovens. Ele morava lá perto de casa e a Carol também, se criamos juntos, morando perto.

Mestrando: Posso mudar a linha das perguntas agora?

Aluno 8: É o senhor que manda.

Mestrando: Antes eu pedi para tu te apresentares, agora se eu pedisse para tu apresentares Deus para mim, o que tu falarias? Quem é Deus para ti?

Aluno 8: Deus não é nada mais do que um exemplo, que a gente tenta seguir ou outros não tentam, uns tentam e não conseguem. Deus é uma imagem divina, perfeita. Nós não somos perfeitos, no máximo tentamos chegar perto dele, o mais próximo possível dele, não no físico, mas na mentalidade, por dentro.

Mestrando: E como é a tua relação com Deus?

Aluno 8: A minha relação com Deus... Eu não sei explicar isso direito, mas a relação com Deus todos nós temos. Deus não é só aquele santo, aquela cruz, Deus está em tudo. Alguém me disse isso um dia...

Mestrando: Chico Xavier.

Aluno 8: É, eu acho que é isso. Por mais que a gente não tenha uma baita cruz no nosso quarto, ele não está mais ou menos afastado de Deus, porque ele está em tudo.

Mestrando: Tu sentes que ele está perto de ti ou não?

Aluno 8: É, nem sempre.

Mestrando: Nem sempre.

Aluno 8: É.

Mestrando: Tem um momento específico de contato com ele, não, de vez em quando?

Aluno 8: De vez em quando eu tento os meus contatos.

Mestrando: Tu liga para ele ou como é que funciona?

Aluno 8: Não dá.

Mestrando: Estou brincando.

Aluno 8: Se tu fores parar para pensar, eu acho que o cara estaria mais conversando com Deus do que rezando. Tem gente que só reza quando vai pedir, eu só vou rezar quando preciso pedir. No mais era isso.

Mestrando: Se eu te entregasse uma folha e um lápis, e te pedisse para tu desenhar a imagem que tens de Deus, o que tu colocaria nessa imagem?

Aluno 8: Uma luz, uma luz refletindo. Não apareceria ninguém, só uma luz. Porque Deus é tudo, tanto negro, como índio, como branco, como qualquer outra pessoa. Uma luz refletindo.

Mestrando: Uma luz que não se enxerga muito.

Aluno 8: É, uma luz refletindo.

Mestrando: Tá. Tua família tem uma religião?

Aluno 8: Somos Católicos.

Mestrando: É, e tu junto?

Aluno 8: É.

Mestrando: Qual é a tua relação com a Igreja Católica?

Aluno 8: É uma relação bem estreita. Eu não sou muito de Igreja, mas dependendo a gente vai. A minha família acredita em Deus, mas não vai muito a Igreja. Não sei se por preguiça, não sei o que é, mas não costumava ir. A gente vai de vez em quando, vai todo mundo separado, é muito difícil quando vai todo mundo junto. Só quando tem algo especial.

Mestrando: Tu já foste sozinho na Igreja?

Aluno 8: Já fui, acho tri ir na Igreja.

Mestrando: Conversar sobre religião e religiosidade vocês conversam em casa?

Aluno 8: A gente não costuma conversar muito, só quando tipo acontece um fato numa determinada religião daí a gente fala. Tipo, o meu pai tem a idéia do que é essa religião. Eu vejo que não é certo e a gente vai lá e fala isso e isso. Tipo, a gente já falou sobre a Umbanda que ele explicou que não era macumba, que era...

Mestrando: Trabalho, oferendas...

Aluno 8: É, tipo isso. Já faz tempo quando era novo, era... me esqueci o nome... Ele me explicou como era o nome certo do que eles faziam... Só isso.

Mestrando: A gente começou do maior e foi reduzindo. O que tu achas da pastoral aqui do colégio? Tendo em vista que a Pastoral Escolar trabalha com todos os momentos de celebração, momentos mais coletivos de religiosidade que o colégio oportuniza é feito pela pastoral.

Aluno 8: Eu acho que tem o líder lá da pastoral que é uma pessoa muito boa. Mas a pastoral para o colégio eu acho que é muito importante, porque aqui é um colégio de freira e tipo, tem criança aqui, criança pequena ou até maior, que no natal não sabem o porquê do natal. Daí vem todo esse efeito da pastoral no colégio de explicar o nascimento de Jesus, todas essas coisas.

Mestrando: E o que mais da pastoral?

Aluno 8: É, eu acho que é isso, dá idéias da religião para as crianças.

Mestrando: E tu tinhas todas essas idéias quando tu eras pequeno?

Aluno 8: Como assim?

Mestrando: Tu não precisavas que a escola te ajudasse dá idéia de natal, de páscoa, essas coisas?

Aluno 8: Ah, quando eu era pequeno eu não sabia de nada. Quando eu era pequeno eu nem lembro do que eu pensava. Na escola eu me lembro do que eu fiz, mas lá de vez em quando.

Mestrando: E o grupo de jovens, Mathias?

Aluno 8: Um pequeno grupo de vinte e tantos.

Mestrando: O que tu falas do nosso grupo?

Aluno 8: Eu acho que o nosso grupo também está envolvido nessa área da religião, só que numa área, não tão... Sabe? Uma parte mais light, mais jovem, daí tem essas coisas assim.

Mestrando: Por que tu participas do grupo, por exemplo?

Aluno 8: A gente começa a entrar no grupo com segundas intenções, vamos dizer assim. Depois o cara vai amadurecendo e vendo que não era bem aquilo.

Mestrando: E qual era as tuas segundas intenções?

Aluno 8: Várias! A gente vai vendo que não era aquilo, que também tem o outro lado, mas não é só.

Mestrando: Tem aquilo o quê?

Aluno 8: As segundas intenções... Tem a parte da religiosidade que o cara vai pensando mais no grupo, do geral, não mais em si. E várias outras. Eu vou pensando mais no grupo. Eu entrei no grupo para fazer viagens e nas viagens que eu fui, eu comecei a perceber que não era bem aquilo. Não era só viagem, só agitação, mas tem o lado da Igreja, que tu vai amadurecendo e vai vendo que é tri. Ajuda as pessoas.

Mestrando: Então tu achas que a pastoral é bacana e contribui para a tua vida?

Aluno 8: Ah, acrescenta!

Mestrando: Nem que seja bobagem.

Aluno 8: Nem que seja bobagem, mas acrescenta algo.

Mestrando: Lembrou de mais alguma coisa, não?

Aluno 8: Acho que é isso.

Mestrando: Então, duas perguntas que não estão anotadas e que eu vou fazer a partir da tua fala e que foi comum nos outros colegas, tu não foi o único. As respostas a essas perguntas é que foram diferentes. Quando eu falei de pessoas e momentos marcantes, tu não citou pessoas de dois grupos: Da tua família, tu só citou o Artur, e afetivamente, tu não citou ninguém. Assim, afetivamente no outro sentido, de namoro, ficar e tal. Por que isso aconteceu, tu não precisa me dizer se tu já beijou, namorou, sei lá, eu não quero saber disso. Eu não preciso saber disso, me poupe dos detalhes. Eu quero saber por que tu não lembrou disso? Porque não aconteceram coisas importantes em relação a família e o namoro, e tal. Ou por que tu não te sentes à vontade em falar comigo, ou não é um assunto que tu goste de falar?

Aluno 8: Não, eu desde pequeno aprendi que a gente não briga com amigo por causa de guria. Gurias tu encontras um monte, mas agora amigo verdadeiro é difícil, como o Teteu! O Teteu é muito meu amigo, é "faixa".

Mestrando: Mesmo daquele tamanho todo?

Aluno 8: Mesmo daquele tamanho todo!

Mestrando: Então tu achas que tu estas vivendo uma fase de curtir muito mais a amizade do que o namoro. E a família?

Aluno 8: A minha família é “locona” que nem eu.

Mestrando: É? Como é a tua relação com a tua família?

Aluno 8: A relação com a família até que é boa. Eu pareço com a minha família.

Mestrando: Tu pareces com a tua família?

Aluno 8: Um pouco diferente, mas pareço.

Mestrando: E tu parece com quem na tua família?

Aluno 8: Em personalidade?

Mestrando: Em personalidade!

Aluno 8: Essencialmente o meu pai. Isso é uma das poucas coisas que eu tenho parecido com meu pai, é o não ter vergonha. O meu irmão também não tem vergonha.

Mestrando: Tu é sem vergonha?

Aluno 8: Sou sem vergonha! O cara tendo vergonha não ganha nada, agora o cara não tendo vergonha já apresenta melhor o trabalho, já ganha mais gurias, já pode ganhar mais dinheiro. Mas tem outras coisas que é diferente da minha família.

Mestrando: O quê, por exemplo?

Aluno 8: O jeito de ser. O pessoal lá em casa as vezes é meio quieto, eu sou mais agitado. No geral assim, a minha família é bem “locona”, bem parecido comigo. Bem diferente, mas é minha família, né? Fazer o quê?

Mestrando: Tão tá, isso?

Aluno 8: Isso.

ANEXO C
RESPOSTAS DO QUESTIONÁRIO ENVIADO ÀS FAMÍLIAS

Resposta ao questionário enviado aos responsáveis - mãe do “Aluno 1”⁸⁴

1) Como sua família vive a religião ou religiosidade?

A nossa religiosidade é mais direcionada à maneira de levamos a vida. Procuramos ser corretos, na medida do possível, com as atitudes do dia-a-dia. No relacionamento com as pessoas: ser honesto, não prejudicar e nem desejar mal a ninguém, enfim vivemos a nossa vida, do jeito que nós conseguimos, sem prejudicar ninguém. Com relação à vida religiosa, nada em exagero, vamos à missa às vezes. Comemoramos o batismo, a 1ª Comunhão, a Crisma, enfim, comemoramos a Páscoa, o Natal,...

2) Como você percebe a religiosidade de seu filho?

De uma maneira natural. Na vida, procura ser correto com suas atitudes e se não for, procura sempre corrigi-las da melhor maneira. Segue sua vida, sem egoísmo, e sem prejudicar o outro; sempre com muita coerência.

3) Quais os motivos pela escolha do Colégio Auxiliadora como escola para seu filho(a)?

Por ter sido a minha escola, e também por ter “aquele ambiente familiar”, que sempre me passou; e por atender os requisitos de aprendizado, educação e formação pessoal.

4) Como você percebe o crescimento pessoal de seu filho(a) nos últimos tempos? O quê você acredita ser responsável por este crescimento ou estagnação do processo pessoal dele(a)?

O meu filho vem crescendo como pessoa muito bem; dentro dos valores que nós passamos e que a escola também passa.

Resposta ao questionário enviado aos responsáveis - mãe do “Aluno 3”

⁸⁴ A referência da pessoa da família que respondeu às questões seguirá a referência do codinome usado com seu filho(a). Na digitação das respostas ao questionário não houve correção de concordância nem de pontuação, na tentativa de manter o mais fiel possível as respostas das mães. As respostas originais com a identificação de cada pessoa encontram-se exclusivamente no arquivo pessoal do mestrando.

1) Como sua família vive a religião ou religiosidade?

Sempre vou à missa quando posso, converso muito com Deus e com Nossa Senhora Aparecida. Agradeço a Deus todos os dias pela família que tenho.

2) Como você percebe a religiosidade de seu filho?

Ótima, sempre quer ajudar os outros de uma forma ou de outra.

3) Quais os motivos pela escolha do Colégio Auxiliadora como escola para seu filho(a)?

Em primeiro lugar porque estudei lá um tempo, depois quando tive a oportunidade de colocar o meu filho desde o “prézinho” sempre senti que o meu filho era educado e protegido na escola, tive sempre ótima orientação.

4) Como você percebe o crescimento pessoal de seu filho(a) nos últimos tempos? O quê você acredita ser responsável por este crescimento ou estagnação do processo pessoal dele(a)?

Ótima! Meu filho ficou mais responsável, acredito em todos os educadores da escola e principalmente no Prof. Fernando, que com o seu empenho de professor e amigo sempre ajudou meu filho.

Resposta ao questionário enviado aos responsáveis - mãe da “Aluna 5”**1) Como sua família vive a religião ou religiosidade?**

Minha família vive a religião ou religiosidade tendo fé em Deus e orando a ele, sempre que podemos vamos à Igreja e ajudamos em projetos sociais.

2) Como você percebe a religiosidade de seu filho?

Percebo religiosidade de minha filha vendo ela participar das missas, projetos sociais dentro e fora do ambiente escolar, sempre com muito interesse e fé.

3) Quais os motivos pela escolha do Colégio Auxiliadora como escola para seu filho(a)?

O motivo de escolher o colégio é para que ela tenha uma aprendizagem diferenciada, com mais informações.

4) Como você percebe o crescimento pessoal de seu filho(a) nos últimos tempos? O quê você acredita ser responsável por este crescimento ou estagnação do processo pessoal dele(a)?

Percebo o crescimento de minha filha pela sua responsabilidade e comunicação. Acredito ser responsável pelo grau de crescimento de minha filha a instrução que ela vem recebendo pelos professores dentro e fora da sala de aula.

Resposta ao questionário enviado aos responsáveis - mãe do “Aluno 6”

1) Como sua família vive a religião ou religiosidade?

Acreditamos em Deus, este ser supremo que guia nossos passos. Costumamos repassar esta fé a nossos filhos, participando dos rituais católicos de nossa sociedade, como: missa, cursinho, grupos de casais, incentivando o convívio dos filhos em grupos de jovens, reflexões em grupos, etc.

2) Como você percebe a religiosidade de seu filho?

Sabemos que por uma questão social os jovens sentem vergonha de demonstrarem sua fé, principalmente em grupos que convivem socialmente, por exemplo, a escola. Sendo o Auxiliadora uma instituição que prioriza a religiosidade no cotidiano escolar, percebemos que ele se sente mais a vontade de seguir alguns rituais, como: rezar antes de dormir, agradecer a Deus sempre que se sente recompensado, e vez por outra, nos acompanhando nas missas.

3) Quais os motivos pela escolha do Colégio Auxiliadora como escola para seu filho(a)?

Escolhemos a escola por seu elevado conceito na cidade em oferecer uma educação de boa qualidade e, onde, um de seus objetivos é a valorização do lado espiritual, buscando o desenvolvimento integral do ser humano. O que desejamos para nosso filho é que seja uma pessoa bem sucedida em sua vida profissional, para isso a importância de obter um bom desenvolvimento intelectual, mas acima de tudo, queremos que ele seja feliz, de bem consigo mesmo, que consiga atingir sua inteireza.

4) Como você percebe o crescimento pessoal de seu filho(a) nos últimos tempos? O quê você acredita ser responsável por este crescimento ou estagnação do processo pessoal dele(a)?

Conforme nossos filhos adolescentes vão crescendo, as angústias também, pelo fato de, a cada dia, as ofertas que levam para maus caminhos se apresentam das mais diversas formas. Temos percebido o crescimento do nosso filho através de diálogos diários, onde abordamos assuntos que envolvem várias questões, procurando escuta-lo e aconselha-lo. Procuramos nos fazer presente sempre que a escola solicita. Outra forma que usamos para nos manter conectados com o mundo dos adolescentes é acolher os amigos do nosso filho em nossa casa, para conhece-los melhor e monitorar as companhias.

Resposta ao questionário enviado aos responsáveis - mãe da “Aluno 7”

1) Como sua família vive a religião ou religiosidade?

Frequentamos a igreja, cada um de sua forma em especial nos relacionamos com Deus.

2) Como você percebe a religiosidade de seu filho?

Até pelos seus atos participativos em relação a igreja, pois se dependesse da vontade dela, hoje seria catequista, mas por ter a obrigação de cumprir outras atividades, não foi possível fazê-lo.

3) Quais os motivos pela escolha do Colégio Auxiliadora como escola para seu filho(a)?

Pela boa qualificação em relação ao aprendizado e por a religião estar bem presente em todas as atividades escolares, pois acredito que dessa forma qualifica-se melhor uma pessoa.

4) Como você percebe o crescimento pessoal de seu filho(a) nos últimos tempos? O quê você acredita ser responsável por este crescimento ou estagnação do processo pessoal dele(a)?

O amadurecimento dela se deve com certeza ao esforço que ela tem em relação aos estudos e a crença em Deus, pois sem isso não chegamos a lugar nenhum.